Iluminações

O VOO DA ÁGUIA

KRISHNAMURTI

ÍNDICE Primeira parte

Segunda parte

Terceira parte

Quarta parte

PRIMEIRA PARTE

1. A LIBERDADE

Pensamento, prazer e dor

Para a maioria de nós a liberdade é uma idéia, não uma realidade. Quando falamos de liberdade, o que queremos é ser livres no externo, fazer o que nos agrade, viajar, estar livres para nos expressar de diferentes maneiras e para pensar o que gostarmos.

A expressão externa da liberdade parece ser de extraordinária importância, especialmente nos países onde há tirania e ditadura. E naqueles países onde é possível a liberdade externa, em busca de mais, agradar mais, mais e mais posses.

Se é que vamos inquirir profundamente no que a liberdade implica: ser total e completamente livres no interno o qual se expressa logo exteriormente na relação com a sociedade- então me parece que devemos nos perguntar se a mente humana, que está tão excessivamente condicionada, pode alguma vez ser de tudo livre. Tem a mente que viver e funcionar sempre dentro das fronteiras de seu próprio condicionamento, de maneira que não haja possibilidade alguma de liberdade para ela? Vemos como a mente, ao compreender de maneira verbal que não existe liberdade alguma sobre esta terra, nem interna nem exteriormente, começa então a inventar a liberdade em outro mundo, uma liberação futura, um céu etc.

Descartemos todos os conceitos teóricos e ideológicos da liberdade para que possamos inquirir se nossas mentes, a de vocês e a minha, podem alguma vez estar realmente livres, livres da dependência do medo, da ansiedade, livres dos inumeráveis problemas, tanto dos conscientes como dos que se ocultam nas capas mais profundas do inconsciente. Pode existir liberdade psicológica completa, de maneira que a mente humana possa dar com algo que não seja temporário, que não seja produto do pensamento, e que ao mesmo tempo não constitua um escapamento das realidades da vida cotidiana?

A menos que a mente humana esteja de tudo livre interna, psicologicamente, não é possível ver o que é verdadeiro, ver se existir uma realidade que não seja inventada pelo temor, que não seja moldada pela sociedade ou pela cultura em que vivemos, e que não seja um escapamento da rotina diária, com seu tédio, solidão, inquietação e desespero. Para descobrir se realmente existe tal liberdade, a gente tem que dar-se conta de seu próprio condicionamento, dos problemas, da monótona superficialidade, do vazio e insuficiência de sua vida cotidiana e, sobre tudo, tem que dar-se conta do temor. A gente tem que ser consciente de si mesmo não de maneira introspectiva ou analítica, a não ser dando-se conta de como um é em realidade, e ver também se for possível estar inteiramente livre de todos esses problemas que parecem nublar e confundir a mente.

Para explorar, como vamos fazer o, tem que haver liberdade, não ao final, a não ser do mesmo princípio. A gente não pode explorar, investigar ou examinar as coisas a menos que seja livre. Para poder olhar profundamente se requer não só liberdade, mas também a disciplina necessária para observar. A liberdade e a disciplina vão juntas (não é que alguém deva ser disciplinado para logo ser livre). Usamos a palavra “disciplina” não no aceito sentido tradicional que implica conformar, imitar, reprimir segundo um patrão determinado, mas sim com o significado da raiz da palavra, que é “aprender”. O aprender e a liberdade vão juntos, e a liberdade gera sua própria disciplina; não uma disciplina imposta pela mente para obter certo resultado. Estas duas coisas são essenciais: a liberdade e o ato de aprender. A gente não pode aprender sobre si mesmo a menos que seja livre, de modo que possa observar, não de acordo com algum patrão, fórmula ou conceito, a não ser observar-se a si mesmo tal como é. Essa observação, essa percepção, esse ver, geram sua própria disciplina e seu próprio aprender. Isto não implica conformidade, imitação, repressão ou controle de classe alguma; e nisso há grande beleza.

É um fato óbvio que nossas mentes estão condicionadas por uma cultura ou sociedade em particular, influídas por diversas impressões, pelas exigências e tensões da vida de relação, por fatores econômicos, climáticos, educativos, pela conformidade religiosa, etc. Nossas mentes estão treinadas para aceitar o medo e para escapar, se isso for possível desse medo, e nunca somos capazes de pôr término completamente à natureza e estrutura total do medo. De maneira que nossa primeira pergunta é: pode a mente, tão recarregada como está, pôr fim por completo, não só a seu condicionamento, mas também a seus medos? Porque é o medo que nos faz aceitar o condicionamento.

Não se limitem a escutar um cem números de palavras e idéias que realmente não têm valor algum; observem, mediante o ato de escutar, os próprios estados da psique, tão verbais como não verbais. Inquiram se a mente pode chegar a ser livre, não aceitando o medo, nem escapando, nem dizendo “devo desenvolver valor, resistência”, a não ser dando-se conta completamente do medo no que alguém está apanhado. A gente não pode ver muito clara e

profundamente enquanto não está livre dessa qualidade do medo; e é óbvio que quando há medo não há amor.

Portanto, pode a mente chegar de fato a estar livre do medo? Parece-me que essa é tanto para mim como para qualquer pessoa cabalmente séria, uma das perguntas básicas e essenciais que devem ser formuladas e resolvidas definitivamente. Há temores físicos e temores psicológicos. Existem os medos físicos à dor e os medos psicológicos, a lembrança de ter sofrida dor no passado, e a idéia de que pode repetir-se essa dor no futuro. Existem também os medos à velhice e à morte, os medos à insegurança física, à incerteza do amanhã, a não conseguir ser um grande êxito, a não chegar a realizar a ambição de ser alguém neste feio mundo; os medos à destruição, à solidão, a não amar ou não ser amado, etc. Existem os medos conscientes ao igual aos medos inconscientes. Pode a mente estar completamente livre de tudo isto? Se a mente disser que não pode, então se incapacitou ela mesma, distorceu-se e é incapaz de perceber, de compreender; incapaz de estar quieta, em completo silêncio. É, pois, uma mente que na escuridão procura a luz sem jamais encontrá-la e, portanto, inventa uma “luz” feita de palavras, conceitos, teorias.

Como pode uma mente tão sobrecarregada de medos, com todo seu condicionamento, estar alguma vez livre de todo isso? Ou é que devemos aceitar o medo como algo inevitável na vida? E a maioria de nós aceitamos o medo, toleramo-lo. O que temos que fazer? Como vamos você e eu, seres humanos, nos desfazer do medo? Não de um medo em particular mas sim do medo total, de toda a natureza e estrutura do temor.

O que é o temor? (Se me permite sugeri-lo, não aceitem o que diz o que fala, pois não tem autoridade alguma, não é um professor, nem é um gurú; porque se o fora então vocês seriam seguidores, e se vocês forem seguidores, destroem-se a si mesmos e destroem ao professor). Estamos tratando de descobrir a verdade sobre a questão do medo, em forma tal que a mente não volte a abrigar temor e esteja, portanto, por completo livre interna, psicologicamente, de toda dependência. A beleza da liberdade é que não deixa rastro. A águia, em seu vôo, não deixa rastro; o cientista o deixa. Ao inquirir nesta questão da liberdade é indispensável que haja, não só a observação científica, mas também o vôo da águia que não deixa rastro algum. Ambos são necessários; tem que haver tanto a explicação verbal como a percepção não verbal, pois a descrição nunca é a realidade descrita: é óbvio também que a explicação nunca é a coisa explicada. Quer dizer, a palavra nunca é a coisa.

Se tudo isto estiver claro, então podemos prosseguir. Podemos descobrir por nós mesmos não por boca do que fala, não por meio de suas palavras, idéias ou pensamentos- se a mente pode estar completamente livre do medo.

O dito nesta primeira parte não é uma introdução; se não o escutaram claramente e não o compreenderam, não podem passar a seguinte.

A fim de inquirir tem que haver liberdade para olhar; tem que estar livre de prejuízos, conclusões, conceitos, ideais, de modo que possa observar por si mesmo o que é o medo. Quando a gente observa muito de perto, intimamente, há medo algum? Isto é: a gente pode observar o medo muito de perto, intimamente, só quando o "observador" é o "observado". Vamos investigar isto. O que é o temor? Como surge? Os medos físicos óbvios podemos compreender, igual aos perigos físicos, para os quais temor uma reação instantânea; são bastante fáceis de entender e não temos que aprofundar muito neles. Mas falemos sobre os medos psicológicos: como surgem? Qual é sua origem? Esta é a questão. Existe o medo de algo que ocorreu ontem; o medo de algo que poderia ocorrer mais tarde, hoje ou amanhã. Existe o medo do que conhecemos, e existe o medo do desconhecido, que é o amanhã. A gente pode ver por si mesmo muito claramente que o medo se origina na estrutura do pensamento, pensando naquilo que ocorreu ontem e que alguém teme, ou pensando no futuro. Verdade? O pensamento gera o medo, não é assim? Por favor, vamos estar bem seguros disto; não aceitem minhas palavras; estejam absolutamente seguros por si mesmos de que o pensamento é a origem do medo. Pensar sobre a dor, a dor psicológica que alguém experimentou faz algum tempo e desejar que não se repita, o só pensar sobre isso, engendra medo. Podemos prosseguir daí? Não poderemos ir mais longe a menos que vejamos isto muito claramente. Ao pensar sobre uma experiência, uma situação em que houve mal-estar, perigo, tristeza ou dor, o pensamento gera medo. E tendo estabelecido psicologicamente certa segurança, não quer que essa segurança se altere, porque cada incerteza constitui um perigo, e, portanto, surge o medo.

O pensamento é responsável pelo temor e também é responsável pelo prazer. Quando a gente desfrutou de uma experiência agradável, o pensamento pensa nela e deseja perpetuá-la; e quando isso não é possível, há resistência, ira, desespero e medo, portanto, o pensamento engendra o temor e o prazer, não é assim? Isto não é uma conclusão verbal, nenhuma fórmula para fugir do medo. Isso quer dizer que onde há prazer há dor e medo perpetuadas pelo pensamento. O prazer vai junto à dor. Os dois são indivisíveis, e o pensamento é responsável por ambos. Se não houvesse o amanhã, nem o momento seguinte, sobre os quais pensar em termos de temor ou de prazer, então nenhum dos dois existiria. Seguimos adiante? É isso uma realidade, não como uma idéia, mas sim como uma coisa que a gente mesmo tem descoberto e que, portanto, é real, de maneira que a gente possa dizer: "tenho descoberto que o pensamento gera tanto o prazer como o medo"? Um desfrutou do prazer sexual e depois pensa nele através de imagens, quadros mentais, e o mesmo pensar sobre o sexo fortalece esse prezer que agora existe nas imagens do pensamento, e quando isso se frustra há dor, ansiedade, medo, ciúmes, mortificação, ira, brutalidade. E com isso não queremos dizer que não deva experimentar prazer. A bem-aventurança não é prazer; o êxtase não é gerado pelo pensamento; é uma costure de tudo diferente. A gente pode chegar à

bem-aventurança ou ao êxtase só quando compreende a natureza do pensamento, o qual gera tanto o prazer como o temor.

Então surge a pergunta: podemos deter o pensamento? Se o pensamento gerar o medo e o prazer porque é bastante óbvio que onde há prazer tem que haver dor- então se pergunta: pode cessar o pensamento? o qual não significa que termine a percepção ou o desfrute da beleza-. É como se víssemos a beleza de uma nuvem ou de uma árvore e a desfrutássemos de total, completa e plenamente; mas quando o pensamento procura ter a mesma experiência amanhã, o mesmo deleite que experimentou ontem vendo essa nuvem, essa árvore, essa flor, a face atrativa de alguma pessoa, então convida à desilusão, à dor, ao medo e ao prazer.

Pode, portanto, terminar o pensamento? Ou é essa uma pergunta totalmente errônea? É uma pergunta errônea porque desejamos experimentar um estado de êxtase, de bem-aventurança, o qual não é prazer. Mediante a terminação do pensamento esperamos encontrar algo que seja imenso, que não seja produto do prazer e do temor. A pergunta correta é: que papel desempenha o pensamento na vida? E não como podemos acabar com o pensamento? Qual é a relação do pensamento com a ação e com a não ação? Qual é a relação do pensamento com a ação quando a ação é necessária? por que, quando existe o desfrute completo da beleza, tem que surgir o pensamento em forma alguma? porque se não surgisse não se projetaria para o futuro-. Desejo averiguar quando existe o pleno desfrute da beleza de uma montanha, de um rosto formoso, de uma extensão de água- por que tem que brotar o pensamento dizendo: “tenho que voltar a desfrutar desse prazer amanhã”. Tenho que descobrir qual é a relação do pensamento com a ação, e também se deve intervir o pensamento quando o pensamento não é necessário absolutamente. Vejo uma árvore bela, sem uma só folha, erguido contra o céu; é extraordinariamente belo, e isso é suficiente; fim. por que tem que misturar o pensamento e dizer, “devo experimentar esse mesmo deleite amanhã”? E também vejo que o pensamento tem que operar na ação. A habilidade na ação é também habilidade no pensamento, portanto, qual é a verdadeira relação entre o pensamento e a ação? Tal como ocorre, nossa ação se apóia em conceitos, em idéias. Tenho uma idéia ou um conceito do que deveria fazer-se, e o que se faz é uma aproximação a esse conceito, idéia ou ideal. De maneira que existe uma divisão entre a ação e o conceito, o ideal, “o que deveria ser”; e nessa divisão há conflito. Qualquer divisão psicológica tem que engendrar conflito. Pergunto-me: “qual é a relação do pensamento com a ação?” Se existir divisão entre a ação e a idéia, então a ação é incompleta. Existe alguma ação na qual o pensamento vê algo instantaneamente e atua imediatamente, sem que haja nenhuma idéia, nenhuma ideologia que atue separadamente? Existe alguma ação na qual o mesmo ver é a ação, na qual o mesmo pensar é a ação? Vejo que o pensamento gera medo e prazer; vejo que onde existe o prazer há dor e, portanto, resistência à dor. Vejo isso claramente, e o vê-lo é a

ação imediata; no vê-lo participam o pensamento, a lógica e o pensar com claridade; e não obstante, o vê-lo e a ação são instantâneos, portanto, nisso há liberdade.

Estamo-nos comunicando? Vamos devagar porque isto é complicado, difícil. Por favor, não diga “sim” tão facilmente. Se disser que sim, então quando abandonar a carpa deve estar livre do medo. O dizer que “sim” é uma mera asseveração de que compreendeu verbalmente, intelectualmente o qual não significa nada. Você e eu estamos aqui esta manhã investigando a questão do temor e quando sair daqui deve estar completamente livre do temor. Isso significa que você é um ser humano livre, um ser humano diferente, totalmente transformado; mas não que vai ser o amanhã, mas sim o é agora mesmo, porque você vê com claridade que o pensamento engendra medo e prazer, você vê que todos nossos valores estão apoiados no medo e o prazer os valores morais, éticos, sociais, religiosos ou espirituais. Se você vir esta verdade e para vê-la tem que estar extraordinariamente alerta, observando cada movimento do pensamento em forma clara e lógica, então esse mesmo ver é uma ação total e, portanto, quando você sai daqui está completamente livre do medo. Do contrário dirá como vou estar livre do medo amanhã?

O pensamento tem que funcionar na ação. A gente tem que pensar quando vai para sua casa ou quando vai abordar um ônibus, um trem, quando vai ao escritório, e então o pensamento funciona eficientemente, objetivamente, em forma impessoal e sem emoções. Esse pensamento é de vital importância. Mas quando o pensamento continua essa experiência que você teve e a leva através da memória, para o futuro, então tal ação é incompleta, e, portanto, existe uma forma de resistência.

Podemos então passar a seguinte pergunta, a qual sugiro formulemos assim: qual é a origem do pensamento e quem é o pensador? A gente pode ver que o pensamento é a resposta do conhecimento, da experiência como lembrança acumulada, de cujo trasfondo surge uma resposta do pensamento a qualquer provocação. Se perguntam onde vive, a resposta é imediata. A memória, a experiência, o conhecimento é o trasfondo do qual brota o pensamento, portanto, o pensamento nunca é novo; o pensamento é sempre velho; o pensamento não pode ser nunca livre, porque está ligado ao passado, e, portanto não pode ver nada novo. Quando compreendo isto com claridade, a mente se aquieta. A vida é um movimento constante de relação, e o pensamento, tratando de capturar esse movimento como fim do passado, como memória, sente medo à vida.

Quando percebemos tudo isso, quando percebemos que a liberdade é necessária para inquirir e para inquirir claramente tem que haver a disciplina do aprender, e não da repressão ou a imitação, quando vemos como a mente foi condicionada pela sociedade, pelo passado, quando percebemos que todo pensamento que se origina no cérebro é velho e, portanto, incapaz de

compreender nada novo, então a mente se aquieta por completo sem ser controlada, nem aquietada. Não existe sistema ou método algum não importa que seja Zen do Japão ou um sistema da Índia para obter que a mente esteja quieta, porque o mais certo que possa fazer a mente é disciplinar-se para estar quieta. Se virmos agora tudo isso se o virmos realmente e não como algo teórico deve perceber surge então uma ação, e essa ação é a que nos libera do medo. Assim, em cada ocasião em que o medo surge, há imediata percepção e terminação desse medo. O que é o amor? Para a maioria de nós é prazer e, portanto, medo. Isso é o que chamamos amor. Então, o que é o amor quando compreendemos o prazer e o medo? Quem vai responder essa pergunta? que fala, o sacerdote, o livro? É que algum agente externo nos vai dizer que o estamos fazendo muito bem e que devemos continuar adiante? Ou é que tendo examinado, observado e visto em forma não analítica a estrutura e a natureza total do prazer, do medo, da dor, encontramos que "o observador", "o pensador" é parte do pensamento? Se não existir o pensamento, não existe o "pensador", pois ambos são inseparáveis; o pensador é o pensamento. Há certa beleza e sutilidade em ver isso. Onde está agora a mente que começou a inquirir neste problema do medo? Compreendem? Qual é agora a condição da mente que passou por tudo isso? É a mesma que era antes de chegar a este estado? depois de ter visto isto intimamente, de ter visto a natureza desta costure chamada pensamento, medo e prazer; qual é o verdadeiro estado da mente agora? É óbvio que ninguém, exceto você mesmo, pode responder essa pergunta, e se tiver podido aprofundar nela verá que a mente experimentou uma transformação total.

Interlocutor: (Inaudível).

Krishnamurti: Uma das coisas mais fáceis que há é fazer uma pergunta. Provavelmente alguns estiveram pensando que pergunta iriam formular enquanto eu falava. Estamos mais interessados em nossa pergunta que em escutar. Terá que fazer perguntas sobre a gente mesmo tão aqui como em qualquer outro lugar. É muito mais importante fazer a pergunta correta que receber a resposta. A solução de um problema reside na compreensão do problema; a resposta não está fora do problema, a não ser no problema mesmo. Não podemos ver o problema muito claramente se estamos preocupados com a resposta, com a solução. A maioria de nós desejamos resolver o problema sem investigá-lo, e para investigá-lo devidamente é preciso ter energia, intensidade, paixão, e não a indolência e a preguiça que padecemos quase todos nós, já que preferimos que alguma outra pessoa resolva. Não há ninguém que vá resolver nenhum de nossos problemas, sejam políticos, religiosos ou psicológicos. Temos que ter muita energia, paixão e intensidade para olhar e observar o problema, e então, ao observá-lo, a solução surge muito claramente. Isso não implica que vocês não devem fazer perguntas; pelo contrário, têm que as fazer. Devem duvidar de tudo o que se há dito, sem importar quem o diga, inclusive o que fala.

Interlocutor: Existe o perigo de cair na introspecção ao dirigir o olhar a nossos problemas pessoais?

Krishnamurti: por que não tem que haver perigo? Há perigo ao cruzar a rua. Quer você dizer que não devemos olhar porque é perigoso fazê-lo? Lembro que uma vez, se me permite relatar um caso que serve de exemplo, um homem muito rico veio nos ver e disse: "Sou muito, muito sério, e estou interessado no que você diz e desejo resolver todo meus „isto e o de mais à frente" vocês sabem, as tolices de que fala a gente. Disse-lhe: "muito bem, senhor, investiguemos isso", e falamos. Voltou várias vezes, e depois da segunda semana veio e me disse: "tenho sonhos horríveis, espantosos, e me parece ver que tudo o que me rodeia desaparece, que todas as coisas se vão"; e acrescentou: "provavelmente isso é o resultado de inquirir dentro de mim mesmo e vejo o perigo que isso representa". Após, não voltou mais.

Todos queremos estar a salvo, seguros em nosso pequeno mundo o mundo da "ordem bem estabelecida" que é desordem, o mundo de nossas relações particulares que não desejamos que se perturbem a excludente e estreita relação entre marido e mulher, em que há desdita, desconfiança, temor, perigo, ciúmes, ira, domínio.

Existe uma maneira de olhar dentro de nós mesmos sem medo, sem perigo; é o olhar sem condenação nem justificação, simplesmente o olhar, sem interpretar, sem julgar, sem avaliar. Para isso a mente tem que estar ansiosa de aprender mediante a observação do que realmente é. Que perigo há no que é"? Os seres humanos são violentos; isso é em realidade "o que é", e o perigo que provocaram no mundo é o efeito desta violência, é o resultado do medo. O que tem de perigoso em observá-lo e em tratar de extirpar completamente esse medo, de tal maneira que possamos criar uma sociedade diferente com diferentes valores? Há grande beleza na observação, em ver as coisas como são, psicológica, internamente; o qual não quer dizer que alguém aceite as coisas como são, nem tampouco que as rechace ou deseje alterar "o que é", porque a mesma percepção do que é" gera sua própria mutação. Mas um deve conhecer a arte de "olhar" e a arte de "olhar" nunca é introspectivo ou analítico, mas sim consiste, simplesmente, em observar, sem opção alguma.

Interlocutor: Não existe o medo espontâneo?

Krishnamurti: Chamaria você medo a isso? Quando você sabe que o fogo queima, quando vê um precipício, é medo afastar-se? Quando se aparta ante um animal selvagem, uma serpente é isso medo, ou é inteligência? Essa inteligência pode ser o resultado do condicionamento, porque você foi condicionado aos perigos de um precipício, de outro modo poderia cair, e isso seria o final. Essa inteligência lhe adverte que tome cuidado; é medo essa inteligência? Mas é essa a inteligência que funciona quando nos dividimos em nacionalidades, em grupos religiosos? Ao nos dividir entre "você" e "eu", "nós" e "eles", atuamos com inteligência? O que opera nesta divisão, o que ocasiona

perigos, o que separa às pessoas, o que provoca guerras, é inteligência em ação, ou é medo? Isso é medo, não inteligência. Em outras palavras, fragmentamo-nos; uma parte de nós atua, se for necessário, inteligentemente, como quando evitamos um precipício ou um ônibus que passa, mas não somos o bastante inteligentes para ver os perigos do nacionalismo, os perigos da divisão entre os seres humanos. De maneira que uma parte de nós uma parte muito pequena é inteligente, e o resto não o é. Onde há fragmentação tem que haver conflito e miséria; a essência mesma do conflito é a divisão e a contradição em nós mesmos. Essa contradição não pode ser integrada. Uma de nossas idéias mais peculiares é a de que devemos nos integrar a nós mesmos. Não sei o que isso realmente significa. Quem é o que vai integrar as duas naturezas divididas e em oposição? Não é parte dessa divisão o próprio integrador? Entretanto, quando a gente vê a totalidade disso, quando a percebe sem opção alguma, então não há divisão.

Interlocutor: Existe alguma diferença entre pensamento correto e ação correta?

Krishnamurti: Quando você usa a palavra “correto” em relação com pensamento e ação, então essa ação “correta” é ação “incorreta”, não é assim? Quando usamos a palavra “correta”, já temos uma idéia do que é correto. Quando você tem uma idéia do que é “correto”, isso é “incorreto”, porque o que considera “correto” se apóia em seu prejuízo, em seu condicionamento, em seu temor, em sua cultura, em sua sociedade, em suas próprias características particulares, temores, sancione religiosas, etc. Você tem a norma, o patrão, e esse mesmo patrão é em si incorreto e imoral. A moralidade social é imoral. Está você de acordo? Se estiver de acordo então rechaçou a moralidade social que é cobiça, inveja, ambição, culto às hierarquias, etc. Mas quando diz que está de acordo é porque o viveu? Quer você significar realmente que a moralidade social é imoral, ou se trata unicamente de umas quantas palavras? Senhor, o ser realmente moral, virtuoso, é uma das coisas mais extraordinárias na vida, e essa moralidade não tem absolutamente nada que ver com a conduta social e ambiental. Para ser realmente virtuoso terá que ser livre, e a gente não é livre se seguir a moralidade social da cobiça, a inveja, a competência, o culto ao êxito vocês sabem, todas essas coisas que a sociedade antepor como morais.

Interlocutor: Temos que esperar que ocorra esta mudança, ou existe alguma disciplina que possamos utilizar?

Krishnamurti: Necessitamos acaso uma disciplina para nos dar conta de que o próprio ver é ação? Necessitamo-la?

Interlocutor: Poderia nos falar da mente quieta? É ela o resultado da disciplina? Ou não o é?

Krishnamurti: Olhe senhor, em uma parada um soldado está muito quieto, com suas costas reta, sustentando o rifle com precisão; exercitou-se dia após dia; para ele não existe liberdade alguma. Está muito quieto, mas é isso quietude?

É quietude a de um menino que está absorto em um brinquedo? tire-lhe o brinquedo e o menino volta para sua própria maneira de ser. Compreenda isto de uma vez e para sempre, porque é muito singelo: pode a disciplina criar a quietude? Pode que produza embotamento, um estado de estancamento, mas, produz essa quietude que, sendo quietude, é ao mesmo tempo intensamente ativa?

Interlocutor: Senhor, o que quer você que nós façamos aqui neste mundo?

Krishnamurti: Muito simples senhor: eu não quero nada. Isso é o primeiro. O segundo: viva, viva neste mundo. Este mundo é tão maravilhosamente belo. É nosso mundo, nossa terra sobre a qual vivemos. Mas não vivemos, somos mesquinhos, divididos, ansiosos; somos seres humanos atemorizados e, portanto, não vivemos, não conhecemos a verdadeira relação, somos seres solitários e desesperados. Não sabemos o que significa esse sentido de viver em êxtase, na sorte. Digo que podemos viver dessa maneira unicamente quando sabemos como estar livres de todas as tolices que enchem nossa vida. E estar livres delas só é possível quando nos damos conta de nossa relação, não só com os seres humanos, mas também com as idéias, com a natureza, com tudo. Nessa relação descobrimos o que somos: nosso medo; nossa ansiedade, desespero, solidão, e nossa completa ausência de amor. A gente está repleto de teorias, de palavras, de conhecimentos do que outras pessoas hão dito, mas nada conhece sobre si mesmo, e, portanto, a gente não sabe como viver.

Interlocutor: Como explica você os diferentes níveis de consciência do cérebro humano? O cérebro parece ser uma coisa física, e a mente não parece sê-lo. Além disso, a mente parece ter uma parte consciente e outra inconsciente. Como podemos ver com alguma claridade estas diferentes idéias?

Krishnamurti: O que você quer saber é a diferença entre o cérebro e a mente, não é assim, senhor? Não é o cérebro em si, que é o resultado do passado, conseqüência da evolução, de muitos milhares de anos, com todas suas lembranças, conhecimentos e experiência, não é esse cérebro parte da mente total? a mente em que há um nível consciente e outro inconsciente. Não é tudo isso uma totalidade, o físico assim como o não físico, o psicológico? Não somos nós que temos feito a divisão entre o consciente e o inconsciente, o cérebro e o não cérebro? Não podemos olhar a coisa inteira como uma totalidade não fragmentada?

É o inconsciente tão distinto do consciente? Ou é o inconsciente uma parte da totalidade que nós dividimos? Desde aí surge a pergunta: como pode a mente consciente dar-se conta da inconsciente? Pode o positivo, que é o funcional o que trabalha todo o dia observar o inconsciente?

Não sei se tivermos tempo para elucidar esta questão. Não estão vocês cansados? Por favor, senhores, não convertam isto em um entretenimento, como poderiam fazê-lo sentados em uma habitação agradável e cálida ouvindo

a voz de alguém. Estamos tratando com coisas muito sérias, e se vocês trabalharam como alguém deve fazê-lo, então têm que estar cansados. O cérebro não pode assimilar mais sem fatigar-se, e para afundar nessa questão do consciente e o inconsciente, necessitamos uma mente aguda, clara, que possa observar. Duvido muito que ao final de hora e meia vocês sejam capazes de fazê-lo. Estão vocês conforme em que consideremos esta questão depois?

Londres, 16 de março de 1969

2. A FRAGMENTAÇÃO

A divisão. O consciente e o inconsciente. Morrer para o "conhecido"

Íamos falar esta noite sobre o tema do consciente e o inconsciente, da mente superficial e as capas mais profundas do inconsciente. Pergunto-me por que dividimos a vida em fragmentos: a vida dos negócios, a vida social, a familiar, a religiosa, a esportiva, etc. por que existe esta divisão, não só em nós mesmos, mas também socialmente: nós e eles, você e eu, amor e ódio, morrer e viver? Parece-me que devemos aprofundar o bastante nesta questão para descobrir se existe um modo de vida no qual não haja divisão alguma entre o viver e o morrer, entre o consciente e o inconsciente, a vida social e a dos negócios, a vida familiar e a individual.

Estas divisões entre nacionalidades, religiões, classes sociais; toda esta separação dentro da gente mesmo, onde há tanta contradição, por que vivemos desse modo? Isso engendra muita desordem, conflito, guerras; produz verdadeira insegurança, tão interna como externamente. Há tanta divisão; Deus e o diabo, o mau e o bom, "o que deveria ser" e "o que é".

Considero que valeria a pena que dedicássemos esta noite a tratar de descobrir se existe uma maneira de viver não teórica ou intelectual, a não ser real na qual não haja divisão alguma, na qual a ação não esteja fragmentada, de maneira que a vida seja um fluir constante, e onde cada ação esteja relacionada com todas as demais ações.

Para descobrir uma maneira de viver na qual não haja fragmentação, temos que indagar muito profundamente na questão da morte e do amor. Se compreendermos isto, pode ser que alcancemos um modo de vida que seja um movimento contínuo, não fragmentado, um modo de vida altamente inteligente. Uma mente fragmentada carece de inteligência. O homem que leva meia dúzia de vidas o qual é aceito como sendo muito moral evidentemente revela falta de inteligência.

Parece-me que a idéia de integração juntar vários fragmentos para fazer um tudo não é uma idéia inteligente, porque isso implica que existe um integrador, um que está integrando, juntando todos os fragmentos. Mas a mesma entidade que trata de fazer isto é também parte do fragmento.

O que precisamos é uma inteligência e paixão de tal natureza que possa produzir uma revolução radical em nossa vida, de maneira que não haja ação contraditória, a não ser um movimento total e contínuo. Para que ocorra esse troco em nossa vida, tem que haver paixão. Para poder fazer algo que valha a pena, deve ter esta paixão intensa, a qual não é prazer. Para compreender essa ação que não é fragmentária ou contraditória, tem que existir esta paixão. Os conceitos intelectuais e as fórmulas não trocarão nosso modo de vida; só o fará a real compreensão do que é; e para isso deve haver intensidade, paixão.

Para averiguar se existe uma maneira de viver um viver cotidiano e não monástico que tenha essa qualidade de paixão e inteligência, alguém deve compreender a natureza do prazer. O outro dia examinamos a questão do prazer, como o pensamento sustenta a experiência que nos proporcionou um prazer momentâneo, e como pensando neste prazer o prolonga. E também consideramos que onde há prazer tem que haver dor e medo. É prazer o amor? Para a maioria de nós os valores morais se apóiam no prazer. Até a abnegação e o domínio de si mesmo a fim de adaptar-se devem ao impulso do prazer não importa o grande ou nobre que este seja.

É o amor uma coisa de prazer? Essa palavra “amor” está tão recarregada; todo mundo a usa, do político até o marido e a esposa. E me parece que só o amor, no sentido mais profundo da palavra, é o que pode criar um modo de vida no qual não haja fragmentação alguma. O medo sempre forma parte do prazer, e é óbvio que, onde haja alguma classe de medo na relação, tem que existir fragmentação, divisão.

Este inquirir por que a mente humana sempre se divide a si mesmo em oposição a outras, trazendo como resultado violência e o que se espera conseguir mediante a violência, é realmente um exponho muito profundo. Os seres humanos estão comprometidos com uma forma de vida que conduz à guerra, apesar de que de uma vez desejamos paz e liberdade; mas se trata da paz só como uma idéia, como uma ideologia. E ao mesmo tempo, tudo o que nos fazemos condiciona.

Psicologicamente existe a divisão do tempo: tempo como passado (o ontem), hoje e amanhã, e temos que investigar isto se desejamos encontrar uma maneira de viver na qual não exista divisão alguma. Temos que averiguar se for o tempo como passado, presente e futuro o tempo psicológico- a causa dessa divisão. É a divisão produzida pelo conhecido, como memória, que é o passado, que é o conteúdo do próprio cérebro? Ou é que a divisão surge porque o “observador”, o “experimentador”, o “pensador” está sempre separado da coisa que observa, que experimenta? Ou é a atividade egocêntrica, que é o “eu” e o “você”, ao criar suas próprias resistências, suas próprias atividades isoladas, o que ocasiona essa divisão? Ao examinar este assunto, temos que nos dar conta dos seguintes problemas: o tempo; o “observador”, separando-se

a si mesmo da coisa observada; o experimentador, diferente da experiência; o prazer, e se tudo isto tem algo que ver com o amor.

Existe psicologicamente o manhã? Existe em uma forma real, que não seja invenção do pensamento? Existe um manhã no tempo cronológico, mas existe em realidade o manhã psicologicamente, internamente? Se existir o manhã como idéia, então a ação não é completa, e essa ação engendra divisão, contradição. A idéia do manhã, do futuro, é a causa de não ver muito claramente as coisas como são agora, e por isso pensamos: "espero as ver com mais claridade amanhã". Não é assim? Somos preguiçosos e não temos essa paixão, esse interesse vital que é necessário para inquirir. O pensamento inventa a idéia de chegar eventualmente, de compreender eventualmente, e para isso o tempo está necessário, e muitos dias são necessários. Traz o tempo compreensão, capacita-o a um para ver algo muito claramente?

É possível para a mente estar livre do passado de maneira que não se ache atada pelo tempo? Psicologicamente há o manhã em términos do conhecido; então, existe a possibilidade de estar livre do conhecido? É possível uma ação que não o seja em términos do conhecido?

Uma das coisas mais difíceis é comunicar-se. Deve haver comunicação verbal, isso é óbvio, mas acredito que existe um plano mais profundo de comunicação, no qual não há unicamente comunicação verbal, a não ser comunhão, onde ambos nos encontramos no mesmo nível, com a mesma intensidade, com a mesma paixão. É só então quando há comunhão, que é algo muito mais importante que a mera comunicação verbal. E como estamos falando de algo bem complexo, que toca muito profundamente nossa vida cotidiana, tem que haver não só comunicação verbal, mas também comunhão. O que nos interessa é uma revolução psicológica radical; não em um futuro distante, a não ser realmente hoje, agora nos interessa descobrir se a mente humana, que esteve tão condicionada, pode trocar imediatamente, de maneira que suas ações sejam uma unidade contínua, não fracionada e, portanto, não escavada por seus arrependimentos, desesperanças, temores, ansiedades, seu sentimento de culpa, etc. Como pode a mente despojar-se de tudo isso e ser completamente fresca, jovem, inocente? Esse é realmente o problema. Não acredito que uma revolução tão radical seja possível enquanto exista divisão entre o "observador" e o observado, entre o "experimentador" e o experiente. Esta divisão é a engendra do conflito. Toda divisão tem que trazer conflito, e é óbvio que mediante o conflito, mediante a luta, a luta, não pode haver troco no sentido psicológico profundo, mesmo que possa haver mudanças superficiais, assim, como se enfrentarão a mente, o coração e o cérebro, nossa condição total, a este problema da divisão?

Dissemos que indagaríamos nesta questão do consciente e das capas mais profundas, ou seja, do inconsciente; e agora perguntamos por que existe esta divisão entre a mente consciente que está ocupada em suas atividades diárias,

preocupações, problemas, prazeres superficiais, subsistência, etc, e os níveis mais profundos dessa memore com todas suas ocultas motivações, seus impulsos, suas demandas prementes, seus medos, por que existe esta divisão? Existe porque estamos tão ocupados levianamente com nosso bate-papo interminável, com nosso constante demanda de diversão, entretenimento, tanto religioso como de outra natureza? Porque não é possível que a mente aprofunde e sonde nela mesma enquanto surja esta divisão.

Qual é o conteúdo das capas mais profundas da mente não de acordo com os psicólogos, Freud, etc. e como o averiguam vocês se não lerem o que outros hão dito? Como descobrem o que é seu inconsciente? Vocês o observam, não é assim? Ou esperam que seus sonhos interpretem o conteúdo do inconsciente? E quem vai decifrar esses sonhos? Os peritos? Eles também estão condicionados por sua especialização. E a gente pergunta: é possível não sonhar absolutamente? Exceto, certamente, se a gente tiver pesadelos quando tomou o alimento indevido, ou jantou excessivamente durante a noite.

Existe o inconsciente (no momento usaremos a palavra). Do que parece? É óbvio que do passado; de todas as consciências raciais, o resíduo racial, a tradição familiar, os diversos condicionamentos religiosos e sociais; ocultos, escuros, ignorados. Pode tudo isso ser descoberto e revelado sem sonhos, ou sem visitar um analista, de maneira que quando a mente dorme esteja quieta e não incessantemente ativa? E pelo fato de estar quieta, não é possível que surja nela uma qualidade distinta, uma atividade de tudo diferente, que esteja dissociada das ansiedades, temores, preocupações, problemas e exigências diárias? Para descobrir se isso é possível, ou seja, não sonhar absolutamente, de maneira que a mente esteja fresca ao despertar pela manhã, a gente tem que dar-se conta de todas as insinuações e intimações durante o dia. Unicamente pode um as descobrir na convivência, quando está observando sua relação com outros, sem condenar, ajuizar nem avaliar; simplesmente observando como um se comporta, como reage; observando sem opção alguma, simplesmente observando, de maneira que durante o dia o inconsciente seja revelado.

Por que damos um significado e sentido tão profundo ao inconsciente? depois de tudo é tão corriqueiro como o consciente. Se a mente consciente estiver extraordinariamente ativa, observando, escutando, vendo, então a mente consciente se volta mais importante que a inconsciente. Nesse estado o conteúdo do inconsciente se revela e cessa a divisão entre as distintas etapas. Se observarem suas reações enquanto estão sentados no ônibus, quando falam com a esposa ou o marido, quando se acham no escritório, escrevendo, enquanto estão sozinhos se é que alguma vez estão sozinhos então nesse processo total de observação, nesse ato de ver (no qual não há divisão entre o “observador” e o “observado) cessa a contradição.

Quando isto resulta claro, então podemos perguntar: O que é o amor? O amor é prazer? O amor são ciúmes? O amor é possessivo? O amor é dominante? a esposa dominando ao marido e o marido à esposa. Indubitavelmente, nenhuma dessas coisas é amor; entretanto, levamos o peso delas, e mesmo assim dizemos a nosso marido ou a nossa mulher, ou a quem é, “amo-te”. Agora bem, a maioria de nós somos invejosos em uma ou outra forma. A inveja surge da comparação, do medir, do desejar ser algo diferente do que alguém é. Podemos ver a inveja como é em realidade, e estar completamente livres dela, de maneira que não volte a surgir? De outro modo não pode existir amor. O amor não é do tempo; o amor não pode cultivar-se; não é coisa de prazer.

O que é a morte? Qual é a relação entre o amor e a morte? Acredito que encontraremos a relação entre ambos quando compreendermos o significado da “morte”; para isso temos que compreender o que é viver. O que é em nossa realidade viver? O viver cotidiano, não o ideológico, não a coisa intelectual, isso que consideramos devesse ser, mas que é realmente falso. O que é na nossa verdade viver? O viver de todos os dias em conflito, desespero, solidão, isolamento. Nossa vida é um campo de batalha, tanto dormidos como acordados; tratamos de escapar de várias maneiras mediante a música, a arte, os museus, o entretenimento religioso ou filosófico, enhebrando muitas teorias, enredados no conhecimento; tudo menos pôr fim ao conflito, a esta batalha que chamamos viver, com sua dor constante.

Pode terminar a dor na vida cotidiana? A menos que a mente troque de modo radical, nosso viver tem muito pouco significado: ir todos os dias ao escritório, ganhá-la vida, ler uns poucos livros, poder citar a outros habilmente, estar muito bem informado, uma vida vazia, uma verdadeira vida burguesa. E segundo um se vai dando conta desta situação, começa a lhe inventar um sentido à vida, trata de lhe encontrar alguma justificação; então procura as pessoas talentosas que possam lhe dar a um o significado, o propósito da vida. O qual constitui um escapamento mais do viver. Esta classe de vida tem que sofrer uma transformação radical.

Por que lhe tememos à morte? Como lhe ocorre à maioria da gente. O que tememos? Por favor, observem seus próprios temores ao que chamamos morte ter medo de chegar ao final desta batalha que chamamos viver. Temos medo do desconhecido, pelo que possa ocorrer; temos medo de abandonar as coisas conhecidas, a família, os livros, o apego à casa e os móveis, às pessoas que nos rodeiam. Temos medo de deixar para trás as coisas conhecidas, e o conhecido é este viver em sofrimento, dor e desespero, com brilhos ocasionais de alegria. Não há fim para esta luta constante, e isso é o que chamamos viver e o que tememos perder. É o “eu” que é o resultado de toda essa acumulação. Quem tem medo de que isso chegue a seu fim? Então reclama uma esperança futura; portanto tem que existir a reencarnação. A idéia da reencarnação, na qual crie todo o Oriente, é que alguém nascerá na próxima vida um pouco mais alto nos degraus da escala. Se você foi uma máquina de lavar pratos nesta

vida será um príncipe ou o que seja na seguinte, e alguém lavará os pratos por você. Para aqueles que acreditam na reencarnação importa muito o que alguém é nesta vida, porque o que alguém faz, a maneira de comportar-se, o que são seus pensamentos, suas atividades, fará-lhe credor de uma recompensa ou castigo na vida seguinte, a qual dependerá de tudo isso. Mas a estas pessoas não importa nada a maneira de comportar-se porque para elas é só uma crença mais, como a crença de que existe o céu, Deus, ou o que se queira. O que seriamente importa é o que alguém é agora, hoje, como realmente se comporta tão interna como externamente. O Ocidente tem sua própria maneira de consolar-se em relação à morte e a racionaliza de acordo com seu próprio condicionamento religioso.

Portanto, o que é realmente a morte final? O organismo vai terminar porque envelhece, ou devido a enfermidade ou a um acidente. Muito poucos de nós envelhecemos belamente, porque somos seres torturados, e isso se reflete em nossos rostos com o passo dos anos; há tristeza na velhice ao recordar as coisas do passado.

Pode um morrer psicologicamente para todo o “conhecido” de dia em dia? A menos que nos liberemos do “conhecido”, nunca poderemos capturar o que é “possível”. Tal como estão as coisas, nossa “possibilidade” está sempre dentro do campo do “conhecido”, mas quando há liberdade, então a “possibilidade” é imensa. Pode um morrer psicologicamente para todo o passado, para todos os apegos, temores, para a ansiedade, a vaidade, o orgulho, morrer tão completamente que manhã desperte sendo um ser humano novo? Vocês dirão: como vai um fazer isso, qual é o método? Não existe método algum porque o “método” implica um manhã, implica que algo será praticado e realizado eventualmente, amanhã, depois de muitos manhãs. Podem ver imediatamente a verdade disso vê-la realmente e não em teoria, ver que a mente não pode ser fresca, inocente, jovem, vital, apaixonada, a menos que psicologicamente termine todo o passado? Mas não queremos nos desprender do passado porque somos o passado; todos nossos pensamentos se apóiam no passado; todo conhecimento é o passado; portanto, a mente não pode abandoná-lo; e qualquer esforço para fazê-lo é ainda parte do passado que espera alcançar um estado diferente.

A mente tem que voltar-se extraordinariamente quieta, silenciosa; e isto ocorre sem resistência alguma, sem sistema algum, quando ela vê a totalidade do problema. O homem sempre perseguiu a imortalidade; quando pinta um quadro e o assina, essa é uma forma de imortalidade; deixando um nome atrás dele, o que sempre deseja é deixar algo de si mesmo. O que tem o homem que dar de si mesmo, fora de seu conhecimento tecnológico? O que é ele? O que somos vocês e eu psicologicamente? Vocês podem ter uma conta de banco mais avultada, podem ser mais inteligentes que eu, ou isto ou aquilo, mas, o que somos psicologicamente, a não ser muitas palavras, lembranças, experiências, as quais desejamos passar a um filho, as consignar em um livro, ou as pintar

em um quadro, o que somos a não ser o “eu”? O “eu” se volta extremamente importante, o “eu” em oposição à comunidade, desejando identificar-se a si mesmo, desejando realizar-se, converter-se em algo grande, vocês sabem, tudo isso. Quando a gente observa esse “eu”, vê que é um feixe de lembranças, de palavras ocas. E é a isso o que nos apagamos, essa é a essência mesma da separação entre você e eu, eles e nós.

Quando compreendem tudo isto o observam cuidadosamente por si mesmos e não através de outro, sem julgá-lo, avaliá-lo, reprimi-lo, mas sim simplesmente observam, então vêem que o amor é possível unicamente quando há morte psicológica. O amor não é lembrança nem prazer. diz-se que o amor está relacionado com o sexo, e com isso voltamos para a divisão entre amor profano e amor sagrado, aprovando um e rechaçando ao outro. Sem dúvida, o amor não é nenhuma destas coisas. A gente não pode chegar a ele total, completamente, a menos que haja um morrer para o passado, um morrer para toda a luta, o conflito e o sofrimento. Então há amor; então a gente pode fazer o que quiser.

Como dissemos o outro dia, é bastante fácil fazer uma pergunta; mas para que esta tenha importância, terá que fazê-la com um propósito e persistir nela até tanto a gente mesmo a tenha respondido totalmente, pois o formular perguntas porque sim tem muito pouco sentido.

Interlocutor: Se a gente não estabelecer a divisão entre “o que é” e “o que deveria ser”, poderia sentir-se satisfeito e não se preocuparia com as coisas terríveis que ocorrem.

Krishnamurti: Qual é a realidade do que deveria ser”? É que tem alguma realidade? O homem é violento mas o “deveria ser” é pacífico. Qual é a realidade do “deveria ser” e por que insistimos no “deveria ser”? De cessar essa divisão, voltaria-se o homem mais complacente e o aceitaria tudo? Aceitaria eu a violência se não tivesse o ideal da não violência? A não violência foi pregada dos tempos mais remotos: não foscos, sei compassivo, etc; e o fato é que o homem é violento; isso é “o que é”. Se o homem o aceita como inevitável, então se volta complacente, tal como o é agora. Aceitou a guerra como uma forma de vida e continua fazendo-o apesar de que milhares de sanções religiosas, sociais e de outra classe dizem: “Não mate” não só ao homem, tampouco aos animais. Mas o homem mata animais para comer e vai à guerra. De modo que se não tivéssemos ideal algum, ficaríamos com “o que é”. O faria isso complacente a um? Ou teria um então a energia, o interesse, a vitalidade para resolver “o que é”: é o ideal de não violência um escapamento do fato da violência? Quando a mente não está escapando mas sim está enfrentando-se ao feito da violência de que alguém é violento, sem condenar o fato nem julgá-lo então essa mente tem, sem dúvida, uma qualidade de tudo diferente e deixa de ser violenta. Uma mente assim não aceita a violência. A violência não implica só ferir ou matar a alguém; violência é também esta

distorção que há no adaptar-se, imitar, seguir a moralidade social, ou no seguir a própria e peculiar moralidade de cada um. Toda forma de domínio e de repressão é distorção e, portanto, é violência. Não há dúvida de que para compreender "o que é" tem que existir um estado de atenção, de alerta vigilância, a fim de descobrir o real. E o fato real é a divisão que o homem criou mediante o nacionalismo, uma das principais causa da guerra; aceitamo-lo rendemos culto à bandeira. E estão as divisões criadas pela religião, somos cristãos, budistas, isto ou aquilo. Não poderíamos nos liberar do que é", observando o fato real? A gente pode estar livre disso só quando a mente não deforma o que observa.

Interlocutor: Qual é a diferença entre o ver conceitual e o ver real?

Krishnamurti: Vê você uma árvore conceitualmente ou o vê em realidade? Quando vê uma flor, vê-a diretamente, ou a vê através do peneira de seu próprio conhecimento botânico ou não botânico, ou do prazer que lhe brinda? Como a vê você? Se o ver é conceitual, ou seja, através do pensamento, é isso ver? Vêem vocês a sua esposa ou a seu marido? Ou vêem a imagem que têm dele ou dela? Essa imagem é o conceito mediante o qual alguém vê de modo intelectual, mas quando não há imagem alguma, então, a gente realmente vê, então está realmente em relação.

Assim, pois, qual é o mecanismo que constrói a imagem, que nos impede de ver realmente a árvore, a esposa ou o marido, ou o amigo, ou o que seja? Espero me equivocar, mas é óbvio que vocês têm uma imagem de mim, não é assim? Se tiverem uma imagem do que fala, não estão realmente escutando-o absolutamente. E quando um olhe a sua esposa, ou a seu marido, etcétera, e o faz através de uma imagem, não vê realmente à pessoa, mas sim a vê através da imagem, e portanto não existe relação absolutamente. A gente pode dizer "te amo", mas isso não tem sentido algum.

Pode a mente deixar de construir imagens no sentido em que estamos falando? Isso é possível só quando a mente está por completo atenta no momento, no instante mesmo da provocação ou da impressão. Tomemos um exemplo muito simples: o adulam, isso gosta, e o mesmo "gostar de" constrói a imagem. Mas se você escutar essa adulação com atenção completa, sem gosto nem desgosto, se a escuta completamente, totalmente, então não se forma a imagem; não chama a essa pessoa seu amigo e, à inversa, tampouco chama inimigo à pessoa que o insulta. A "formação de imagens" surge da não atenção. Quando há atenção não se cria conceito algum. Faça-o; verá o singelo que é descobri-lo. Quando você põe atenção completa ao olhar uma árvore, ou uma flor, ou uma nuvem, não há então projeção alguma de seus conhecimentos de botânica, ou de seu gosto ou desgosto; você simplesmente olhe (o qual não quer dizer que se identifica com a árvore, de maneira nenhuma pode você converter-se na árvore). Se olhe a sua esposa ou amigo

sem nenhuma imagem, então a relação é de tudo diferente; então o pensamento não intervém absolutamente e há uma possibilidade de amor.

Interlocutor: São concomitantes o amor e a liberdade?

Krishnamurti: Podemos amar sem liberdade? Se não formos livres, podemos amar? Podemos amar se formos ciumentos? Podemos amar se estamos atemorizados? Se enquanto estivermos no escritório perseguimos nossa particular ambição e ao retornar ao lar dizemos “te amo, querida” é isso amor? No escritório somos brutais, ardilosos, e no lar tratamos de ser amáveis, dóceis, é isso possível? É possível matar com uma mão e com a outra amar? Pode amar em forma alguma o homem ambicioso, ou pode o homem competitivo saber alguma vez o que o amor significa? Aceitamos todas essas coisas e a moralidade social. Mas quando negamos essa moral social por completo, com todo nosso ser, então somos em realidade morais; mas não fazemos isso. Somos moral e socialmente respeitáveis, e assim desconhecemos o que é o amor. Sem amor não é possível descobrir o que é a Verdade, nem se existe ou não existe isso que chamamos Deus. Podemos conhecer o que é o amor só quando sabemos morrer para todo o do ontem, para todas as imagens do prazer, sexual ou de outra classe. Então, quando há amor, que em si é virtude, que em si é moralidade toda a ética está contida nele, unicamente então poderá surgir essa Realidade, esse algo que é incomensurável.

Interlocutor: O indivíduo, que vive em um torvelinho, cria a sociedade, sustenta você que para trocar a sociedade o indivíduo se dela separe de maneira que não dependa da sociedade?

Krishnamurti: Não é o indivíduo a sociedade? Você e eu criamos esta sociedade com nossa cobiça, nossa ambição, nosso nacionalismo, nossa competência, brutalidade, violência; isso é o que temos feito no mundo exterior porque isso é o que somos internamente. Você e eu somos realmente responsáveis pela guerra que está desenvolvendo-se no Vietnam porque aceitamos a guerra como sistema de vida. Sugere você que nos separemos disso? Ao contrário, como pode você separar-se de si mesmo? A gente é parte de todo este embrulho e só pode estar livre desta fealdade, desta violência, de tudo isto, não separando-se, a não ser aprendendo, observando e compreendendo-o tudo na gente mesmo. Você não pode separar-se de si mesmo, e daí surge o problema de “quem” vai fazer o. Quem vai separar me a “mim” da sociedade, ou a “mim” de mim mesmo? Não é parte de todo este circo a mesma entidade que trata de separar-se de si mesmo? O compreender todo isso que o “observador” não é diferente da coisa observada- é meditação. Isso requer grande penetração dentro da gente mesmo, não em forma analítica; é ao observar-se na relação com as coisas, com a propriedade, com a gente, com as idéias, com a natureza, que um chega a este sentido de completa liberdade interna.

Londres, 20 de março de 1969

3. A MEDITAÇÃO

O significado da "busca"; problemas implicados na prática e o domínio; a qualidade do silêncio

Eu gostaria de falar de algo que considero muito importante; ao compreendê-lo possivelmente possamos ter, por nós mesmos, uma percepção total da vida sem fragmentação alguma, de modo que sejamos capazes de atuar de maneira total, livre e gozosamente.

Sempre estamos procurando alguma forma de mistério porque estamos muito insatisfeitos com a vida que vivemos, com a superficialidade de nossas atividades que têm muito pouco significado e às quais tratamos de lhe dar uma significação, um sentido. Mas isso é um ato intelectual que, portanto, segue sendo superficial, falso e em última instância, vazio. E apesar de que sabemos todo isso que nossos prazeres terminam muito em breve, que nossas atividades cotidianas são uma rotina; sabendo também que nossos problemas, tantos deles, talvez nunca sejam resolvidos; sabendo que não acreditam em nada, e que não temos fé nos valores tradicionais, nos professores, nos gurús, nas sanções da igreja ou da sociedade- conhecendo tudo isto, a maioria de nós está sempre explorando ou procurando, tratando de encontrar algo que em realidade valha a pena, algo que não esteja poluído pelo pensamento e que realmente tenha um extraordinário sentido de beleza e de êxtase. Parece-me que a maioria de nós está tratando de procurar algo duradouro, que não seja facilmente suscetível de corrupção. Desprezamos o que é óbvio e existe um fundo desejo não emocional ou sentimental, um inquirir profundo que poderia abrir a porta a algo que não está na medida do pensamento, que não pode ser classificado em nenhuma categoria, fé ou crença. Mas, tem algum sentido a busca, a exploração?

Vamos discutir o assunto da meditação, que é bem mais complexo, e antes de examiná-lo, devemos ver claro nesta questão da busca, neste esforçar-se depois da experiência tratando de encontrar uma realidade. Temos que compreender o significado da busca e investigação da Verdade, o intelectual atrás de algo novo que não seja temporário, que não seja produto de nossas exigências, obrigações e desespero. Pode a verdade ser encontrada mediante a busca? É ela reconhecível quando a encontramos? Se a encontrarmos, podemos dizer "esta é a Verdade", "isto é o real"? Tem algum sentido a busca? A maioria da gente religiosa está sempre falando de procurar a verdade, e nós perguntamos se a verdade pode ser procurada em forma alguma. Na idéia de procurar e de encontrar, não existe também a idéia de reconhecimento, a idéia de que se encontro algo devo ser capaz de reconhecê-lo? Não implica o reconhecimento que isso já o conheci antes? É a verdade "reconhecível", no sentido de ter sido já experimentada, de maneira que possa um dizer "isto é a Verdade"? Assim, qual é o valor do procurar em forma alguma? Ou, se não

haver valor nisso, está então o valor unicamente na observação constante, no escutar constante, que não é o mesmo que procurar? Quando existe a observação constante, não há movimento do passado. “Observar” implica ver muito claramente, e para ver claramente tem que haver liberdade, liberdade do ressentimento, da inimizade, de qualquer prejuízo ou rancor, liberdade de todas essas lembranças que armazenamos como conhecimento, os quais nos impedem de ver. Quando existe essa qualidade, essa classe de liberdade com observação constante não só das coisas externas, mas também do interno, pelo que realmente está ocorrendo que necessidade há então de procurar absolutamente? Porque tudo está ali sendo observado; o fato, “o que é”. Mas tão logo queremos trocar “o que é” em alguma outra coisa, tem lugar o processo de distorção. Na observação livre, sem distorção, sem avaliação, sem desejo algum de prazer, nesse puro observar, vemos que “o que é” sofre uma mudança extraordinária.

A maioria de nós tratamos de encher nossa vida com o conhecimento, com entretenimentos, com crenças e aspirações espirituais, as quais, conforme observamos, têm muito pouco valor. Desejamos experimentar algo transcendental, algo além das coisas mundanas; queremos experimentar algo imenso, que não tenha limites, que esteja fora do tempo. Para “experimentar” algo incomensurável, temos que compreender as implicações da “experiência”. Por que necessitamos absolutamente ter “experiência”?

Por favor não aceitem nem rechacem o que se está dizendo, limitem-se a examiná-lo, que fala sejamos precisas uma vez mais a respeito, não tem importância alguma (É como o telefone: vocês não obedecem o que o telefone diz. O telefone não tem autoridade, mas vocês o escutam). Se um escuta cuidadosamente, nisso há afeto, não acordo ou desacordo, a não ser uma qualidade de mente que diz “vejamos do que fala você, vejamos se isso tem algum valor, e o que há nisso de verdadeiro ou de falso”. Não aceitem nem rechacem, a não ser observem e escutem, estejam atentos não só ao que se diz, mas também a suas próprias reações, a suas distorções enquanto estão escutando; vejam seus prejuízos, suas opiniões, suas imagens, suas experiências, e observem como essas coisas estão lhes impedindo de escutar.

Estamos perguntando: qual é o significado da experiência? Ela tem algum significado? Pode a experiência despertar a uma mente que está adormecida, que chegou a certas conclusões e que está presa e condicionada por crenças? Pode a experiência despertá-la e romper toda essa estrutura? Pode uma mente assim tão condicionada e tão recarregada com seus inumeráveis problemas e aflições e sofrimentos, responder a provocação algum? Pode fazê-lo? E se responder, não tem que ser inadequada essa resposta, e portanto causa de maior conflito? Procurar experiências mais amplas, mais profundas e transcendentais é sempre uma forma de escapamento da realidade, pelo que é” agora, o qual somos nós mesmos, nossa própria mente condicionada. Por que tem que necessitar “experiência” alguma uma mente extraordinariamente

acordada, inteligente, livre? A luz é a luz, não tem necessidade de mais luz. O desejo de mais “experiência” é um escapamento do real, pelo que é”.

Se a gente estiver livre desta perpétua busca, livre da exigência e do desejo de experimentar algo extraordinário, então pode proceder a investigar o que é a meditação. Essa palavra é igual às palavras “amor, morte, beleza, felicidade”- está muito recarregada. Há tantas escolas que ensinam como meditar! Mas para compreender o que é a meditação, a gente tem que estabelecer primeiro as bases do reto comportamento. Sem essas bases a meditação é realmente uma forma de autohipnose. Se não estivermos livres de ira, ciúmes, inveja, cobiça, agressividade, ódio, competição, desejo de êxito de todas as formas consideradas respeitáveis e morais em nosso atual sistema de vida, sem estabelecer a base correta, sem viver uma vida cotidiana verdadeiramente livre de distorção, de medo pessoal, de ansiedade, cobiça, etc, a meditação tem muito pouco sentido. Estabelecer essa base é de suma importância. De maneira que a gente pergunta: o que é a virtude? O que é a moralidade? Por favor, não digam que esta é uma pergunta burguesa, que ela não tem sentido em uma sociedade tolerante que o permite tudo. Não estamos interessados nessa classe de sociedade; interessa-nos uma vida completamente livre de temor, uma vida que seja capaz de um amor profundo e duradouro. Sem isso a meditação se volta um extravio, é como tomar uma droga como tantos o têm feito, para desfrutar de uma experiência extraordinária apesar de viver uma vida falsa e insignificante. Os que usam drogas têm algumas experiências estranhas, possivelmente vejam um pouco mais de cor, pode que se tornem algo mais sensitivos e que graças à sensibilidade provocada pelas substâncias químicas talvez vejam as coisas sem espaço entre o “observador” e o observado. Mas quando o efeito químico se foi, estão onde estavam antes, com o medo, o tédio, outra vez na velha rotina; portanto têm que tomar a droga de novo.

A menos que a gente estabeleça as bases da virtude, a meditação se converte em uma muleta para controlar a mente, para aquietá-la, para obrigá-la a adaptar-se ao padrão de um sistema que diz: “Faça estas coisas e receberá uma grande recompensa”. Mas uma mente assim faça o que faça com todos os métodos e sistemas disponíveis, seguirá sendo pequena, mesquinha, condicionada e, portanto, sem valor. Temos que inquirir no que é a virtude, o que é o comportamento. É o comportamento resultado do condicionamento ambiental, de uma sociedade, de uma cultura, na qual alguém se criou e de acordo com a qual alguém atua? É isso virtude? Ou consiste a virtude em estar livre da moralidade social da cobiça, a inveja, etc, todo o qual se considera altamente respeitável? Pode a virtude ser cultivada? E se pode sê-lo não se converte então em uma coisa mecânica que, portanto, não tem virtude alguma? A virtude é algo vivo, que flui, que se renova constantemente a si mesmo e não pode ser cultivada no tempo; é como sugerir que alguém pode cultivar a humildade. Pode cultivá-la humildade? Unicamente o homem vaidoso “cultiva”

a humildade, e não importa o que cultive, seguirá sendo vaidoso. Mas no ver muito claramente a natureza da vaidade e do orgulho, no mesmo feito de vê-lo, há liberação dessa vaidade e esse orgulho, e nisso há humildade. Quando isto está bem claro, então podemos proceder a averiguar o que é a meditação. Se não pudermos fazê-lo com grande profundidade, do modo mais sério e verdadeiro não só por um ou dois dias e depois abandoná-lo- então não falemos, por favor, de meditação. Se a gente compreender o que é a meditação, vê que é uma das coisas mais extraordinárias, mas não é possível compreender isto a menos que se terminou com a busca, o medo, o desejo e esse aferrar-se avidamente a algo que alguém considera ser a verdade, mas que só é projeção da gente mesmo. Não se chega ao estado de meditação se não cessar toda demanda de "experiência" e se a gente não compreender a confusão em que vive e a desordem que impera em sua própria vida. Da observação dessa desordem surge a ordem, o qual não é uma imagem. Quando a gente tem feito isto que em si é meditação- então pode perguntar não somente o que é meditação, mas também o que não é meditação, porque na negação do que é falso, está a verdade.

Qualquer sistema ou método que nos ensine como meditar é falso. A gente pode ver isto intelectualmente, logicamente, porque se a gente praticar conforme a um método não importa o nobre, antigo, moderno ou popular que seja- está-se convertendo em uma máquina, já que repete algo uma e outra e outra vez com o fim de obter um resultado. Na meditação o fim não é diferente dos meios. Mas o método nos promete algo; é um meio para alcançar um fim. Se o meio for mecânico, então o fim é também um pouco produzido pela máquina, a mente mecânica diz: "conseguirei algo". Um tem que estar completamente livre de todo método e de todo sistema, e isso já é o começo da meditação, porque a gente está negando algo que é totalmente falso e carente de sentido.

Por outra parte, há pessoas que praticam "a percepção alerta" (awareness). Pode um praticar a percepção alerta? Se a "praticar" então está inatento todo o tempo, portanto, estejam perceptivos, atentos à própria inatención, não pratiquem como estar atentos; se derem conta de seu inatención, então dessa percepção alerta surge a atenção, não precisam praticá-la. Entendam isto, por favor, é tão claro e tão singelo. Não têm que ir a Birmania, China, lugares que consideramos românticos, mas que não o são nos fatos. Lembro que uma vez estava viajando em um automóvel, na Índia, com um grupo de pessoas. Achava-me no assento dianteiro com o condutor e no assento traseiro havia três pessoas falando sobre a percepção alerta (awareness), querendo discutir comigo o que é o dar-se conta. O carro ia muito ligeiro. Havia uma cabra na estrada, e como o condutor não estava muito atento, enrolou ao pobre animal. Os cavalheiros que estavam detrás de nós discutiam sobre o que é a percepção alerta, mas nunca se deram conta do que tinha ocorrido. Vocês riem, mas isso é o que todos fazemos; estamos intelectualmente interessados

na idéia da percepção alerta, na investigação verbal e dialética da opinião, mas não estamos perceptivamente alerta ao que está ocorrendo.

Não há prática alguma, a não ser a coisa viva somente. E então surge a pergunta: como se pode controlar o pensamento? O pensamento vaga por qualquer parte, e quando uma deseja pensar em algo, desvia-se para outra coisa. diz-se: pratica, controla; pensa em um quadro, em uma oração, ou no que seja; te concentre; e como o pensamento se vai em outra direção, voltamos a insistir em que retroceda, e seguimos na mesma luta para frente e para trás. De maneira que um se pergunta: que necessidade tem que controlar o pensamento absolutamente, e qual é a entidade que vai exercer o controle? Escutem isto atentamente, por favor. A menos que a gente compreenda esta pergunta fundamental, não poderá ver o significado da meditação. Quando a gente diz, "devo controlar o pensamento", quem é o que controla, quem é o censor? É o censor distinto da coisa que deseja controlar, moldar ou trocar em algo diferente? Não são ambos o mesmo? O que acontece quando o "pensador" vê que ele é o pensamento e o é-, que o "experimentador" é a experiência? O que faz um então? Estão seguindo isto? O pensador é o pensamento, e o pensamento divaga; então o pensador, pensando que está separado, diz: "devo controlá-lo". É o pensador diferente da coisa chamada pensamento? Se não existir o pensamento, existe um pensador?

O que ocorre quando o pensador vê que ele é o pensamento? O que ocorre em realidade quando o "pensador" é o pensamento, ao igual ao "observador" é o observado? O que ocorre? Nisso não existe separação nem divisão e, portanto, não há conflito, de maneira que o pensamento não tem que seguir sendo controlado ou moldado. Então, o que ocorre? Existe então divagação alguma do pensamento? Antes havia controle e concentração do pensamento, e existia o conflito entre o "pensador" que desejava controlar o pensamento, e o pensamento que divagava. Isso ocorre permanentemente com todos nós. Logo surge a súbita compreensão de que o "pensador" é o pensamento, o qual não é uma asseveração verbal a não ser uma realidade. O que ocorre então? Existe tal coisa como o pensamento que divaga? Isso acontece só quando o "observador" é diferente do pensamento que ele censura; então pode dizer: "este pensamento é correto ou este é incorreto", ou: "o pensamento divaga, tenho que controlá-lo", Mas há divagação alguma quando o pensador se dá conta de que é o pensamento? Senhores, investiguem isto, não o aceitem, e o verão por vocês mesmos. Unicamente há conflito quando há resistência, e essa resistência é criada pelo pensador, o qual pensa que está separado do pensamento. Mas quando o pensador se dá conta de que é o pensamento, então não há resistência; o qual não quer dizer que o pensamento anda por qualquer parte e faz o que lhe agrada, a não ser o contrário.

Todo o conceito de controle e concentração sofre uma mudança tremenda; converte-se em atenção, que é algo completamente distinto. Quando a gente compreende a natureza da atenção, que a atenção pode ser enfocada, então

se dá conta de que é uma coisa muito diferente da concentração, pois esta é exclusão. Então vocês perguntarão: “Posso fazer algo sem concentração?” “Não preciso me concentrar para fazer algo?” Mas não podem fazer algo com atenção, que não é concentração? “Atenção” implica atender, ou seja, escutar, ouvir, ver com a totalidade de nosso ser, com nosso corpo, nossos nervos. Nessa atenção total na qual não há divisão- vocês podem fazer algo, e nessa atenção não há resistência.

Agora vejamos o seguinte: pode a mente, que inclui o cérebro o cérebro, que está condicionado, que é a conseqüência de milhares e milhares de anos de evolução e que é o depósito da memória-, pode essa mente aquietar-se? Porque só quando a mente está totalmente silenciosa, quieta, há percepção e se vê com claridade, com uma mente que não está confusa. Como pode a mente estar silenciosa, quieta? Não sei se vocês puderam ver por si mesmos que para olhar uma árvore, ou uma nuvem cheia de luz e de glória, têm que olhar completamente, em silêncio; do contrário não a estão olhando diretamente, a não ser com alguma imagem prazenteira ou com a lembrança de ontem. Não a olham em realidade, estão vendo a imagem mas bem que o fato.

De maneira que se pergunta: pode a totalidade da mente, incluindo o cérebro, estar completamente quieta? Há pessoas muito sérias que se formularam esta pergunta sem ter podido resolvê-la; provaram mutretas, hão dito que a mente pode aquietar-se mediante a repetição de palavras, trataram vocês de fazê-lo alguma vez repetindo “Ave Maria” ou essas palavras sânscritas que algumas pessoas trouxeram da Índia, os mantras, repetindo certas palavras para aquietar a mente? Não importa de que palavra se trate Coca Cola, qualquer palavra, repitam-na ritmicamente, repitam-na freqüentemente e notarão que a mente se aquieta. Mas é uma mente embotada, não uma mente sensitiva, alerta, ativa, vital, apaixonada, intensa. Mesmo que uma mente embotada diga: “tive uma experiência transcendental tremenda”, está enganando-se a si mesmo.

De maneira que isso não depende da repetição de palavras, nem de tratar de obtê-lo mediante esforço; muitas mutretas se usaram para aquietar a mente. Mas em seu interior sabe bem que quando a mente está quieta todo o problema terminou; a gente sabe que então há verdadeira percepção.

Como vai estar a mente, incluindo o cérebro, completamente quieta? Alguns dizem: respire de modo apropriado, aspire ar profundamente, ou seja, introduza mais oxigênio em seu sangue. É possível que uma mente pequena e embotada respirando muito fundo, dia detrás dia, mas sempre seguirá sendo o que é, uma mente pequena e embotada. Igual ocorre com a prática do Ioga; há tantas coisas envoltas nisto. Ioga significa destreza na ação, e não meramente a prática de certos exercícios necessários para conservar o corpo saudável, forte e sensitivo o qual inclui comer mantimentos apropriados, sem fartar-se de

carne, etc. (não entraremos nisso, pois provavelmente todos vocês comem carne). A destreza na ação requer grande sensibilidade do corpo, certa agilidade física, ingerir comidas adequadas, não o que dita o paladar ou aquilo a que estão acostumados.

Então o que tem que fazer? Quem formula essa pergunta? Vemos muito claramente que nossas vidas estão em desordem, interna e externamente e, entretanto, a ordem é necessária em forma tão ordenada como na matemática. Mas haverá ordem unicamente mediante a observação da desordem, e não tratando de atuar conforme à imagem do que outros e vocês possam considerar ordem. A ordem surge quando a gente vê e se dá conta da desordem. A gente vê também que a mente deve estar extraordinariamente quieta, sensível, alerta, não aprisionada em um hábito físico ou psicológico. E como se obtém isto? Quem formula a pergunta? A mente que tagarela sem cessar, que possui alicerces? aprendeu ela uma coisa nova, ou seja, que pode ver claramente só quando está quieta, e que portanto tem que estar quieta? Então diz: “como vou estar quieta?” Sem dúvida que essa pergunta é de por si errônea; tão logo pergunta “como”, está procurando um sistema e, em conseqüência destrói a mesma coisa que se está investigando, que é: como pode a mente estar completamente quieta? -não mecanicamente quieta, não forçada nem obrigada a estar-se quieta. Uma mente que não é obrigada a estar quieta, é extraordinariamente ativa, sensitiva, alerta. Mas quando a gente pergunta “como”, aí surgiu então a divisão entre o observador e a coisa observada.

Quando vocês compreendem que não existe método nem sistema, nem mantra, nem professor, nem nada no mundo que possa ajudá-los a aquietar a mente, e compreendem a verdade de que só uma mente quieta pode ver, então a mente se torna extraordinariamente silenciosa. É como ver o perigo e evitá-lo; da mesma maneira, quando a gente vê que a mente tem que estar completamente silenciosa, a mente se silencia.

Mas a qualidade do silêncio é o importante. Uma mente muito pequena pode estar muito tranqüila porque tem seu próprio pequeno espaço onde se mantém quieta; esse pequeno espaço, com sua pequena quietude, é a coisa mais morta imaginável vocês sabem o que é. Mas uma mente com espaço ilimitado que possua essa quietude, esse silêncio, não tem o centro do “eu”, do “observador” e, portanto, é de tudo diferente. Nesse silêncio não existe o “observador” absolutamente; essa qualidade de silêncio tem um vasto espaço sem fronteiras e está intensamente ativa. A atividade desse silêncio é completamente distinta da atividade egocêntrica. Se a mente de um homem foi tão longe (e em realidade não está tão longe, está sempre aí se a gente sabe olhar), possivelmente então ali esteja, sem ser convidado, o que o homem procurou por séculos: Deus, a verdade, o incomensurável, o inominado, o intemporal. Esse é um homem bem-aventurado, para ele são a verdade e o êxtase.

Acreditam vocês que deveríamos falar disto e fazer perguntas? Poderia ser que vocês me dissessem: que valor tem tudo isto em nossas vidas diárias? Tenho que viver, ir ao escritório, também estão a família, o chefe e a competência, o que tem que ver com isso o que você diz? É que vocês não perguntam isto? Se o perguntam é porque não emprestaram atenção a tudo o que se há dito durante esta manhã. A meditação não é algo diferente da vida cotidiana. Não se retirem ao rincão de uma habitação a meditar durante dez minutos para sair depois de ali e seguir sendo um açougueiro tão metaforicamente como de fato. A meditação é uma das coisas mais sérias meditem todos os dias, no escritório, estando com a família e também quando dizem a alguém, "amo-te"; quando estão pensando nos filhos, quando os educam para que sejam soldados, para que matem, para que rendam culto à bandeira; quando os educam para que entrem nesta armadilha do mundo moderno. O observar todo isso e dar-se conta de que um forma parte disso, é meditação. E quando vocês meditem dessa maneira, descobrirão nisso uma beleza extraordinária; atuarão corretamente em todo momento, e se em um determinado momento não o fizessem, isso não importa; recuperarão-se e não perderão tempo em lamentações. A meditação é parte da vida, e não algo diferente.

Interlocutor: Pode nos dizer algo sobre a preguiça?

Krishnamurti: A preguiça. Acima de tudo: o que tem que mau na preguiça? Não confundamos a preguiça com o ócio. Infelizmente, a maioria de nós somos preguiçosos e inclinados a ser indolentes, e por isso nos fustigamos para ser ativos, nos convertendo dessa maneira em mais preguiçosos. Quanto mais resisto a preguiça, mais preguiçoso me volto. Mas observemos a preguiça pela manhã quando despertamos, nos sentindo terrivelmente preguiçosos e sem desejos de fazer tantas coisas, por que se volta preguiçoso o corpo? Provavelmente porque a gente comeu muito, ou se há extra limitado no sexo; porque a gente tem feito de tudo durante o dia e a noite anterior para que o corpo se sinta pesado, embotado. Então o corpo diz: por amor de Deus, me deixem tranqüilo por um momento; e a gente precisa fustigá-lo, ativá-lo. Mas como não corrige seu modo de vida um termina tomando uma pílula para sentir-se ativo. Entretanto, se a gente observar se dá conta de que o corpo tem sua própria inteligência, mas é necessário ser muito inteligente para observar a inteligência do corpo. Uma força o corpo, estimula-o. A gente está acostumado a comer carne, a beber, a fumar, e a todas essas coisas que vocês conhecem; portanto, o corpo perde sua intrínseca inteligência orgânica. Para deixar que o corpo atue com inteligência, a mente tem que voltar-se inteligente e não permitir-se a si mesmo interferir com o corpo. Tente-o e verão que a preguiça sofre uma mudança tremenda.

Existe também a questão do ócio. A gente dispõe de mais e mais tempo livre, especialmente nas sociedades acomodadas. O que faz com o ócio? Isso se está convertendo em um problema: mais diversão, mais cinema, mais televisão, mais livros, mais tagarelo, mais expulse, mais criquet, vocês sabem,

aqui e ali, cobrindo o tempo ocioso com toda classe de atividades. A Igreja diz que o enchamos com Deus, indo à igreja e rezando todas estas muletas que sempre usaram mas que não são outra coisa que uma forma de entretenimento. Ou nos dedicamos a falar interminavelmente disto e daquilo. Se dispuserem de ócio o usarão para voltar-se para o interno ou para o externo? A vida não é só vida interior; a vida é um movimento, é como a maré que flui e reflui. O que faria você com o ócio? Voltar-se mais erudito, mais hábil em citar livros? Iria pelo mundo dando conferências (o qual infelizmente faço eu), ou se voltaria muito profundamente para dentro? Para poder penetrar muito fundo no interno, é indispensável compreender também o externo. Quanto mais compreendem o externo não meramente o fato da distância entre aqui e a lua, nem o conhecimento técnico, a não ser os movimentos externos da sociedade, das nações, as guerras, o ódio que há em toda parte, quando o compreendem, então podem penetrar profundamente no interno, e essa profundidade interna não tem limites. A gente não diz, “cheguei ao final, isto é a iluminação”. Ninguém pode nos dar a iluminação; esta surge quando se compreende a confusão, e para compreender a confusão terá que observá-la.

Interlocutor: Você diz que o pensador e o pensamento não estão separados; que se a gente acreditar que o pensador está separado e, portanto, trata de controlar o pensamento, isso meramente reata a luta e a complexidade da mente; que dessa maneira não haverá quietude. Então, não compreendo: se o pensador for o pensamento, como surge essa separação em primeiro término? Como pode o pensamento lutar consigo mesmo?

Krishnamurti: Como surge a separação entre o pensador e o pensamento quando são realmente um? É isso assim para você? É um fato que o pensador é o pensamento, ou você pensa que deveria ser assim, e portanto não é uma realidade para você? Para compreender isso, terá que ter grande energia; quer dizer, quando você vê uma árvore deve ter a energia que não permita que exista esta divisão entre o “eu” e a árvore. Compreender isto requer tremenda energia; então não há divisão e, portanto, não há conflito entre ambos, porque não há domínio de um sobre o outro. Mas como a maioria estamos condicionados com a idéia de que o pensador é diferente do pensamento, então surge o conflito.

Interlocutor: por que nos faz tão difícil nos compreender?

Krishnamurti: Porque temos mentes muito complexas, não é assim? Não somos pessoas singelas que olham as coisas simplesmente, porque temos mentes complexas. E a sociedade evolui voltando-se mais e mais complexa como nossas mentes. A gente tem que ser muito singelo para poder compreender algo muito complexo. Para compreender algo complexo, um problema muito difícil, terá que observar o problema mesmo sem introduzir na investigação todas as conclusões, respostas, hipóteses e teorias que conhecemos. Quando vocês olham o problema sabendo que a resposta está

no problema mesmo, a mente se torna muito singela; a simplicidade está na observação, e não no problema, o qual pode ser complexo.

Interlocutor: Como posso ver a totalidade da coisa, tudo, como uma unidade?

Krishnamurti: Estas acostumados a olhar as coisas fragmentariamente, a ver a árvore, a esposa, o escritório, o chefe tudo separado, tudo em fragmentos. Como posso ver o mundo do qual sou parte, completa e totalmente, não em divisões? Agora, simplesmente escute, senhor, simplesmente escute: quem vai responder essa pergunta? Quem vai dizer lhe como olhar? que fala? Você formulou a pergunta e espera uma resposta, de quem? Se a pergunta é realmente muito séria, e não estou dizendo que seja errônea então qual é o problema? Em tal caso o problema é: "não posso ver as coisas totalmente porque o miro todo em fragmentos". Quando é que a mente olha as coisas em fragmentos? Por que? Amo a minha esposa e odeio o chefe! Compreende? Se amo a minha esposa, devo amar também a todo mundo. Não? Não digam que sim, porque vocês não amam a suas algemas nem a seus filhos, não os amam, embora falem disso. Se amassem a suas algemas e a seus filhos, educariam-nos em forma diferente, ocupariam-se deles não tão somente financeiramente, a não ser de outro modo. Só quando há amor não existe divisão. Compreende, senhor? Quando você odeia há divisão, porque então está ansioso, é ambicioso, invejoso, brutal, violentos, mas quando ama não com sua mente, o amor não é uma palavra, o amor não é prazer, quando realmente ama, então o prazer, o sexo, etc., têm uma qualidade diferente; nesse amor não há divisão. A divisão surge quando existe medo. Quando um ama, não há "eu" e "você", "nós" e "eles". Mas dirá agora: "Como vou amar? Como vou conseguir esse perfume?" Há só uma resposta a isso: olhe-se, observe-se; não combata consigo mesmo, a não ser observe, e deste observar vendo as coisas como elas são, possivelmente então surja esse amor. Mas a gente tem que trabalhar muito arduamente na observação, não se pode ser preguiçoso nem desatento.

Londres, 23 de março de 1969

SECUNDA PARTE

4. PODE O HOMEM TRANSFORMAR-SE?

A energia; sua dissipação no conflito

Ao observar as condições prevalecentes no mundo, vemos o que ocorre: revoltas estudantis, prejuízos de classe, conflito entre o negro e o branco, as guerras, a confusão política e as divisões causadas pelos nacionalismos e as religiões. Também nos damos conta do conflito, da luta, a ansiedade, a solidão, o desespero, da falta de amor, e do medo. Por que aceitamos tudo isto? Por que aceitamos o ambiente social e moral quando sabemos muito bem que é totalmente imoral? Por que vivemos deste modo, se sabemos tudo isso, não emocional ou sentimentalmente, a não ser mediante a observação do mundo e de nós mesmos? Por que é que nosso sistema educativo não produz

verdadeiros seres humanos, a não ser entidades mecânicas treinadas para aceitar certos empregos e finalmente morrer? A educação, a ciência e a religião não resolveram absolutamente nossos problemas. Por que ao ver toda esta confusão, em vez de nos adaptar a ela e aceitá-la, não fazemos estalar todo o processo em nós mesmos? Acredito que devemos nos fazer esta pergunta, observando a confusão serenamente, firme o olhar, sem julgar nem avaliar, e não intelectualmente nem com o fim de encontrar algum deus, alguma realização, ou alguma peculiar felicidade que indevidamente conduz a toda classe de escapamentos. Como pessoas adultas que somos, devemos nos perguntar por que vivemos desta maneira: viver, lutar e morrer. E quando formulamos essa pergunta seriamente, com plena intenção de compreendê-la, então as filosofias, as teorias e idéias especulativas não têm capacidade absolutamente. O que importa não é o que deveria ser ou o que poderia ser, nem que princípio deveríamos seguir, ou que ideais devemos sustentar ou a qual religião ou gurú devemos nos voltar. É óbvio que todas essas respostas carecem por completo de sentido quando vocês se enfrentam a esta confusão, à miséria e aos constantes conflitos em que vivemos. Convertemos a vida em um campo de batalha, com cada família, cada grupo e cada nação contra a outra. Ao ver isto, ao vê-lo não como uma idéia, mas sim como algo que realmente observam e devem confrontar, vocês se perguntarão o que é tudo isso. Por que seguimos assim, sem viver nem amar, a não ser cheios de medo e de terror até que morremos?

O que farão quando se formularem essa pergunta? Não podem formulá-la aquelas pessoas que estão comodamente estabelecidas em ideais de família, em uma casa confortável, que têm algum dinheiro e que são muito respeitáveis e burguesas. Se essas pessoas fizerem perguntas, interpretam-nas de acordo com suas exigências pessoais de satisfação. Mas como este é um problema muito humano e comum que toca a vida de todos nós, ricos e pobres, velhos e jovens, por que então vivemos esta vida monótona, sem sentido, indo ao escritório e trabalhando em um laboratório ou uma fábrica durante quarenta anos, engendrando uns quantos filhos, educando-os em forma absurda, para logo morrer? Acredito que devemos nos fazer esta pergunta com todo nosso ser se é que queremos descobrir a resposta. Então podemos passar a nos perguntar se os seres humanos puderem alguma vez trocar radical e fundamentalmente, de maneira que sejam capazes de olhar o mundo em forma nova, com olhos diferentes, com um coração diferente, não mais cheios de ódio, de antagonismo, de prejuízos raciais, a não ser com uma mente que seja muito clara, que tenha tremenda energia.

Ao ver tudo isto: as guerras, as divisões absurdas que as religiões ocasionaram, a separação entre o indivíduo e a comunidade, a família em oposição ao resto do mundo, cada ser humano obstinado a algum ideal peculiar, dividindo-se a si mesmo em “eu”, “você”, “nós” e “eles”; ao ver tudo isso objetiva e psicologicamente, fica sozinho uma pergunta, um problema

fundamental: se a mente humana, que está tão excessivamente condicionada, pode trocar. Não em alguma futura encarnação ou ao final da vida, a não ser trocar radicalmente agora, de modo que se converta em uma mente nova, fresca, jovem, inocente, aliviada de sua carga, para que assim saibamos o que significa amar e viver em paz. Acredito que este é o único problema. Quando for resolvido, todo outro problema econômico ou social, todas essas coisas que nos conduzem à guerra terminarão e haverá uma estrutura social diferente.

De modo que nossa pergunta é se a mente, o cérebro e o coração podem viver como se fora por primeira vez, descontaminados, frescos, inocentes, sabendo o que significa viver em felicidade e em êxtase, com profundo amor. Vocês conhecem o perigo que há em escutar questões retóricas. Esta não é uma questão retórica absolutamente; trata-se de nossa vida. Não estamos interessados em palavras ou idéias. A maioria de nós estamos apanhados em palavras, sem jamais compreender profundamente que a palavra nunca é a coisa, que a descrição nunca é a coisa descrita. E se pudermos durante estas conversas tratar de compreender este fundo problema de como a mente humana que inclui, já o vimos, o cérebro, a mente e o coração- foi condicionada através dos séculos pela propaganda, o medo e outras influências então poderemos perguntar se essa mente pode sofrer uma transformação radical, de modo que o homem seja capaz de viver pacificamente em todo mundo, com grande amor, com grande êxtase e com a realização daquilo que é incomensurável.

Este é nosso problema: se a mente, que está tão recarregada de lembranças e tradições pode fazer surgir dentro de si mesmo, sem esforço, luta ou conflito, chama-a que queime os resíduos do ontem. Havendo-nos formulado esta pergunta que estou seguro se faz toda pessoa séria e reflexiva- por onde começamos? Começamos com o exterior, com a mudança no mundo burocrático, na estrutura social? Ou começaremos com o interno, isto é, o psicológico? Vamos considerar o mundo exterior com todo seu conhecimento tecnológico, as maravilhas que o homem realizou no campo científico? Começaremos por ali para levar a cabo uma revolução? O homem já o tentou, muito. Há dito: quando trocarmos as coisas externas radicalmente, como o têm feito todas as revoluções sangrentas da história então o homem trocará e será um ser humano feliz. A revolução comunista e outras revoluções hão dito: produzamos ordem no externo e haverá ordem no interno. Também hão dito que não importa se não houver ordem interna; o que importa é que tenhamos ordem no mundo exterior, uma ordem ideal; uma Utopia em nome da qual milhões foram assassinados.

Portanto, comecemos com o interno, com o psicológico. Isto não significa que deixemos permanecer como está a presente ordem social com toda sua confusão e desordem. Mas há acaso divisão entre o interno e o externo? Ou só há um movimento no qual existem o interno e o externo simplesmente como movimento, e não como duas coisas separadas? Considero muito importante,

se tivermos que estabelecer uma comunicação que não seja só verbal o uso do inglês como nosso idioma comum e de palavras que compreendemos todos- que também possamos empregar uma classe diferente de comunicação, porque vamos penetrar muito profunda e seriamente nas coisas, portanto, deve haver comunicação no verbal e além do verbal. Tem que haver comunhão, o qual implica que todos estamos profundamente interessados, que atendemos e olhamos este problema com afeto e com o empenho de compreendê-lo. É necessário, pois, que além de comunicação verbal, tenhamos também uma comunhão profunda na qual não haja acordo ou desacordo. O acordo e o desacordo não devem surgir nunca porque não estamos tratando com idéias, opiniões, conceitos ou ideais, mas sim estamos interessados no problema da transformação humana. Nisso as nossas opiniões carecem de todo valor. Se disserem que é impossível que troquem os seres humanos, que foram assim por milhares de anos, vocês se bloquearam a si mesmos de antemão e não poderão continuar inquirindo ou explorando. E se vocês meramente dizem que é possível, então vivem em um mundo de possibilidades, e não de realidades.

De maneira que um deve abordar esta questão sem dizer que é ou não é possível trocar. Temos que encará-la com uma mente fresca, ávida por descobrir, e o suficientemente jovem para examinar e explorar. Não só temos que estabelecer uma comunicação verbal clara, mas também deve haver comunhão entre o que fala e vocês, um sentimento de afeto e amizade que só existe quando todos estamos tremendamente interessados em algo. Quando o marido e a esposa estão profundamente interessados em seus filhos, descartam todas as opiniões, seus gostos e desgostos particulares, porque estão preocupados com os meninos. Nesse interesse há grande afeto; não é uma opinião a que controla a ação. Igualmente deve haver esse sentimento de comunhão profunda entre vocês e o que fala, de maneira que todos estejamos confrontados ao mesmo problema com a mesma intensidade e ao mesmo tempo. Então podemos estabelecer esta comunhão, quão único faz possível uma compreensão profunda.

Assim, pois, existe este problema de como pode a mente, que está tão profundamente condicionada, trocar de maneira radical. Espero que vocês mesmos se exponham este problema, porque a menos que exista uma moralidade que não é a moralidade social, a menos que haja uma austeridade que não é a austeridade do sacerdote com sua dureza e violência, a menos que haja uma profunda ordem interna, esta busca da verdade, da realidade, de Deus ou qualquer seja o nome que gostem de lhe dar- não tem sentido algum. Possivelmente aqueles de vocês que vieram aqui tratando de encontrar a Deus, ou em busca de alguma experiência misteriosa, fiquem desiludidos, porque a menos que tenham uma mente nova, fresca, e olhos que possam ver o que é verdadeiro, não poderão compreender o incomensurável, o inominado, o que é.

Se meramente desejarem experiências mais amplas e profundas enquanto levam uma vida falsa, vazia, então terão experiências sem valor algum. Devemos investigar isto juntos; vocês encontrarão que esta é uma questão muito complexa porque há muitas coisas envoltas nela. Para compreendê-la tem que haver liberdade e energia; temos que ter ambas as coisas: grande energia e liberdade para observar. Se estão atados a uma crença determinada ou a uma imaginária utopia particular, é óbvio que não são livres para observar.

Existe esta mente complexa, condicionada como católica ou protestante, procurando segurança, e presa na ambição e a tradição. Para uma mente que se tornou superficial exceto no campo tecnológico- o ir à lua é um lucro maravilhoso. Mas os que construíram a espaçonave vivem suas próprias vidas falsas, pequenas, ciumes, cheias de ansiedade e de ambição, e suas mentes estão condicionadas. Perguntamo-nos se essas mentes podem estar completamente livres de todo condicionamento, de maneira que lhes seja possível viver uma vida totalmente distinta. A fim de descobri-lo necessitamos liberdade para observar, não como cristão, hindu, holandês, alemão ou russo, ou qualquer outra coisa. Tem que haver liberdade para observar claramente, o qual implica que a própria observação é ação. Essa mesma observação produz uma revolução radical. Para ser capazes de tal observação necessitamos grande energia.

Portanto, vamos averiguar por que os seres humanos não têm a energia, o impulso, a intensidade para trocar. Têm qualquer quantidade de energia para disputar, para matá-los uns aos outros, para dividir o mundo e ir à lua: para estas coisas têm energia. Mas aparentemente não têm energia para trocar eles mesmos de maneira radical. Assim que nos perguntamos por que carecemos desta indispensável energia.

Eu gostaria de saber qual é sua resposta quando lhes expõe uma questão semelhante. Dissemos que o homem tem suficiente energia para odiar; quando há guerra, briga, e quando deseja escapar do que realmente é, tem energia para fugir mediante as idéias, o entretenimento, os deuses, a bebida. Quando deseja prazer, sexual ou de outra classe, persegue essas coisas com grande energia. Tem inteligência para sobrepor-se a seu ambiente, tem energia para viver no fundo do mar ou nos céus, para isso tem energia vital. Mas aparentemente não tem energia para trocar o hábito mais pequeno. Por que? Porque dissipa essa energia no conflito interno. Não estou tratando de persuadi-los, não faço propaganda, não substituo velhas idéias com outras novas. Estamos tratando de descobrir, de compreender.

Vocês vejam, damo-nos conta de que devemos trocar. Tomemos como exemplo a violência e a brutalidade; estes são feitos. Os seres humanos são brutais e violentos; construíram uma sociedade que é violenta apesar de tudo o que hão dito as religiões sobre o amor ao próximo e a Deus. Todas essas coisas são meras idéias, sem valor algum, porque o homem continua sendo

brutal, violento e egoísta; e sendo violento, inventa o oposto, que é a não violência. Por favor, examinem isto comigo.

O homem está permanentemente tratando de chegar a ser não violento. E assim há conflito entre o que é a violência- e o que deveria ser, que é a não violência. Há conflitos entre ambas. Essa é a mesma essência do desperdício de energia. Enquanto há dualidade entre o que é e o que deveria ser o homem tratando de voltar-se algo distinto, fazendo um esforço por alcançar o que "deveria ser" nesse conflito há dissipação de energia. Enquanto há conflito entre os opostos, o homem não dispõe de energia suficiente para transformar. Por que devo ter oposto algum, como a não violência, como o ideal? O ideal não é real, não tem sentido, e só conduz a diferentes forma de hipocrisia, como o ser violento e pretender não sê-lo. Ou se disser você que é um idealista e que eventualmente chegará a ser pacífico, esse é um grande pretexto, uma desculpa, porque tomará muitos anos deixar de ter violência na verdade pode que isso nunca ocorra. Enquanto isso segue sendo hipócrita e violento. De modo que se pudermos, não em abstrato a não ser realmente descartar por completo todos os ideais e só tratar com o fato que é a violênciaentão não há desperdício de energia. É muito importante compreender isto, que não é uma teoria particular do que fala. Enquanto o homem viva no corredor dos opostos, terá que desperdiçar energia e, portanto, não poderá transformar.

Pois bem, de um sopro podem vocês varrer com todas as ideologias e todos os opostos. Investiguem isto, por favor, e compreendam-no; é realmente extraordinário o que ocorre. Se um homem que for colérico pretende ou tráfico de não sê-lo, nisso há conflito. Mas se disser: "observarei o que é a cólera, não tratarei de escapar ou de racionalizá-la", então há energia para compreender e para terminar com a cólera. Se meramente desenvolvermos uma idéia de que a mente deve estar livre de condicionamento, continuará a dualidade entre o fato e „o que deveria ser" e, portanto, haverá dissipação de energia. Enquanto que se dissermos: "averiguarei em que forma está condicionada a mente", isso será como ir a um cirurgião quando a gente tem câncer. O cirurgião está interessado em operar e extirpar a enfermidade. Mas se o paciente está pensando no tempo maravilhoso do qual vai desfrutar posteriormente, ou tem medo da operação, esse é um desperdício de energia.

Estamos interessados unicamente no fato de que a mente está condicionada, e não em que a mente "deveria ser livre". Se a mente não está condicionada, é livre. De maneira que vamos investigar, a examinar muito de perto, o que é o que condiciona tanto a mente, quais são as influências que produziram este condicionamento e por que o aceitamos. Acima de tudo, a tradição joga um papel enorme na vida. Nessa tradição o cérebro se desenvolveu de maneira que possa ter segurança física. A gente não pode viver sem segurança e essa é a primeira e primitiva urgência animal: a de que haja segurança física; alguém deve ter albergue, comida e roupa. Mas a forma psicológica em que utilizamos essa urgência de segurança é causa de caos dentro e fora da gente

mesmo. A psique, que é a própria estrutura do pensamento, também deseja segurança interna em todas suas relações. Então o problema começa. Tem que haver segurança física para todos, não só para uns poucos, mas essa segurança física para todos é negada quando a segurança psicológica se busca mediante a nacionalidade, a religião ou a família. Espero que compreendam e que tenhamos estabelecido alguma classe de comunicação entre nós.

De maneira que está o condicionamento necessário para a segurança física, mas quando existe a busca e demanda de segurança psicológica, então o condicionamento se volta tremendamente poderoso. Quer dizer que, psicologicamente, queremos segurança em nossas relações com as idéias, a gente e as coisas; mas existe segurança alguma em qualquer relação? É óbvio que não. Desejar segurança psicológica é negar a segurança externa. Se quero estar psicologicamente seguro como hindu, com todas as tradições, superstições e idéias, identifico-me com a unidade maior, o que me brinda grande comodidade. Por isso rendo culto à bandeira, a nação, a tribo e me separo do resto do mundo. E essa divisão produz, evidentemente, insegurança física. Quando rendo culto à nação, aos costumes, aos dogmas religiosos, às superstições, separo-me mesmo dentro dessas categorias, e é então óbvio que tenho que lhe negar segurança física a todos outros. A mente necessita segurança física, a qual lhe nega quando procura segurança psicológica. Isto é um fato, não uma opinião; isso é assim. Quando procuro segurança em minha família, em minha esposa, meus filhos, minha casa, tenho que estar contra o mundo, tenho que me separar de outras famílias e estar contra o resto do mundo.

A gente pode ver muito claramente como começa o condicionamento, como dois mil anos de propaganda no mundo cristão têm feito que a gente seja devota desta cultura enquanto que a mesma classe de coisas esteve ocorrendo no Oriente. De modo que a mente, através da propaganda, da tradição, do desejo de segurança, começa a condicionar-se... Mas existe alguma segurança psicológica na relação com as idéias, com as pessoas e com as coisas?

Se a relação significa estar em contato direto com as coisas, não estamos relacionados se não existir o contato. Se tiver uma idéia, uma imagem de minha esposa, não estou em relação com ela. Posso dormir com ela, mas não estou em relação, porque minha imagem dela impede o contato direto. De igual maneira, a imagem que ela tem de mim, impede seu contato direto comigo. Existe alguma certeza ou segurança psicológica como a que nossa mente está sempre procurando? É óbvio, quando observamos muito de perto qualquer relação, que não há certeza na mesma. O que ocorre no caso do marido e a mulher ou de dois jovens que desejam estabelecer uma relação sólida? Quando o marido ou a esposa olham a alguma outra pessoa, há temor, ciúmes, ansiedade, ira e ódio, não uma relação permanente. Entretanto, a mente necessita todo o tempo do sentimento de posse.

De modo que esse é o fator do condicionamento, por meio da propaganda, dos periódicos, as revistas, do púlpito; e um se volta tremendamente consciente de quão necessário é não depender de influências externas absolutamente. Então descobre o que significa não estar influenciado. Escutem isto, por favor. Quando vocês lêem um periódico são influenciados consciente ou inconscientemente. São, o quando lêem uma novela ou um livro qualquer; há pressão, esforço por classificar o lido em alguma categoria. Esse é todo o propósito da propaganda. Começa na escola, e logo vamos pela vida repetindo o que outros hão dito. Somos, portanto, seres de segunda mão. Como pode um ser humano assim, de segunda mão, descobrir algo que seja original, que seja verdadeiro? É muito importante compreender o que é o condicionamento e investigá-lo muito profundamente; à medida que o observam, vocês têm a energia para romper com todos esses condicionamentos que atam a mente.

Possivelmente desejem agora fazer perguntas e assim entrar nesta questão, mas devemos ter em conta que é muito fácil formular perguntas, mas que fazer a pergunta correta é uma das coisas mais difíceis. Isso não significa que o que fala o límpida fazer perguntas. Devemos perguntar, duvidar de tudo o que outros hajam dito, dos livros, as religiões, as autoridades duvidar de tudo! Temos que indagar, duvidar, ser céticos. Mas devemos saber também quando deixar o ceticismo de lado e formular a pergunta correta, porque nessa mesma pergunta está a resposta. De maneira que se desejam perguntar, façam-no, por favor.

Interlocutor: Está você louco senhor?

Krishnamurti: Pergunta-lhe você ao que fala se estiver louco? Bem. Eu gostaria de saber o que quer dizer você com essa palavra “louco”. Quer dizer desajustado, mentalmente doente, com idéias peculiares, neurótico? Todas essas coisas estão implícitas na palavra “louco” Quem é o juiz? Você, eu ou algum outro? É a pessoa louca a que julga quem está louco e quem não o está? Quando você julga se o que lhe fala está equilibrado ou desequilibrado, não é o julgamento parte da loucura deste mundo? Como julgar a alguém sem saber nada sobre ele, exceto sua reputação, a imagem que se tem dele? Se julgar de acordo com a reputação e a propaganda que você absorveu está capacitado para julgar? Emitir um julgamento implica vaidade; não importa que o juiz seja neurótico ou não sempre há vaidade. Pode a vaidade perceber o que é verdadeiro? Não se necessita grande humildade para olhar, para compreender, para amar? Senhor, uma das coisas mais difíceis é estar ajuizado neste mundo anormal e desequilibrado. Prudência implica não ter ilusões, não ter imagem alguma da gente mesmo ou de outro. Você diz: “sou isto, sou aquilo, sou grande, sou pequeno, sou bom, sou nobre”; todos esses cognomes são imagens da gente mesmo. Quando a gente tem uma imagem de si mesmo, certamente não está ajuizado e vive em um mundo de ilusão. Temo que a maioria de nós vive assim. Quando você se chama a si mesmo holandês, me perdoe por falar assim, não está totalmente equilibrado. Você se separa a

si mesmo, igual a outros o fazem quando se chamam a si mesmos hindus. Essas divisões nacionalistas e religiosas, com seus exércitos, seus sacerdotes, evidenciem um estado de desequilíbrio mental.

Interlocutor: Podemos compreender a violência sem ter o oposto dela?

Krishnamurti: Quando a mente quer continuar com a violência, convida o ideal da não violência. Olhe, isto é muito singelo. Desejo continuar sendo violento, o qual é o que sou e o que são os seres humanos brutais. Mas tenho a tradição que durante dez mil anos há dito: "cultivem a não violência". Assim, pois, existe o fato de que sou violento e o pensamento que diz: "olhe, tem que ser não violento". Esse é meu condicionamento. Como vou libertar-me de meu condicionamento de modo que possa observar que possa permanecer com a violência, passar por ela, compreendê-la e lhe pôr fim?- não só no nível superficial, mas também profundamente, no chamado nível inconsciente. Como pode a mente evitar ser apanhada no ideal? É essa a pergunta?

Escutem, por favor. Não estamos falando do Martin Luther King, do senhor Gandhi, ou de X, E, Z. Não nos concernem absolutamente essas pessoas; eles têm seus ideais, seu condicionamento, suas ambições políticas, e não estou interessado em nada disso. Estamos tratando com o que somos nós vocês e eu, como seres humanos. Como seres humanos somos violentos, estamos condicionados pela tradição, a propaganda e a cultura para criar os opostos; usamos o oposto quando nos convém, e não o usamos quando não nos convém. Usamo-lo política ou espiritualmente de diferentes maneiras. Mas o que estamos dizendo é que quando a mente deseja permanecer com a violência e compreendê-la totalmente, vêm a misturá-la tradição e o hábito. Eles dizem: "deve ter o ideal da não violência".

Existe o fato e existe a tradição. Como vai a mente romper com a tradição para dedicar toda sua atenção à violência? Esse é o problema. Compreenderam-no? Existe o fato de que sou violento, e existe a tradição que diz que não devo sê-lo. Agora olharei unicamente a tradição, não a violência. Se aquela interferir com minha necessidade de emprestar atenção à violência, por que interfere? Não me interessa compreender a violência, a não ser compreender por que intervém a tradição. Entendem-no? Disposto atenção a isso, e então já não há interferência. Assim descubro por que a tradição joga um papel tão importante na vida de um: a tradição é um hábito. Já se trate do hábito de fumar, de beber, do hábito sexual ou do hábito de perorar, por que vivemos em hábitos? Damo-nos conta deles? Damo-nos conta de nossas tradições? Se vocês não se derem conta completamente, se não compreenderem a tradição, o hábito, a rotina, então isso indevidamente afetará e interferirá com o que desejam observar. Uma das coisas mais fáceis de fazer é viver em hábitos, mas rompê-los implica muitas coisas; por exemplo, posso perder meu emprego. Tenho medo de romper com eles porque viver em hábitos me dá segurança, confere-me certeza, já que todos outros seres humanos fazem o mesmo. Despertar

subitamente em um mundo holandês e dizer: “eu não sou holandês”, provoca um sobressalto. Assim surge o medo. E se disserem: “estou contra toda esta ordem estabelecida, que é desordem”, serão rechaçados; então têm medo e o aceitam. A tradição joga um papel extraordinariamente importante na vida. Trataram alguma vez de comer um alimento ao qual não estão acostumados? Tentem-no e verão como se rebelam o estômago e a língua. Se a gente tiver o hábito de fumar, continuará fumando e consumirá anos lutando por romper com esse hábito.

Portanto, a mente encontra segurança nos hábitos ao dizer “minha família, meus filhos, minha casa, meus móveis”. Quando dizemos “meus móveis”, somos esses móveis. Você poderá rir, mas quando lhe tiram esses móveis que ama, irrita-se, porque você é esses móveis, essa casa, esse dinheiro, essa bandeira. Viver assim não é só viver uma vida superficial e tola, mas sim implica viver na rotina e o aborrecimento. E quando se vive na rotina e o aborrecimento, a violência é inevitável.

Amsterdam, 3 de maio de 1969

5. POR QUE NÃO PODEMOS VIVER EM PAZ?

Como surge o medo. O tempo e o pensamento. A atenção: manter-se “acordado”

Parece estranho que não possamos encontrar uma maneira de viver na qual não haja conflito, confusão nem desdita, a não ser grande abundância de amor e de consideração. Lemos livros de pessoas intelectuais que nos dizem como a sociedade deve ser organizada econômica, social e moralmente. Então recorremos a livros de escritores religiosos e de teólogos com suas idéias especulativos. Aparentemente é muito difícil para a maioria de nós descobrirmos uma forma de vida que seja dinâmica, pacífica, cheia de energia e claridade, sem depender de outros. Supõe-se que somos gente muito amadurecida e sofisticada. Os majores entre nós vivemos duas guerras espantosas, revoluções, levantamentos, e toda forma de infelicidade. E apesar disso aqui estamos em uma manhã encantadora, falando de todas estas coisas, esperando possivelmente que nos diga o que fazer que nos mostre uma maneira prática de viver, de seguir a alguém que nos possa oferecer alguma chave para a beleza da vida e a imensidão de algo além da rotina diária.

Pergunto-me e também podem fazê-lo, vocês, por que escutamos a outros. Por que não podemos encontrar claridade por nós mesmos em nossas próprias mentes e corações, sem distorção alguma, e por que temos que estar recarregados de livros? É que não podemos viver sem perturbações, plenamente, com grande êxtase e realmente em paz? Esse estado de coisas me parece muito estranho na verdade, mas assim é. Perguntaram-se alguma vez se é possível viver plenamente, sem esforço nem luta? Estamos nos

esforçando constantemente por trocar isto, transformar suprimir isto, aceitar aquilo, por imitar e por seguir certas fórmulas e idéias.

E não estou seguro de que nos tenhamos perguntado alguma vez se é possível viver sem conflito não em isolamento intelectual ou de maneira emocional, sentimental, e, mas bem confusa- a não ser viver sem nenhuma classe de esforço absolutamente. Porque o esforço, não importa o agradável (ou desagradável), satisfatório ou proveitoso que possa ser, deforma e corrompe a mente. É como uma máquina que está sempre moendo, que nunca funciona brandamente e que, portanto se desgasta muito em breve. Então, alguém se faz a pergunta e acredito que é uma pergunta importante- se for possível viver sem esforço, mas ao próprio tempo sem voltar-se preguiçoso, solitário, indiferente, falto de sensibilidade, sem converter-se em um ser humano inativo. Toda nossa vida, do momento em que nascemos até que morremos, é uma luta interminável por nos adaptar, trocar ou chegar a ser algo. Esta luta e conflito trazem confusão, embotam a mente, e nossos corações se tornam insensíveis.

É possível, portanto não como uma idéia, ou como algo sem esperança, além de nosso alcance- encontrar uma maneira de viver sem conflito, não só no superficial, mas também muito fundo no assim chamado inconsciente, nas profundidades de nosso próprio ser? Possivelmente esta manhã possamos penetrar profundamente nesta questão.

Acima de tudo um se pergunta por que inventamos os conflitos, sejam prazenteiros ou desagradáveis, e se for possível terminar com eles. Podemos pôr fim a isto e viver uma classe de vida totalmente distinta, com grande energia, claridade, capacidade intelectual, racionalidade, e assim ter um coração pleno de abundante amor no verdadeiro sentido da palavra? Acredito que devemos dedicar nossas mentes e nossos corações a investigar este problema e a nos compenetrar dele completamente.

É óbvio que o conflito existe devido à contradição em nós mesmos, a qual se manifesta exteriormente na sociedade, na atividade do “eu” e do “não eu”; quer dizer, o “eu” com todas suas ambições, impulsos, empenhos, prazer, ansiedades, ódio, competição e temores, e o “outro”, que é o “não eu”. Existe também a idéia sobre o viver sem conflitos ou sem desejos contraditórios, empenhos e urgências. Se nos dermos conta desta tensão, podemos ver em nós mesmos os puxões das demandas contraditórias, das crenças opostas, das idéias e empenhos.

É esta dualidade, estes desejos opostos com seus temores e contradições o que origina o conflito. Acredito que isso é bastante claro se o observarmos em nós mesmos. Idêntico patrão se repete uma e outra vez não só na vida diária, mas também no assim chamado viver religioso entre o céu e o inferno, o bom e o mau, o nobre e o ignóbil, o amor e o ódio, etc. Se me permite sugeri-lo, peço-lhes, por favor, que não escutem meramente as palavras, mas sim observem a

si mesmos em forma não analítica, usando ao que os fala como um espelho no qual vocês se vêem como realmente são, de maneira que, ao olhar nesse espelho, dêem-se conta do funcionamento de suas próprias mentes e corações. A gente pode ver como toda forma de divisão, separação ou contradição, dentro ou fora da gente mesmo, indevidamente engendra conflito entre a violência e a não violência. Dando-nos conta deste estado de coisas tal como é em realidade é possível terminar com ele não só no nível superficial de nossa consciência, em nossa vida diária, mas também profundamente nas mesmas raízes de nosso ser, de maneira que não haja contradição, nem demandas ou desejos contrapostos, nem atividade alguma da mente dualista e fragmentária? Agora bem como vamos fazer isto? Fabricamos uma ponte entre o “eu” e o “não eu” o “eu” com todas suas ambições, impulsos e contradições, e o “não eu que é o ideal, que é a fórmula, o conceito. Estamos sempre tratando de construir uma ponte entre o que é e o que deveria ser. E nisso há contradição e conflito e dessa maneira desperdiçamos todas nossas energias. Pode a mente cessar de dividir e ficar completamente com o que é? Existe conflito algum na compreensão do que é?

Eu gostaria de entrar nesta questão enfocando-a em forma diferente, em relação com a liberdade e o temor. A maioria de nós desejamos liberdade mesmo que vivemos em atividades egocêntricas e passamos os dias interessados em nós mesmos, em nossos fracassos e realizações. Desejamos ser livres não só no político, o qual é comparativamente fácil exceto no mundo das ditaduras- mas também livres da propaganda religiosa. Qualquer religião, antiga ou moderna, é obra dos propagandistas e, portanto, não é religião absolutamente. Quanto mais sérios somos, quanto mais interessados estamos na totalidade do viver, mais liberdade procuramos e mais inquirimos, sem aceitar nem acreditar. Precisamos ser livres para descobrir se existe a realidade, se existe ou não algo eterno, intemporal. Há esta demanda extraordinária de liberdade em todas nossas relações, mas essa liberdade geralmente se converte em um processo autoaislador e, portanto, não há verdadeira liberdade.

Na mesma demanda de liberdade há medo, porque a liberdade pode implicar insegurança total, absoluta, e a gente teme estar completamente inseguro. A insegurança parece uma coisa muito perigosa; todo menino exige segurança em suas relações. E conforme envelhecemos continuamos exigindo segurança e certeza em todas nossas relações: com as coisas, com as pessoas e com as idéias. Essa demanda de segurança engendra indevidamente temor, e nos sentindo atemorizados dependemos mais e mais das coisas às quais estamos apegados. Portanto, surge esta questão da liberdade e do temor; se for de tudo possível estar livre de temor, não só física, mas também psicologicamente; não só na superfície, mas também nos escuros esconderijos de nossa mente, nos secretos refúgios onde nunca se penetrou. Pode a mente estar completamente livre de todo medo? É o medo o que destrói o amor isto não é uma teoria- é o

medo o que engendra ansiedade, apego, desejo de posse, de dominação, ciúmes em todas as relações, e é o medo o que engendra a violência. Podemos observar como nas cidades, com suas populações excessivas e a ponto de explorar, existe grande insegurança, incerteza, medo. Isto contribui com sua parte à violência. Podemos estar livres de medo, de maneira que quando saírem deste salão vocês possam caminhar sem sombra alguma dessa escuridão que o medo produz?

Para compreender o temor temos que examinar não só os temores físicos, mas também a rede complexa dos temores psicológicos. Possivelmente possamos investigar isto. O problema é: como surge o medo, o que o sustenta e lhe dá duração, e se for possível terminar com ele. É relativamente fácil compreender os temores físicos. Há uma resposta foto instantânea ao perigo físico, que é a resposta de muitos séculos de condicionamento, porque sem isso não teria havido sobrevivência física e a vida teria terminado. Temos que sobreviver fisicamente, e a tradição de milhares de anos diz que devemos tomar cuidado, e a memória diz: “tome cuidado, há perigo, deve atuar imediatamente”. Mas é medo esta resposta física ante o perigo?

Por favor, sigam tudo isto cuidadosamente, porque vamos entrar em um pouco muito singelo e, entretanto, complexo, e a menos que lhe emprestem toda sua atenção, não o compreenderão. Perguntamos se for medo essa resposta física e sensorial ante o perigo, a qual implica ação imediata. Ou é inteligência e, portanto, não é medo absolutamente? E é a inteligência uma questão que corresponde ao cultivo da tradição e a memória? Se o for por que não funciona completamente, como deve ser, no campo psicológico, onde a gente está tão terrivelmente temeroso de tantas coisas? Por que essa mesma inteligência que atua quando observamos o perigo, não funciona quando há temores psicológicos? É essa inteligência física aplicável à natureza psicológica do homem? Isto é, existem temores de várias classes que todos conhecemos medo à morte, à escuridão, ao que a esposa ou o marido possa dizer ou fazer, ou ao que o vizinho ou o chefe possa pensar- todo tipo de temores. Não vamos brigar com os detalhes das várias formas de temor; interessa-nos o medo mesmo, não um medo em particular. Quando existe temor e nos damos conta disso, há um movimento para escapar dele, seja reprimindo-o, seja fugindo ou evadindo-o mediante várias formas de entretenimento, inclusive os de caráter religioso, ou desdobrando valor, que é resistência ao medo. O escapamento, o entretenimento e o valor, são formas diversas de resistência ao feito real do medo.

Quanto maior é o medo, maior é a resistência a ele, e isso dá origem a uma série de atividades neuróticas. Há temor e a mente ou o “eu”- diz: “não deve haver temor”, e em conseqüência há dualidade. Está o “eu” que é diferente do temor, que escapa do temor e resiste, que cultiva a energia, que teoriza ou vai ao analista; e está o “não eu”. O “não eu” é temor, e o “eu” está separado desse temor. Desse modo há conflito imediato entre o medo e o “eu” que está

sobrepondo-se ao medo. Existem o observador e o observado. O observado é o medo, e o observador é o “eu” que deseja desfazer-se desse medo. Há, pois, uma oposição, uma contradição, uma separação, e portanto há conflito entre o medo e o “eu” que deseja desfazer-se desse medo. Estamos nos comunicando?

O problema consiste, pois, neste conflito entre o “não eu” do medo e o “eu” que pensa que é diferente do medo e resiste ou trata de vencê-lo, escapar dele, reprimi-lo ou controlá-lo. Essa divisão dá lugar invariavelmente ao conflito, tal como acontece entre duas nações com seus exércitos, suas armadas e seus governos soberanos separados.

De modo que existem o observador e o observado, o observador que diz: “devo me desfazer desta coisa terrível, devo terminar com ela”. O observador está sempre lutando e se acha em um estado de conflito. Isto se converteu em nosso hábito, nossa tradição, nosso condicionamento. E o romper qualquer classe de hábito é uma das coisas mais difíceis, porque nós gostamos de viver em hábitos, tais como o fumar, o beber, ou os hábitos sexuais e os psicológicos. Igual ocorre com as nações, os governos soberanos, que falam de “meu país e seu país”, “meu Deus e seu Deus”, “minha crença e sua crença”. Por tradição combatemos e resistimos o temor, e assim incrementamos o conflito e avivamos até mais o medo.

Se isto estiver claro, podemos então dar o seguinte passo que é: existe alguma diferença real entre o observador e o observado neste caso específico? O observador pensa que é diferente do observado, o que é o medo. Há alguma diferença entre ele e a coisa que observa, ou são ambos o mesmo? É óbvio que ambos são a mesma coisa. O observador é o observado e se surgir algo totalmente novo, então não há observador absolutamente. Mas dado que o observador reconhece sua reação como medo, ao qual conheceu previamente, esta divisão existe. E conforme aprofundamos mais e mais no assunto, como espero estejam fazendo agora, descobrimos por nós mesmos que o observador e o observado são essencialmente o mesmo. Portanto, se forem o mesmo, que dá por completo eliminada a contradição, o “eu” e “o não eu”, e com eles também se elimina totalmente toda classe de esforço. Mas isto não significa que alguém aceita o medo ou se identifica com ele.

Existem o medo, a coisa observada e o observador que é parte desse medo. O que vamos fazer, pois? (Estão vocês trabalhando tão duro como o que os fala? Se meramente escutarem as palavras, então temo que não resolverão a fundo esta questão do medo). Existe só o medo, e não o observador que o observa, porque o observador é o medo. Aqui ocorrem várias coisas. Primeiro, o que é o medo e como surge? Não estamos falando dos resultados do medo, ou da causa do medo, ou de como o medo obscurece nossa vida com sua desdita e fealdade. Estamos indagando o que é o medo e como surge. Devemos analisar o medo continuamente para descobrir seus intermináveis causa? Porque

quando vocês começam a analisar, o analisador tem que estar extraordinariamente livre de todo prejuízo e condicionamento; tem que olhar, que observar. De outra maneira, se existir alguma classe de tergiversação em seu julgamento, essa tergiversação aumenta segundo ele continua analisando.

Portanto, o analisar para pôr fim ao medo não termina com ele. Espero que haja alguns analistas aqui! Porque ao descobrir a causa do medo e atuar sobre tal descobrimento, a causa se volta o efeito, e o efeito se volta a causa. Começa-se com o efeito e se atua sobre esse efeito para encontrar a causa; então o descobrir a causa e atuar de acordo com ela passa a ser a seguinte etapa. Ambos, causa e efeito, convertem-se assim em uma cadeia interminável. Se descartarmos a compreensão da causa do temor e a análise do temor, então, o que terá que fazer?

Vocês sabem, isto não é um entretenimento, mas há grande júbilo em descobrir e em compreender tudo isto. O que faz que surja o medo, pois? O tempo e o pensamento criam o medo o tempo como ontem, hoje e amanhã; existe o medo de que algo poderá ocorrer amanhã: a perda do emprego, a morte, o fato de que a esposa ou o marido possam me deixar, de que a enfermidade e a dor que experimentei faz alguns dias se repitam. Aí é onde o tempo intervém. O tempo, que envolve o que o vizinho possa dizer de mim manhã, ou o tempo que até agora há encoberto algo que fiz muitos anos atrás. O tempo como medo de que não se realizem alguns desejos profundos e secretos. De maneira que o tempo forma parte do temor, o temor à morte que chega ao final da vida ou que pode estar esperando à volta de uma esquina; e por isso tenho medo. Assim, o tempo envolve ao medo e ao pensamento. Não existe o tempo se não existir o pensamento. O pensar no que ocorreu ontem, e o temer que volte a repetir-se amanhã, é o que produz tanto o tempo como o medo.

Por favor, observem isto, vocês olhem-no mesmos, não aceitem nem rechacem nada, a não ser escutem, descubram se por si mesmos a verdade disto; não se detenham meramente nas palavras para dizer se estiverem ou não estão de acordo; sigam adiante. Para encontrar a verdade se requer sensibilidade, paixão por descobrir, e uma grande energia. Então descobrirão que o pensamento engendra o medo; o pensar no passado ou no futuro sendo o futuro o seguinte minuto, ou o seguinte dia, ou dez anos depois, o pensar a respeito disso faz disso um acontecimento. E o pensar em um acontecimento que foi prazenteiro ontem, mantém e dá continuidade a esse prazer, não importa que esse prazer seja sexual, sensorial, intelectual ou psicológico. O pensar a respeito disso e construir uma imagem como faz a maioria da gente, confere a esse acontecimento passado uma continuidade através do pensar, e isso engendra mais prazer.

O pensamento engendra medo e também prazer; ambos criam o tempo. De maneira que o pensamento engendra essa moeda de duas caras do prazer e

da dor, que é o medo. O que terá que fazer então? Rendemos culto ao pensamento, o qual se tornou tão extraordinariamente importante, que pensamos que quanto mais engenhoso é, melhor é. No mundo dos negócios, no mundo religioso, ou no mundo da família, o intelectual sente prazer com o uso do pensamento, essa moeda de duas caras, essa grinalda de palavras. Como honramos às pessoas que são intelectual e verbalmente hábeis em seu modo de pensar! Mas o pensamento é responsável pelo temor e do que chamamos prazer.

Não dizemos que não devêssemos ter prazer. Não somos puritanos, tratamos de compreendêlo, e na mesma compreensão de todo este processo, o medo cessa. Então verão que o prazer é algo completamente diferente. (Examinaremos isto se tivermos tempo). O pensamento é, portanto responsável por esta agonia: um lado é agonia e o outro lado é prazer e sua continuidade; a urgência de prazer e sua perseguição, em todas as formas, incluindo a religiosa. O que deve fazer, então, o pensamento? Pode terminar? É essa a pergunta correta? E quem vai terminar com ele? É o “eu”, que não é pensamento? Mas o “eu” é resultado do pensamento. E assim se repete o mesmo velho problema; o “eu” e o “não eu” que é o observador que diz: “Se só pudesse pôr fim ao pensamento, então poderia desfrutar de uma vida distinta!” Mas existe unicamente o pensamento, e não o observador que diz: “desejo que o pensamento termine”, porque o observador é o produto do pensamento. E, como surge o pensamento? Podemos ver muito facilmente que é a resposta da memória, da experiência e o conhecimento todo o qual é o cérebro, depósito da memória. Quando lhe perguntamos algo, responde com uma reação que é memória e reconhecimento. O cérebro é o resultado de milênios de evolução e condicionamento o pensamento é sempre velho, nunca é livre; é a resposta de todo o condicionamento.

O que temos que fazer? Quando o pensamento se dá conta de que não pode fazer nada com o medo porque ele cria o medo, então surge o silêncio; então há uma negação completa de qualquer movimento que engendre temor. Portanto, a mente, incluindo o cérebro, observa todo esse fenômeno do hábito, da contradição e luta entre o “eu” e o “não eu”. E compreende que o observador é o observado. E vendo que o medo não pode ser meramente analisado e descartado, mas sim sempre estará ali, a mente também vê que a análise não é o caminho. Então se pergunta: qual é a origem do temor? Como surge?

Dissemos que é engendrado pelo tempo e o pensamento. O pensamento é a resposta da memória, e o pensamento cria o medo. Também dissemos que o medo não pode cessar mediante o mero domínio ou repressão do pensamento, ou tratando de transmutar o pensamento, ou nos agradando em todas as muletas que jogamos a nós mesmos. Ao dar-se conta de todo este patrão sem eleição alguma objetivamente, e ao ver tudo isto por si mesmo, o próprio

pensamento diz: “estarei quieto verificando sem repressão alguma”. “Estarei silencioso”.

Assim o medo chega a seu fim, o qual significa o afastamento do sofrimento e a compreensão de nós mesmos, o conhecimento de si mesmo. Sem este conhecimento não há fim para a dor e o medo. Só uma mente que está livre de medo pode enfrentar-se à realidade.

Possivelmente agora vocês tenham interesse em fazer perguntas. Devemos fazer perguntas, é necessário perguntar, revelar-se frente a si mesmo aqui, e também o é quando está só em sua habitação ou no jardim, ou sentado tranqüilamente em um ônibus, ou caminhando; a gente tem que perguntar para descobrir. Mas tem que formular a pergunta correta, e na mesma formulação da pergunta correta está a resposta correta.

Interlocutor: É correto aceitar a si mesmo, aceitar seu próprio sofrimento, sua própria dor?

Krishnamurti: Como pode você aceitar o que é? Quer você dizer que aceita sua fealdade, sua brutalidade, sua violência, suas pretensões, sua hipocrisia? Você pode aceitar tudo isso? Não deseja você trocar? Não devemos trocar realmente tudo isto? Como podemos aceitar a ordem estabelecida da sociedade com sua moralidade que é imoralidade? Não é a vida um movimento constante de mudança? Quando você esta vivendo não há aceitação a não ser só o viver. Então vivemos com o movimento da vida, e o movimento da vida exige mudança, uma revolução psicológica, uma mutação.

Interlocutor: Não compreendo.

Krishnamurti: Sinto muito. Possivelmente quando utilizou a palavra “aceitar” não se deu conta de que no inglês corrente significa aceitar as coisas como são. Possivelmente poderia expressá-lo em holandês.

Interlocutor: Aceitar as coisas como vêm.

Krishnamurti: Devo aceitar as coisas como vêm, digamos, quando a esposa me abandona? Aceitarei as coisas como vêm quando perco dinheiro, quando perco meu trabalho, quando sou desprezado, insultado? Aceitarei a guerra? Para tomar as coisas como vêm, realmente e não em teoria, a gente tem que estar livre do “meu”, e do “eu”. E de tudo isso estivemos falando durante a manhã de hoje: de esvaziar a mente do “eu” e do “você”, do “nós” e do “eles”. Então pode você viver de instante em instante, interminavelmente sem luta, sem conflito. Mas isso é verdadeira meditação, ação verdadeira, e não conflito, brutalidade e violência

Interlocutor: Temos que pensar; é inevitável.

Krishnamurti: Sim, compreendo senhor. Sugere você que não deveríamos pensar absolutamente? Para realizar um trabalho terá que pensar, para ir a sua casa tem você que pensar; e existe a comunicação verbal, que é o resultado do

pensamento. Que lugar ocupa, pois, o pensamento na vida? O pensamento tem que funcionar quando fazemos algo. Escute isto, por favor. Para levar a cabo um trabalho técnico, para funcionar como o faz o computador mesmo que não tão eficientemente, o pensamento é necessário. É para pensar claramente, objetivamente, sem emoções, sem prejuízo, sem opinião; o pensamento é indispensável para poder atuar com claridade. Mas também sabemos que o pensamento engendra o medo, e esse mesmo medo nos impede de atuar eficazmente. Portanto, pode você atuar sem medo quando o pensamento é necessário, e pode este permanecer quieto quando não o é? Entende você? Pode você ter uma mente e um coração que compreendam este processo do temor, do prazer, do pensamento e da quietude da mente? Pode você atuar com reflexão quando é necessário e não utilizar o pensamento quando não o é? Sem dúvida tudo isto é singelo, não é assim? Isto é, pode a mente estar tão por completo atenta que quando se achar acordada pense e atue se for necessário e permaneça acordada nessa ação, sem dormir e sem trabalhar de um modo mecânico?

De maneira que a questão não é se devemos pensar ou não, a não ser como nos manter acordados. Para permanecer acordados é indispensável essa profunda compreensão do pensamento do medo, do amor, o ódio e a solidão; a gente tem que estar de tudo comprometido nesta forma de vida tal como você o está, mas compreendendo-a completamente. Podemos compreendê-la a fundo só quando a mente está por completo acordada, sem distorção alguma.

Interlocutor: Quer dizer que simplesmente reagimos de acordo com nossa experiência quando estamos frente ao perigo?

Krishnamurti: Não o faz você? Quando você vê um animal perigoso, não reage de acordo com a memória, com a experiência, que possivelmente não seja sua própria experiência pessoal a não ser a experiência da raça, que diz: “tome cuidado”?

Interlocutor: Isso é o que tinha na mente.

Krishnamurti: Mas por que não atuamos com igual eficiência quando vemos o perigo do nacionalismo, da guerra, dos governos separados com seus direitos soberanos e seus exércitos? Estas são as coisas mais perigosas; por que não reagimos, por que não dizemos, “troquemos tudo isso”? Isto significa que tem que ocorrer uma mudança na gente mesmo nesse “si mesmo” que agora conhecemos- de modo que a gente não pertença a nenhuma nação, a nenhuma bandeira, país ou religião, e que, portanto seja um ser humano livre. Mas não o fazemos. Reagimos aos perigos físicos, mas não aos perigos psicológicos, que são os mais devastadores. Aceitamos as coisas como estão ou nos rebelamos contra elas para criar alguma utopia fantástica, com o qual voltamos para o mesmo. Ver o perigo interno e ver o perigo externo é a mesma coisa, ou seja, nos manter acordados, o qual significa ser inteligentes e sensíveis.

Ámsterdam, 10 de maio de 1969

6. A TOTALIDADE DA VIDA

Compreender a paixão sem motivo

Alguém se pergunta por que os seres humanos em todo mundo carecem de paixão. Desejam veementemente o poder, a posição, diversas classes de entretenimento, tão sexual como religioso, e outras formas de sensualidade. Mas ao que parece poucos têm a paixão profunda que se consagra a compreender o processo total do viver, poucos são os que não dedicam toda sua energia à atividade fragmentária. O gerente de banco está tremendamente interessado em seu negócio bancário e o artista e o cientista estão entregues a seus próprios interesses especiais, mas aparentemente uma das coisas mais difíceis é ter uma paixão intensa e perdurável posta na compreensão da totalidade da vida.

À medida que penetramos nesta questão do que constitui a compreensão total do viver, amar e morrer, necessitamos não só capacidade intelectual e intenso sentimento, a não ser muito mais que tudo isso, a grande energia que unicamente a paixão pode brindar. Tendo este problema enorme, complexo, sutil e muito profundo, devemos dedicar nossa total atenção que depois de tudo é paixão- para ver e descobrir por nós mesmos se houver outra maneira de viver por completo diferente da atual. Para compreender isto temos que entrar em várias questões, inquirir no processo da consciência, examinar tanto as capas superficiais como as profundas de nossa própria mente, e observar também a natureza da ordem, não só do externo, do social, mas também do interno.

Temos que descobrir o sentido do viver, não lhe dar uma importância só intelectual, a não ser ver realmente o que significa viver. Deste modo temos que examinar a questão do que é o amor e o que significa. Tudo isto deve ser explorado no consciente e nos profundos e ocultos rincões da própria psique. Temos que nos perguntar o que é ordem, o que significa realmente viver, e se podemos viver uma vida de completo e total afeto, compaixão, ternura e amor. Também temos que descobrir por nós mesmos o significado dessa coisa extraordinária que chamamos morte.

Esses não são fragmentos, a não ser o movimento completo, a totalidade da vida. Não poderemos compreender isto se o dividirmos em viver, amar e morrer, porque tudo é um só movimento. Para compreender este processo total, tem que haver energia, não só energia intelectual, mas também a energia de um sentir intenso, e isto implica ter essa paixão sem motivo que possa arder constantemente dentro de cada um. Como nossas mentes estão fragmentadas, é necessário investigar a questão do consciente e o inconsciente, porque ali começa toda divisão o “eu” e “o não eu”, o “você” e o “eu”, o “nós” e o “eles”. Enquanto exista esta separação na nacionalidade, a família, entre religiões com suas dependências possessivas separadas haverá indevidamente

divisões na vida. Haverá o viver cotidiano com seu tédio e rotina e isso que chamamos amor, cercado pelo ciúme, a possessividade, a dependência, e a dominação; haverá temor e a inevitabilidade da morte. Podemos penetrar nesta questão seriamente não só em forma verbal, teórica, mas também investigá-la olhando-a realmente dentro de nós mesmos e nos perguntando por que existe esta divisão que engendra tanta desdita, confusão e conflito?

Podemos observar muito claramente em nós mesmos a atividade da mente superficial com sua preocupação pela subsistência, e seu conhecimento técnico, cientista, aquisitivo. A gente pode observar-se sendo competidor no escritório, pode ver as operações superficiais da própria mente. Mas há partes ocultas que não foram exploradas porque não sabemos como fazê-lo. Se desejamos as expor à luz da claridade e da compreensão, lemos livros que nos falam delas, ou vamos a algum analista ou filósofo. Mas não sabemos como olhar as coisas por nós mesmos; mesmo que sejamos capazes de observar a atividade externa e superficial da mente, estamos aparentemente incapacitados para olhar nessa cova profunda e secreta em que está contido todo o passado. Pode a mente consciente com suas positivas exigências e asseverações olhar nas capas mais profundas do próprio ser? Não sei se tiverem tratado de fazê-lo alguma vez, mas se o têm feito com suficiente insistência e seriedade, terão encontrado vocês mesmos o vasto conteúdo do passado, a herança racial, as imposições religiosas, as divisões, pois todas essas coisas estão escondidas ali. A expressão ocasional de uma opinião se origina nessas acumulações do passado que se apóiam essencialmente no conhecimento e a experiência passada, com suas diversas formas de conclusões e opiniões. Pode a mente olhar dentro de tudo isto, compreendê-lo e transcendê-lo de maneira que não exista divisão alguma?

Isto é importante porque estamos muito condicionados para olhar a vida em forma fragmentária. E enquanto continue esta fragmentação, existirá a demanda de realização o “eu” desejando realizar, obter, competir, ser ambicioso. É essa fragmentação da vida o que nos faz individual e coletivamente egocêntricos e necessitados de nos identificar com algo maior enquanto permanecemos separados. É esta profunda divisão na consciência, na estrutura e natureza total de nosso ser, a que causa divisão em nossas atividades, em nossos pensamentos e nossos sentimentos. Assim dividimos a vida e essas coisas que chamamos amar e morrer.

É possível observar o movimento do passado, que é o inconsciente? Se é que podemos utilizar a palavra “inconsciente” sem lhe dar um significado especial psicoanalítico. O inconsciente profundo é o passado, e atuamos partindo daí. Portanto, existe a divisão em passado, presente e futuro, o qual é tempo.

Tudo isso pode aparecer complicado, mas não é. É realmente bastante singelo se podemos olhar dentro de nós mesmos e nos observar na ação, observar o funcionamento de nossas próprias opiniões, pensamentos e conclusões.

Quando nos olhamos criticamente podemos ver que nossas ações estão apoiadas em conclusões passadas, ou em uma fórmula ou padrão que se projeta ao futuro como um ideal, e atuamos de acordo com esse ideal. Portanto, o passado está sempre funcionando com seus motivos, conclusões e fórmulas; o coração e a mente estão sobrecarregados de lembranças que moldam nossas vidas e criam a fragmentação.

Temos que nos perguntar se a mente consciente pode ver dentro do inconsciente de modo tão completo que alguém possa compreender a totalidade de seu conteúdo, que é o passado. Isto requer capacidade crítica, mas não crítica apoiada em opiniões próprias-; capacidade crítica para observar-se a gente mesmo. Se estiver realmente acordado, então cessa essa divisão na totalidade da consciência. Tal estado da mente acordada só é possível quando existe esta crítica auto-observação isenta de todo julgamento.

Assim, observar significa ser crítico, não utilizando uma crítica apoiada em avaliações ou opiniões, a não ser sendo criticamente atento, alerta. Mas se essa crítica é pessoal, se está cercada pelo medo ou qualquer forma de prejuízo, cessa de ser uma verdadeira crítica e se converte em um pouco meramente fragmentário.

O que nos interessa é compreender todo o processo, a totalidade da vida, e não um fragmento em particular. Não nos perguntamos o que fazer em relação a um problema em particular, ou em relação com a atividade social que é independente do processo total do viver, mas sim tratamos de descobrir o que está incluído na compreensão da realidade e se existir tal realidade, tal imensidão, tal eternidade. Nessa percepção total e completa não fragmentária- estamos interessados. Essa compreensão do movimento total da vida como uma só atividade unitária é possível unicamente quando na totalidade de nossa consciência terminam todos nossos conceitos, princípios, idéias e divisões como o “eu” e o “não eu”. Se isso for claro e espero que o seja- então podemos continuar indagando o que é o viver.

Consideramos o viver como uma ação positiva: fazer, pensar, o interminável bulício, conflito, medo, sofrimento, culpabilidade, ambição, competência, o desejo de prazer com sua dor, o desejo de êxito. Tudo isto é o que chamamos viver. Essa é nossa vida, com suas alegrias ocasionais, seus momentos de compaixão sem nenhum motivo e de generosidade espontânea. Existem estranhos momentos de êxtase, de uma bem-aventurança sem passado nem futuro. Mas o ir ao escritório, a ira, o ódio, o desprezo, a inimizade, é o que chamamos o viver cotidiano, e consideramos isso como extraordinariamente positivo.

A negação do positivo é o único verdadeiramente positivo. Negar esse chamado viver que é feio, isolante, temeroso, brutal e violento- sem conhecer o outro, é a ação mais positiva. Estamonos comunicando mutuamente? Vocês sabem que negar do todo a moralidade convencional é ser altamente moral,

porque o que chamamos moral social, a moral da respeitabilidade, é totalmente imoral; somos competidores, ambiciosos, invejosos, e fazemos o que nos agrada vocês sabem como nos comportamos. Chamamos a isso moralidade social; a gente religiosa fala de uma moralidade distinta, mas suas vidas, todas suas atitudes, a estrutura hierárquica das organizações religiosas e das crenças, é imoral. Negar isso não é reagir, porque a reação constitui outra forma de dissentir mediante a própria resistência. Mas quando negamos porque compreendemos, existe a mais alta forma de moralidade.

Da mesma maneira, negar a moralidade social, negar a maneira em que vivemos nossas vidas insignificantes, nosso pensar e existir superficiais, a satisfação que em um nível superficial sentimos com as coisas que acumulamos- negar tudo isso, não como uma reação, a não ser vendo a total estupidez e a natureza destrutiva dessa maneira de viver, negar tudo isso é viver. Ver o falso como falso é ver o verdadeiro.

Logo o que é o amor? É prazer o amor? É desejo? É o amor apego, dependência, a posse da pessoa a que amamos e dominamos? É amor dizer “isto é meu e não teu, minha propriedade, meus direitos sexuais, nos quais estão envoltos o ciúme, o ódio, a ira e a violência”? E, além disso, o amor se dividiu em sagrado e profano como parte do condicionamento religioso; é tudo isso amor? Pode amar e ser ambicioso? Você pode amar a seu marido e pode dizer o que a ama, quando é ambicioso? Pode haver amor quando há competição e afã de êxito?

Negar tudo isso, não só intelectual ou verbalmente, a não ser extirpar o de nosso próprio ser, de maneira que nunca voltemos a experimentar ciúmes, inveja, rivalidade ou ambição negar tudo isso, sem dúvida é amor-. Ambas as maneiras de atuar não podem jamais ir juntas. O homem que é ciumento, ou a mulher que é dominante, não sabem o que significa o amor. Podem falar de amor, podem dormir juntos, possuir-se mutuamente, depender reciprocamente para sua comodidade, segurança, ou por medo à solidão, mas sem dúvida alguma, nada disso é amor. Se a gente que diz amar a seus filhos os amasse de verdade, haveria guerras, haveria divisões nacionais, haveria estas separações? O que chamamos amor é tortura, desespero, um sentimento de culpabilidade. Este amor está geralmente identificado com o prazer sexual. Não é que sejamos puritanos ou dissimulados; não dizemos que não deve existir o prazer. Quando olhamos uma nuvem ou o céu, ou um rosto formoso, nisso há deleite. Quando olhamos uma flor, sua beleza está ali não negamos a beleza. A beleza não é o prazer do pensamento, mas é o pensamento o que dá prazer à beleza.

Da mesma maneira, quando amamos e há sexo, o pensamento dá continuidade ao prazer através da imagem do que se experimentou e do que tem que repetir-se amanhã. Nesta repetição há um prazer que não é beleza. A beleza, a ternura e o sentido total do amor não excluem o sexo. Mas nestes

dias quando tudo é permitido, parece que o mundo tem descoberto de repente o sexo, e este se tornou extraordinariamente importante. Provavelmente esse é o único escapamento e a única liberdade que o homem tem agora; o resto é atropelado, amedrontado, profanado intelectual e emocionalmente; e em toda forma é um escravo, está destruído, e se sente livre só durante a experiência sexual. Nessa liberdade desfruta de certo deleite e quer repeti-lo. Ao ver tudo isto, onde está o amor? Só uma mente e um coração plenos de amor podem perceber o movimento total da vida. Então, algo que faça, um homem que possui esse amor é moral, bom, e o que faz é belo.

E como intervém a ordem em tudo isto, sabendo como sabemos que nossa vida é tão confusa e tão desordenada? Todos queremos ordem, não só na casa, tendo as coisas no lugar adequado, mas também desejamos ordem no externo, na sociedade, onde existe tão imensa injustiça social. Deste modo desejamos ordem interna; e deve haver ordem, ordem profunda, matemático. E é este uma ordem que possa ser produzido conforme a um padrão que consideramos ordenador? Então estaríamos comparando o padrão com o fato e haveria conflito. Não é desordem este mesmo conflito? Portanto, não é virtude. Quando uma mente luta por ser virtuosa, moral, ética, gera resistência, e nesse mesmo conflito há desordem. De maneira que a virtude é a própria essência da ordem, mesmo que nós não gostemos de utilizar esta palavra no mundo moderno. Essa virtude não nasce do conflito do pensamento, mas sim surge só quando vemos a desordem criticamente com uma inteligência acordada e nos compreendendo a nós mesmos. Então há ordem completa em sua mais alta expressão, o qual é virtude. E isso é possível só quando há amor.

Está logo a questão do morrer, que apartamos que nós cuidadosamente, como algo que vai ocorrer no futuro, um futuro possivelmente dentro de cinqüenta anos ou talvez amanhã. Tememos morrer, chegar fisicamente ao final e ser separados das coisas que possuímos, pelas que trabalhamos, as que experimentamos: a esposa, o marido, a casa, os móveis, o pequeno jardim, os livros, os poemas que temos escrito ou esperávamos escrever. E tememos abandonar tudo isso porque nós somos os móveis, a pintura que possuímos; quando sabemos tocar o violino, somos esse violino. Isso é assim porque nos identificamos com essas coisas, somos tudo isso e nada mais. Olharam isto assim alguma vez? Somos a casa, com suas persianas, o dormitório, os móveis que possuímos e que polimos cuidadosamente por anos; isso é o que somos. Se eliminarmos todo isso, não somos nada.

Disso temos medo; de não ser nada. Não é muito estranho ver como passa alguém quarenta anos indo ao escritório e, quando deixa de fazê-lo, sofre um ataque ao coração e morre? Somos o escritório, os arquivos, o gerente, o empregado, ou o que seja o posto que ocupamos; somos isso e nada mais. E temos muitas idéias a respeito de Deus, da bondade, da verdade, pelo que deve ser a sociedade; isso é tudo. Nisso há sofrimento. Entristece-nos profundamente chegar a nos dar conta de que somos isso, mas o sofrimento

maior é que não nos damos conta. Ver isso e descobrir seu significado é morrer.

A morte é inevitável, e todos os organismos têm que morrer. Mas tememos abandonar o passado. Somos o passado, somos o tempo, a dor e o desespero, com uma percepção ocasional de beleza, um florescimento de bondade ou de ternura como algo passageiro, não perdurável. E como temos medo à morte, dizemos: voltarei a viver? O qual implica continuar a luta, o conflito, a desdita, a posse de coisas, a experiência acumulada. Todo o Oriente acredita na reencarnação. Desejamos ver reencarnar aquilo que somos, mas somos toda esta confusão, esta desordem, este enredo. A reencarnação implica também que voltaremos a nascer em outra vida; portanto, importa o que façamos hoje, e não como vamos viver quando renascermos em nossa próxima vida, se é que existe tal coisa. Se formos nascer de novo, o que importa é como vivemos hoje, porque o hoje é o que vai semear a semente da beleza ou a semente da dor. Mas aqueles que acreditam tão fervorosamente na reencarnação não sabem como comportar-se; e se estivessem interessados em seu comportamento, então não lhes preocuparia o manhã, porque a bondade está na atenção que emprestemos hoje.

O morrer é parte do viver. Vocês não podem amar sem morrer, morrer para tudo o que não é amor, morrer para todos quão ideais são a projeção de suas demandas internas, morrer para todo o passado, para a experiência, de maneira que saibam o que significa o amor, e, portanto, o que significa o viver. Viver, amar e morrer são, pois, a mesma coisa, que consiste em viver total e completamente agora. Então há uma ação que não é contraditória e que não traz consigo dor e sofrimento; existe um viver, um amar e um morrer em que há ação. Essa ação é ordem. E se a gente viver dessa maneira e alguém deve fazê-lo, não em momentos ocasionais, a não ser cada dia e cada minuto- então teremos ordem social, e haverá unidade no homem, e os governos serão dirigidos por computadores, não por políticos com suas ambições pessoais e seu condicionamento. Portanto, viver é amar e é morrer.

Interlocutor: Pode-se ficar livre instantaneamente e viver sem conflitos, ou isso toma tempo?

Krishnamurti: Pode-se viver imediatamente sem o passado, ou toma tempo desfazer do passado? Se tomar tempo, impede isto que viva-se no imediato? Esse é o problema. O passado é como uma cova escondida, como um porão onde você guarda o vinho se é que tem vinho. Toma tempo estar livre disso? O que está envolto no fato de tomar tempo? que é ao que estamos acostumados. Alguém se diz a si mesmo: “tomarei tempo; a virtude é uma coisa que tem que ser adquirida, que deve ser praticada dia após dia; desfar-me-ei de meu ódio, de minha violência, gradualmente, pouco a pouco”; a isto é ao que estamos acostumados, este é nosso condicionamento. Assim é que nos perguntamos se for possível nos desfazer do passado gradualmente, o qual implica tempo. Isto

é, sendo violento, digo-me: “gradualmente me liberarei disto”. O que quer dizer “gradualmente”, “passo a passo”? Significa que enquanto isso, sigo sendo violento. A idéia de desfazer-se gradualmente da violência é uma forma de hipocrisia. É óbvio que se for violento não posso deixar de sê-lo gradualmente, mas sim tenho que terminar com isso imediatamente. Posso pôr fim a coisas psicológicas imediatamente? Não posso fazê-lo se aceitar a idéia de me liberar gradualmente do passado. Mas o que importa é ver o fato tal e como é agora, sem distorção alguma. Se for ciumento e invejoso, devo vê-lo completamente mediante a observação total, e não parcial. Observo meu ciúme, por que sou ciumento? Porque estou sozinho, a pessoa da qual dependo me abandonou e subitamente enfrento a minha vacuidade, a meu isolamento, e como estou temeroso de tudo isso, dependo de você. E se você me abandona, sinto ira, ciúmes. O fato é que estou triste, necessito companhia, necessito alguém que cozinhe para mim, que me console que me proporcione prazer sexual, etc.; e tudo isso se deve a que basicamente estou sozinho. Por isso sou ciumento. Posso compreender esta solidão no ato? Posso compreendê-la só se a observar, se não fugir, se posso observá-la criticamente, com inteligência acordada, sem procurar desculpas, sem tratar de encher o vazio ou de encontrar uma nova companhia A fim de observar isso, tem que haver liberdade, e quando há liberdade para olhar, estou livre do ciúme. De maneira que a percepção, a total observação do ciúme e a liberação dele não depende do tempo, mas sim de emprestar atenção completa, de dar-se conta com objetividade crítica, observando sem eleição alguma, instantaneamente, todas as coisas conforme surgem. Então há liberdade não no futuro, a não ser agora-daquilo que chamamos ciúmes.

Isto se aplica igualmente à violência, à ira e a qualquer outro hábito, seja o de fumar, o de ingerir bebidas ou aos hábitos sexuais. Se os observarmos com muita atenção, em sua totalidade, com nossa mente e coração, damo-nos conta inteligentemente de seu conteúdo total; então há liberdade. Uma vez que este estado de atenção, de percepção alerta está funcionando, algo que surge então ira, ciúmes, violência, brutalidade, ambigüidades, inimizade- pode ser observada instantaneamente, completamente. Nisso há liberdade, e a coisa que estava ali deixa de estar. De modo que o passado não será eliminado através do tempo. O tempo não é o caminho à liberdade. Não é esta idéia do gradual uma forma de indolência, de incapacidade para enfrentar o passado instantaneamente no momento que surge? Quando vocês têm essa prodigiosa capacidade para observá-lo claramente conforme surge e o observam com toda sua mente, com todo seu coração, então o passado cessa, portanto, o tempo e o pensamento não põem fim ao passado, porque o tempo e o pensamento são o passado.

Interlocutor: É o pensamento um movimento da mente? É a percepção alerta função de uma mente quieta?

Krishnamurti: Como disséssemos o outro dia, o pensamento é a resposta da memória, como se tratasse de um computador que alimentamos com toda classe de informação. E quando pedimos a resposta, o que armazenamos no computador responde. Nessa mesma forma a mente, o cérebro que é o armazém do passado, que é memória, quando é desafiado responde em pensamentos de acordo com seu conhecimento, experiência, condicionamento, etc., portanto, o pensamento é o movimento, ou bem parte do movimento, da mente e do cérebro. O interlocutor deseja saber se a percepção alerta implica quietude da mente. Você pode observar algo uma árvore, sua esposa, seu vizinho, o político, o sacerdote, um belo rosto, sem nenhum movimento da mente? As imagens de sua mulher, de seu vizinho, o conhecimento da nuvem ou do prazer, tudo isso se interpõe, não é assim? Quando alguma imagem se interpõe, em forma sutil ou óbvia, então não há observação, você não se dá conta total e realmente; está só parcialmente alerta. Para observar com claridade não pode haver imagem alguma que se interponha entre o observador e a coisa observada. Quando você olha uma árvore, pode fazê-lo sem o conhecimento de términos botânicos, ou do conhecimento de prazer ou desejo que tenha a respeito dele? Pode olhá-lo tão completamente que o espaço entre você o observador, e a coisa observada desapareça? Isso não quer dizer que você se volte à árvore! Mas quando esse espaço desaparece, cessa o observador e fica unicamente a coisa observada. Nessa observação há percepção, vê-se a coisa com vitalidade extraordinária: sua cor, sua forma, a beleza da folha ou do tronco; quando não existe o centro do “eu” que está observando, você se acha em íntimo contato com aquilo que observa.

Existe o movimento do pensamento que é parte do cérebro e da mente, quando há uma provocação que tem que ser respondido pelo pensamento. Mas para descobrir algo novo, algo que nunca se viu antes, tem que haver esta atenção intensa sem movimento algum. Isto não é algo misterioso ou oculto que você tenha que praticar por anos e anos; isso é pura tolice. Isso se produz quando, entre dois pensamentos, você está observando.

Sabe como o homem descobriu a propulsão a jorro? Como ocorreu? O conhecia tudo o que terei que conhecer sobre o motor de combustão e procurava algum outro método. Para olhar terá que estar silencioso; se a gente levar consigo todo o conhecimento de seu motor a combustão, encontrará unicamente o que já conhece. Aquilo que alguém aprendeu tem que estar dormido, quieto, e então pode tirar o chapéu algo novo. Da mesma maneira, para ver sua esposa, o seu marido, a árvore, ao vizinho, a total estrutura social que é desordem vocês têm que encontrar silenciosamente uma maneira nova de olhar e, portanto, uma maneira nova de viver e de atuar.

Interlocutor: Como encontramos o poder de viver sem teorias nem ideais?

Krishnamurti: Como tem você o poder de viver com eles? Como tem essa energia extraordinária para viver com fórmulas, ideais e teorias? Você vive com

essas fórmulas, como tem a energia? Essa energia está sendo dissipada no conflito. O ideal está lá e você está aqui e trata de viver de acordo com aquilo. Há, portanto, divisão, conflito, que é um desperdício de energia. Assim, quando vê o desperdício de energia, quando vê o absurdo de ter ideais, fórmulas, conceitos, e os conflitos constantes que todos eles causam, então tem a energia para viver sem isso. Então tem energia em abundância porque não há desgaste absolutamente através do conflito. Mas você vê, tememos viver dessa maneira devido a nosso condicionamento, e aceitamos esta estrutura de fórmulas e ideais como outros o têm feito. Vivemos com eles e aceitamos o conflito como um modo de vida. Quando vemos tudo isso, não de maneira verbal, teórica, nem intelectual, mas sim nos damos conta com todo nosso ser de quão absurdo é viver assim, então temos a abundância de energia que surge quando não há conflito algum. Então existe o fato e nada mais. Existe o fato de que alguém é ambicioso, e não o ideal de que não deve ser ambicioso isso é um desperdício de energia. Está unicamente o fato de que se é ambicioso, possessivo e dominante. Esse é o único feito, e quando deposita sua total atenção a esse fato, então tem a energia para dissipá-lo e, portanto, para viver livremente, sem ideal algum, sem princípio algum, e sem crença alguma. E isso é amar e morrer para todas as coisas do passado.

Ámsterdam, 11 de maio de 1969

TERCEIRA PARTE

7. O TEMOR

A resistência; energia e atenção

A maioria de nós está apanhada em hábitos físicos e psicológicos. Alguns são conscientes deles e outros não. Se nos dermos conta desses hábitos, é possível então terminar com um hábito em particular instantaneamente e não arrastá-lo por muitos meses e anos? Se nos dermos conta de determinado hábito, é possível que terminemos com ele sem luta alguma e que afastamento instantaneamente o hábito de fumar, a sacudida singular da cabeça, o sorriso habitual ou qualquer dos distintos hábitos peculiares que temos? É possível dar-se conta do falatório interminável sobre nada, da inquietação da mente; pode-se fazê-lo sem resistência ou controle algum, de modo que afastemos facilmente sem esforço, imediatamente? Nisso há várias coisas envoltas: primeiro, a compreensão de que a luta contra algo como um hábito em particular, desenvolve uma forma de resistência contra esse hábito; e a gente aprende que a resistência, em qualquer forma, engendra mais conflito. Se resistirmos um hábito, tratamos de reprimi-lo e lutamos contra ele, esbanjamos na luta por controlá-lo a mesma energia necessária para compreendê-lo. Nisso está envolta uma segunda coisa: damos é obvio que o tempo é necessário e que qualquer hábito em particular tem que acabar-se lentamente, tem que ser suprimido pouco a pouco.

Estamos acostumados por um lado à idéia de que a única maneira de nos liberar de um hábito é mediante a resistência e o desenvolvimento de um hábito oposto e, por outro lado, à idéia de que só podemos fazê-lo gradualmente através de um período de tempo. Mas se examinarmos o assunto, vemos que qualquer forma de resistência engendra mais conflito, e também que o tempo, o tomar muitos dias, semanas, anos, não termina realmente com o hábito. E perguntamos se for possível pôr fim a um hábito sem resistência e sem tempo, imediatamente.

Para nos liberar do temor o que se requer não é a resistência durante um período de tempo a não ser a energia que possa fazer frente a este hábito e dissolvê-lo imediatamente: isso é atenção. A atenção é a mesma essência de toda energia. Pôr atenção significa entregar nossa mente, nosso coração e nossa total energia física ao ato de atender, e com essa energia confrontar ou dar-se conta do hábito em particular; então verão que o hábito perdeu seu apoio e desaparece instantaneamente.

A gente pode pensar que seus diversos hábitos carecem de especial importância; se os tiver, o que importa! Ou encontra desculpas para seus hábitos. Mas se a gente pudesse estabelecer a qualidade de atenção na mente, uma vez que a mente captasse o fato, a verdade de que a energia é atenção e que a atenção é necessária para dissolver qualquer hábito determinado, então ao dar-se conta de um hábito ou tradição em particular, a gente veria que este cessa completamente.

Temos um modo habitual de falar, ou nos agradamos conversando interminavelmente sobre nada, mas se nos voltamos sensivelmente alertas, atentos, então dispomos de uma energia extraordinária, energia que não é engendrada pela resistência, como o são a maior parte das energias. Esta energia da atenção é liberdade. Se compreendermos isto real e profundamente, não como teoria, mas sim como um fato verdadeiro que experimentamos, um fato que vimos e do qual nos demos conta totalmente, então podemos proceder a inquirir na total natureza e estrutura do medo. E devemos ter em mente quando falamos desta questão mas bem complicada, que a comunicação verbal entre vocês e o que os fala se torna bastante difícil; e que se não escutar com suficiente cuidado e atenção, a comunicação não é possível. Se vocês pensarem em uma coisa e o orador fala de algo distinto, então é óbvio que a comunicação cessa. Se vocês estão preocupados com algum medo particular e toda sua atenção se enfoca nesse medo, então a comunicação verbal entre vocês e quem os fala também termina. Para nos comunicar verbalmente tem que existir uma qualidade de atenção na qual haja interesse na qual haja intensidade, urgência por compreender esta questão do medo.

Mais importante que a comunicação é a comunhão. A comunicação é verbal, e a comunhão não o é. Duas pessoas que se conheçam muito bem podem, sem

pronunciar palavra alguma, compreender-se completamente, imediatamente, porque estabeleceram certa forma de comunicação entre eles. Quando encaramos uma questão tão complicada como o medo tem que haver comunhão tanto como comunicação verbal, ambas têm que estar unidas todo o tempo ou do contrário não estaremos trabalhando juntos. Havendo dito tudo isto era necessário fazê-lo consideremos a questão do temor.

Não é que tenhamos que estar livres do temor. Tão logo tratamos de nos liberar do temor, criamos resistência contra ele. A resistência, em qualquer forma, não termina com o temor sempre estará ali, mesmo que tratemos de escapar dele resisti-lo, controlá-lo, etc. O controlá-lo, o fugir, o reprimi-lo, são todas formas de resistência, e o temor continua mesmo que desenvolvamos maior força para resisti-lo. Não estamos, pois, falando de estar livres do temor. Estar livres de algo não é liberdade. Compreendam isto, por favor, porque ao examinar este problema, se tiverem posto toda sua atenção no que se esteve dizendo, devem abandonar este recinto sem nenhum sentimento de medo. Isso é o que importa, e não o que diz ou não diz o que os fala, ou se vocês estiverem ou não de acordo; o que importa é terminar psicologicamente com o temor, de maneira absoluta, no mais íntimo de nosso ser.

Portanto, não é que alguém tenha que estar livre do temor ou tenha que resisti-lo, mas sim deve compreender toda a natureza e estrutura do temor, compreendê-lo. Isso implica aprender a respeito dele, observá-lo, e entrar em contato direto com ele. Temos que aprender sobre o temor, e não como escapar dele, nem como resisti-lo mediante o valor, etc. Temos que aprender. O que significa essa palavra "aprender"? Certamente que não é acumular conhecimentos sobre o temor. Seria inútil examinar o assunto a menos que compreendamos isto completamente. Pensamos que aprender implica a acumulação de conhecimentos a respeito de algo. Se desejamos aprender italiano, é necessário acumular palavras e seu significado, a gramática e como combinar orações, etc, e tendo acumulado conhecimentos, então a gente pode falar esse idioma em particular. Isto é, há acumulação de conhecimentos e logo ação; o tempo está envolto nisso. Agora bem, essa acumulação não é aprender. O verdadeiro aprender está sempre no presente ativo, e não é o resultado de ter acumulado conhecimentos; o aprender é uma ação que sempre está no presente. A maioria está acostumado à idéia de acumular acima de tudo conhecimentos, informação, experiência, e a atuar partindo daí. Nós estamos dizendo algo inteiramente distinto. O conhecimento está sempre no passado, e quando atuamos, o passado determina essa ação. Dizemos que o aprender está na ação mesma, e que, portanto, nunca há acumulação de conhecimento.

O aprender sobre o temor está no presente e é algo afresco. Se confrontar o medo com o conhecimento do passado, com lembranças e associações do passado, não me encontro cara a cara com o medo e, portanto, não aprendo a respeito dele. Posso fazer isso unicamente se minha mente for fresca, nova. E

essa é nossa dificuldade porque sempre abordamos o medo com todas as associações, lembranças, incidentes e experiências que nos impedem de olhá-lo e aprender sobre ele em forma nova.

Existem muitos temores temor à morte, à escuridão, a perder o emprego, ao marido ou à esposa, temor à insegurança, à solidão, a não obter algo, a não ser amado, a não ser um êxito. Não são estes diversos temores a expressão de um temor básico? Então se pergunta: “vamos tratar com um temor em particular, ou estamos tratando com o fato do temor mesmo?”

Desejamos compreender a natureza do temor, e não como este se expressa em uma direção determinada. Se podemos encarar o fato básico do temor, então poderemos resolver ou fazer algo em relação a um medo em particular. Portanto, não tomem seu medo particular para dizer: “tenho que resolver isto”, a não ser compreendam a natureza e estrutura do temor; então saberão o que fazer com esse medo em particular.

Vejam a importância de que a mente se ache em um estado no qual não haja medo algum, porque onde há medo há escuridão, e a mente se embota; então procura vários escapamentos, estímulo mediante o entretenimento não importa que se entretenha na igreja ou no campo de futebol ou com a rádio. Uma mente assim tem medo, é incapaz de ver com claridade e não sabe o que significa amar; pode que conheça o prazer, mas certamente não sabe o que significa amar. O medo destrói e afeta a mente.

Há temor físico e temor psicológico. Existe o medo físico ao perigo, como encontrar-se com uma serpente ou frente a um precipício. Esse temor, o medo físico de enfrentar-se ao perigo não é inteligência? Ali há um precipício; vejo-o e reajo imediatamente, não me aproximo. Bem, não é esse medo, a inteligência que me diz: “tome cuidado, há perigo”? Essa inteligência se acumulou com o tempo, outros têm cansado, ou minha mãe ou meu amigo me hão dito: “tome cuidado com esse precipício”. De maneira que nessa expressão física do temor estão a lembrança e a inteligência funcionando simultaneamente. Existe, além disso, o temor psicológico ao medo físico que experimentamos, o de ter sofrido uma enfermidade que nos causou muita dor. Tendo experimentado dor, que é um fenômeno puramente físico, não desejamos que se repita, e temos o medo psicológico a essa dor mesmo que cessou que ser real. Bem, pode esse medo psicológico ser compreendido de maneira que não volte a surgir absolutamente? Tive dor a maioria o sofremos, tive-o a semana passada ou faz um ano. A dor era desesperadora, e não quero que se repita e temo que possa voltar. O que ocorreu? Escutem isto cuidadosamente, por favor. Existe a lembrança dessa dor, e o pensamento diz: “não deixe que se repita, tome cuidado”. Pensar sobre o passado dor provoca o medo de que se repita, e o pensamento atrai o medo sobre si mesmo. Essa é uma forma particular de medo, ou seja, o medo a que a enfermidade se repita com sua dor.

Existem todos os diversos medos psicológicos que se derivam do pensamento: o medo ao que possa dizer o vizinho medo de não ser altamente distinto e respeitável, medo de não acatar a moralidade social que é imoralidade, medo de perder o emprego, medo à solidão, medo à ansiedade (que é medo em si mesmo), etc, sendo tudo isso o produto de uma vida apoiada no pensamento.

Não só existem os temores conscientes, mas também os fundos e ocultos temores na psique, nas capas mais profundas da mente. Podemos nos enfrentar aos temores conscientes, mas é muito mais difícil fazê-lo com os temores secretos e profundos. Como se pode fazer com que esses temores profundos, inconscientes, ocultos, saiam à superfície e fiquem ao descoberto? Pode fazê-lo a mente consciente? Pode a mente consciente, com seu pensamento ativo, descobrir o inconsciente, o oculto? (Não estamos usando a palavra “inconsciente” em forma técnica; unicamente no sentido de não estar consciente ou não conhecer os níveis ocultos, isso é tudo). Pode a mente consciente, a que está treinada com o fim de ajustar-se para sobreviver, para continuar com as coisas como estão vocês sabem a trapaceira que é esta mente consciente pode essa mente consciente descobrir todo o conteúdo do inconsciente? Não acredito que possa fazê-lo. Pode que descubra uma capa e a interprete de acordo com seu condicionamento. Mas essa interpretação mesma conforme o seu condicionamento prejudicará mais adiante à mente consciente, de maneira que estará até menos capacitada para examinar por completo a subseqüente capa.

Vemos que o mero esforço consciente para examinar o conteúdo mais profundo da psique se torna em extremo difícil a menos que a mente superficial esteja por completo livre de todo condicionamento, de todo prejuízo, de todo temor do contrário, ela é incapaz de ver. A gente vê que isso é extremamente difícil e possivelmente totalmente impossível. Portanto, alguém se pergunta: há alguma outra maneira que seja de tudo diferente?

Pode a mente liberar do temor mediante a análise, a auto-análise ou a análise profissional? Nisso tem envolto algo mais. Quando me analiso e me Miro, capa detrás capa, examino, julgo, avalio; digo: “isto é correto”, “isto é incorreto”, “isto o conservarei”, “isto o desprezarei”. Quando me analiso, sou diferente da coisa que analiso? Tenho que responder a isto por mim mesmo e ver a verdade a respeito. É o analisador diferente dá a coisa que analisa, digamos o ciúmes? Não é diferente, ele é esse ciúme, e trata de separar-se do ciúme como a entidade que diz: “vou observar o ciúme, me desfazer dele, ou estar em contato com ele”. Mas o ciúme e o analisador são parte um do outro.

No processo da análise está envolta o tempo, quer dizer: necessito muitos dias ou muitos anos para me analisar. Ao final de muitos anos ainda tenho medo. Portanto, a análise não é o caminho. A análise implica muito tempo e quando a casa está queimando, um não se sinta a analisar, nem visitar a um profissional para lhe dizer: “me diga algo sobre mim mesmo, por favor”. A gente tem que

atuar. A análise é uma forma de escapamento, de preguiça e ineficiência. (Pode estar bem que um neurótico vá a um analista, mas até então não terminará completamente com a neurose. Mas, essa é outra questão).

A solução não é a análise do inconsciente pelo consciente. A mente viu isso e se diz: "não analisarei mais porque vejo a inutilidade de fazê-lo"; "não resistirei mais o medo". Dão-se conta do que lhe ocorreu à mente? Quando descartou o método tradicional da análise, a resistência, o tempo, o que lhe aconteceu então à mente mesma? Ela se tornou extraordinariamente aguda. Pela necessidade de observar-se, tornou-se extraordinariamente intensa, aguda, viva. A mente se pergunta se houver alguma outra maneira de encarar este problema de descobrir todo seu conteúdo: o passado, a herança racial, a família, o peso da tradição cultural e religiosa, o produto de dois mil ou dez mil anos. Pode a mente estar livre de tudo isso, pode descartá-lo por completo e, portanto, desfazer-se de todo temor?

Temos, pois este problema, problema que uma mente aguda a mente que desprezou toda forma de análise que necessariamente toma tempo e para a qual não existe o manhã, tem que resolver completamente e agora. Portanto não existe ideal algum; não é questão de um futuro que diga: "estarei livre disso". De modo que a mente está agora em um estado de completa atenção, deixou que escapar e já não inventa o tempo como uma maneira de resolver o problema; deixou de analisar ou de resistir. A mente mesma tem então uma qualidade inteiramente nova.

Os psicólogos dizem que devemos sonhar ou, do contrário, voltaremo-nos loucos. Perguntome: "por que devo sonhar de maneira alguma?" Há um modo de viver que não requeira sonhar absolutamente? Porque se a gente não sonha de tudo então a mente descansa seriamente. A mente esteve ativa todo o dia, observando, escutando, inquirindo, olhando a beleza de uma nuvem, o rosto de uma pessoa atrativa, a água, o movimento da vida, tudo. Esteve observando e observando, e quando dorme deve ter descanso completo; do contrário, ao despertar na manhã seguinte está cansada e é ainda velha.

Alguém se pergunta então se houver alguma maneira de não sonhar absolutamente, de modo que durante o sonho a mente desfrute de completo descanso e chegue a dar com qualidades que não podem aparecer durante as horas de vigília. É um fato, e não uma hipótese, teoria, invenção ou esperança, que isso é possível só quando a gente está completamente acordado durante o dia, observando toda atividade do pensamento, do sentir; acordado a cada motivação, a cada sugestão, a cada insinuação do que está muito dentro, profundamente; acordado quando conversa, quando caminha, quando escuta a alguém, quando observa sua ambição, seus ciúmes, quando observa sua resposta à "glória da França", quando lê um livro que diz: "suas crenças religiosas são tolices"; quando observa para ver o que está comprometido na crença.

Estejam completamente acordados durante as horas de vigília, quando estão sentados em um ônibus, quando falam com a esposa, com os filhos, com o amigo, quando fumam por que fumam, quando lêem uma novela policial por que lêem isso, quando vão ao cinema por que, pela excitação, pelo sexo? Quando virem uma árvore bela ou o movimento de uma nuvem no céu, estejam completamente atentos ao que ocorre dentro e fora de vocês, e então verão que quando dormem não sonham, e que quando despertam na manhã seguinte, a mente está fresca, intensa e viva.

Paris, 13 de abril de 1969

8. O TRANSCENDENTAL

Penetrar na realidade? A tradição na meditação. A realidade e a mente silenciosa

Estivemos falando do caos no mundo, da grande violência, da confusão que existe, não só no externo, mas também internamente. A violência é resultado do temor, e já discutimos a questão do temor. Acredito que agora devemos passar a algo que pudesse ser um pouco alheio à maioria de vocês; mas tem que ser considerado, e não meramente rechaçado dizendo que é uma ilusão, uma fantasia, etc.

Através da história, o homem, ao dar-se conta de que sua vida é muito curta, de que está cheia de acidentes e sofrimentos, e de que a morte é inevitável, formulou uma idéia com o nome de Deus. Deu-se conta, como também nos ocorre agora, de que a vida é transitiva e quis experimentar algo imensamente grande, supremo, algo não criado pela mente ou pela emoção; desejava experimentar um mundo por completo diferente, um mundo que transcendesse este, que estivesse além de toda desdita e tortura. E esperava encontrar este mundo transcendental descobrindo-o por meio de sua busca.

Devemos examinar este problema de se existe ou não existe uma realidade não importa o nome que lhe demos que seja de uma dimensão de tudo diferente. Para penetrar em sua profundidade, devemos nos dar conta de que não basta compreendê-lo meramente no nível verbal, porque a descrição nunca é o descrito, a palavra nunca é a coisa. Podemos penetrar no mistério se for isso um mistério que o homem sempre tratou de penetrar ou capturar, convidandoo, retendo-o, adorando-o, voltando-se devoto do mesmo?

Sendo a vida o que é, mas bem superficial, vazia, uma coisa tortuosa, sem muita significaçãotratamos de lhe inventar um significado, de lhe dar um sentido. Se tivermos certo talento, o significado e propósito da invenção se torna bem complexo. E ao não encontrar a beleza, o amor e o sentido de imensidão que esperávamos, podemos nos voltar cínicos e não acreditar em nada. A gente vê que é bem absurdo e ilusório e sem muito sentido o meramente inventar uma ideologia, uma fórmula, afirmando que existe Deus ou que não existe, quando a vida não tem significado algum o qual é certo porque

o modo em que vivemos não tem sentido. Assim não lhe inventemos um sentido.

Se pudéssemos penetrar juntos nisto e descobrir por nós mesmos se houver ou não há uma realidade que não seja meramente um escapamento ou uma invenção intelectual ou emocional! O homem, através da história, há dito que existe uma realidade para a qual devemos nos preparar e para a qual devemos fazer certas coisas: nos disciplinar, resistir toda classe de tentação, nos controlar, controlar o sexo, viver conforme a um padrão estabelecido pela autoridade religiosa, os Santos, etc. Ou que devemos negar o mundo, nos encerrar em um monastério ou em uma cova onde possamos meditar, estar sozinhos e não ser tentados. Vemos o absurdo desse esforço; vemos que não é possível escapar do mundo, pelo que é", do sofrimento, da distração, e de tudo o que o homem produziu mediante a ciência. Com respeito às teologias, é óbvio que temos que as descartar todas e também todas as crenças. Se em realidade descartamos completamente toda forma de crença, então não haverá temor absolutamente.

Sabendo que a moralidade social não é moralidade, que ela é imoral, a gente vê que deve ser extraordinariamente moral, porque depois de tudo, a moralidade consiste unicamente em estabelecer ordem tão dentro como fora da gente mesmo. Mas essa moralidade tem que ficar em ação, não é uma moralidade ideal ou conceitual, a não ser verdadeira conduta moral

É possível disciplinar-se a gente mesmo sem reprimir-se, controlar-se ou escapar? A raiz etimológica da palavra disciplina, é "aprender", não amoldar-se ou converter-se em um discípulo de alguém, nem imitar ou reprimir, a não ser aprender. O próprio ato de aprender requer disciplina, uma disciplina que não é imposta nem se acomoda a nenhuma ideologia; não a inflexível austeridade do monge. Não obstante, sem uma profunda austeridade nossa conduta cotidiana nos leva unicamente à desordem. Podemos ver quão essencial é ter ordem completa na gente mesmo como a ordem matemática, e não o relativo ou o comparativo, não a ordem que emana da influência ambiental. O comportamento, que é retidão, tem que ser estabelecido para que a mente esteja em completa ordem. Uma mente torturada, frustrada, moldada pelo ambiente, que se ajusta à moralidade social, tem que estar confusa. E uma mente confusa não pode descobrir o verdadeiro.

Se a mente tiver que descobrir esse mistério estranho se é que existe tal coisa- tem que sentar a base de um comportamento, de uma moralidade que não é a da sociedade, uma moralidade na qual não há temor absolutamente e que, portanto, é livre. É unicamente então depois de sentar essa base profunda- quando a mente pode proceder a descobrir o que é a meditação, essa qualidade de silêncio, de observação, na qual não existe o "observador". Se essa base de conduta reta não se estabelece em nossa vida, em nossa ação então a meditação tem muito pouco sentido.

No Oriente existem muitas escolas, sistemas e métodos de meditação incluindo o Zen e o Ioga que se trouxeram para o ocidente. Temos que compreender com muita claridade esta sugestão de que mediante um método, um sistema, ou pelo ajuste a determinado modelo ou tradição, a mente pode encontrar essa realidade. Podemos ver quão absurdo isso é, não importa que seja gasto do Oriente ou que seja inventado aqui. O método implica conformidade, repetição, implica que alguém, tendo alcançado certa iluminação, diz-nos que façamos isto ou que não façamos aquilo. E nós, que estamos tão ansiosos por ter essa realidade, seguimos, submetemo-nos, obedecemos e praticamos o que nos há dito dia após dia, como um montão de máquinas. Uma mente embotada e insensível, que não é inteligente em alto grau, pode praticar interminavelmente um método e se tornará mais e mais embotada, mais e mais estúpida. Terá sua própria "experiência" dentro do campo de seu próprio condicionamento.

Possivelmente alguns de vocês estiveram no Oriente e ali estudaram a meditação. Existe toda uma tradição atrás dela. Na antigüidade esse assunto fez explosão na Índia e em toda a Ásia. Essa tradição domina nossas mentes até agora e tem escrito volumes intermináveis sobre o tema. Mas qualquer forma de tradição um arrasto do passado, que se use para descobrir se existe essa grande realidade, é evidentemente um desperdício de esforço. A mente tem que estar livre de toda forma de tradição e sanção espiritual; do contrário, carecemos totalmente da forma mais elevada de inteligência.

O que é então a meditação, se não é tradicional? E se não pode ser tradicional, ninguém pode nos ensinar, nem podemos seguir um atalho particular, e dizer: "ao longo desse atalho aprenderei o que é a meditação". O significado total da meditação estriba em que a mente se aquiete por completo, mas que esteja quieta não só no nível consciente, mas também nos profundos, secretos, ocultos níveis da consciência; em quietude tão completa e total que o pensamento esteja em silêncio e não divague em todas as direções. Um dos ensinos tradicionais da meditação, o enfoque tradicional de que falamos, é que o pensamento tem que ser controlado, mas isso tem que descartar-se, e para descartá-lo deve observá-lo muito de perto, de maneira objetiva e não emocional.

A tradição nos diz que necessitamos de um guru, um professor que nos ajude a meditar e que nos explique o que devemos fazer. O Ocidente tem sua própria forma de tradição, de reza, contemplação e confissão. Mas em todo o fundamento de que alguma outra pessoa sabe e a gente não sabe, de que o que nos sabe vai ensinar, a dar a iluminação, nisso está envolta a autoridade, o professor, o guru, El Salvador, o Filho de Deus, etc. Eles sabem e a gente não sabe; eles dizem: siga este método, este sistema, dia após dia, pratique e chegará eventualmente lá, se tiver sorte. O qual significa que há uma luta consigo mesmo todo o dia, tratando de ajustar- se a um padrão, a um sistema, tratando de reprimir seus desejos, seus apetites, a inveja, os ciúmes e as ambições. Portanto, há conflito entre o que somos e o que deveríamos ser de

acordo com o sistema. Isto significa que há esforço, e uma mente que se esforça jamais pode estar quieta; mediante o esforço a mente nunca se silencia por completo.

A tradição também diz que devemos nos concentrar para controlar o pensamento. Concentrar- se é só resistir, erigir um muro ao redor de si, proteger um enfoque exclusivo em uma idéia, em um princípio, um quadro, ou no que alguém queira. A tradição diz que devemos passar por isso para encontrar o que procuremos. Também nos diz que não devemos ter sexo, nem olhar este mundo, como hão dito sempre todos os Santos, os quais são mais ou menos neuróticos. E quando vemos em forma não meramente verbal ou intelectual, a não ser realmente, o que está envolto em todo isso e só podemos vê-lo quando o olhamos de maneira objetiva e não estamos comprometidos com isso, então podemos descartá-lo por completo. Temos que descartá-lo por completo, porque então a mente, no mesmo ato de descartá-lo, libera-se, e, portanto, torna-se inteligente, alerta e não está exposta a ser apanhada em ilusões.

Para meditar no mais profundo sentido da palavra, alguém deve ser virtuoso, moral, mas não com a moralidade de um modelo, de uma prática, ou da ordem social, a não ser com a moralidade que surge indevidamente, de maneira natural e agradável, quando a gente começa a conhecer-se si mesmo, quando se dá conta de seus pensamentos, de seus sentimentos, atividades, apetites, ambições, etc; sensivelmente alerta sem preferência alguma, meramente observando. Dessa observação emana a ação correta, que nada tem que ver com a conformidade, ou com o atuar de acordo com um ideal. Então, quando isso existe profundamente na gente mesmo, com sua beleza e austeridade em que não há nem um átomo de dureza porque a dureza existe só quando há esforço, quando a gente observou todos os sistemas, todos os métodos, todas as promessas, e as examinou objetivamente, sem agrado ou desagrado, então pode descartá-los completamente de maneira que a mente esteja livre do passado. Então pode- se proceder a descobrir o que é a meditação.

Se não termos sentado realmente as bases, podemos jogar com a meditação, mas isso não tem sentido; ocorre como no caso dessas pessoas que vão ao oriente e visitam algum professor que lhes diz como sentar-se, como respirar, o que fazer, se isto ou aquilo, e que ao retornar escrevem um livro que é pura tolice. A gente tem que ser seu próprio professor e seu próprio discípulo, porque não há autoridade, só há compreensão.

A compreensão é possível unicamente quando há observação sem o centro como observador. Alguma vez observaram, estiveram alerta, trataram que descobrir o que é a compreensão? A compreensão não é um processo intelectual, nenhuma intuição ou um sentimento. Quando dizemos: “compreendo algo muito claramente”, há uma observação que nasce de um completo silêncio; só então há compreensão. Quando dizemos que

“compreendemos algo”, queremos dizer que a mente escuta em silêncio, sem aceitar nem rechaçar. Nesse estado se escuta completamente e só então há compreensão e essa mesma compreensão é ação. Não é que primeiro haja compreensão e que a ação siga depois; é um só movimento simultâneo.

De modo que a meditação essa palavra tão recarregada pela tradição- consiste em levar a mente e o cérebro, sem esforço e sem nenhuma classe de compulsão, a sua capacidade máxima. Isto é inteligência, isto é ser altamente sensitivo. O cérebro está sereno. Esse depósito do passado que evoluiu através de um milhão de anos e que se acha constante e incessantemente ativo, esse cérebro está quieto.

É de algum modo possível que esteja quieto o cérebro, o qual reage em todo instante e responde ao mais insignificante estímulo de acordo com seu condicionamento? Os tradicionalistas dizem que pode aquietar-se mediante a adequada respiração e a prática de um estado de atenção alerta. Isto envolve outra vez a questão de “quem” é a entidade que controla, pratica e molda o cérebro. Não é o pensamento, que diz: “sou o observador e vou controlar o cérebro e pôr fim ao pensamento”? O pensamento engendra ao pensador.

É possível para o cérebro estar completamente quieto? É parte da meditação o averiguá-lo; não é coisa para ser ensinada, pois ninguém pode nos dizer como fazer. Pode nosso cérebro tão condicionado pela cultura, por toda forma de experiência, e que é o resultado de uma vasta evolução, pode esse cérebro estar quieto? Porque se não o está, algo que veja ou experimente será tergiversada, será interpretada de acordo com seu condicionamento.

Que papel joga o sonho na meditação, na vida? É uma pergunta muito interessante; se a examinaram vocês mesmos, terão descoberto muitas coisas. O outro dia dizíamos que os sonhos são desnecessários. E dissemos: a mente, o cérebro, têm que estar completamente alerta durante o dia atentos ao que ocorre tão dentro como fora de nós, dando-se conta das reações internas às coisas do exterior com suas tensões; atentos às intimações do inconsciente e então, ao final do dia, deverão tomar tuodo isso em conta. Se não tiver presente ao final do dia tudo o que ocorreu, é óbvio que o cérebro tem que trabalhar durante a noite enquanto dorme, para estabelecer a ordem em si mesmo. Se tivermos feito tudo isso, então quando dormimos estamos aprendendo algo de tudo muito diferente, algo de uma dimensão totalmente distinta, e isso é parte da meditação.

Está o fato de cimentar as bases de uma conduta na qual a ação é amor. E está o fato de descartar toda tradição de modo que a mente esteja completamente livre, e o cérebro totalmente silencioso. Se tivermos penetrado nisto, veremos que o cérebro pode estar quieto, não mediante alguma muleta, nem mediante droga, a não ser mantendo durante todo esse dia estado de atenção alerta, de uma vez ativo e passivo. E se ao final do dia fazemos um

inventário do que ocorreu e, portanto estabelecemos ordem, então durante o sonho o cérebro está tranqüilo, aprendendo com um movimento diferente.

Dessa maneira o corpo inteiro, o cérebro, tudo está quieto sem distorção alguma; é só então quando a mente pode receber a realidade, se tal realidade existir. Essa imensidão, se houver tal imensidão, não pode ser convidada. Se existir o inominado, o transcendental, se houver tal coisa, é só uma mente assim que pode ver o falso ou o verdadeiro dessa realidade.

Vocês poderiam perguntar: "o que tem que haver tudo isto com o viver?" "Tenho que viver todos os dias, ir ao escritório, lavar pratos, viajar em um ônibus lotado de gente com o ruído constante, o que tem que ver a meditação com tudo isto?" Entretanto, depois de toda a meditação é a compreensão da vida, a vida cotidiana com suas complexidades, desdita, sofrimento, solidão, desespero, o afã de ser famoso, de ter êxito, o temor, a inveja; compreender tudo isso é meditação. Sem compreendê-lo, o mero intento de desentranhar o mistério é totalmente inútil, carece de valor. É como uma vida desordenada, uma mente desordenada que trata de encontrar a ordem matemática. Tudo na meditação tem que ver com a vida; meditar não consiste em fugir para algum estado emocional ou de êxtase. Há um êxtase que não é prazer; esse êxtase surge unicamente quando existe esta ordem matemática na gente mesmo, ordem que é absoluto. Só quando a meditação é o modo de vida de todos os dias, pode surgir aquilo que é imperecível, que não é temporário.

Interlocutor: Quem é o observador que se dá conta de suas próprias reações? Que energia se usa?

Krishnamurti: Você já olhou sem reação alguma? Olhou uma árvore, o rosto de uma mulher, uma montanha, uma nuvem, ou a luz sobre a água, só observando, sem traduzi-lo em agrado ou desagrado, em prazer ou dor, a não ser simplesmente observando-o? Existe algum observador nessa observação, quando a gente está completamente atento? Faça, senhor, não me pergunte se o fizer o descobrirá. Observe as reações sem julgar, avaliar, tergiversar; esteja completamente atento a cada reação, e nessa atenção verá que não existe observador, pensador, ou experimentador algum.

Vejamos a segunda pergunta: que energia se usa para trocar algo na gente mesmo, para levar a cabo uma transformação, uma revolução na psique? Como se obtém essa energia? Agora temos energia, mas em estado de tensão, de contradição, de conflito; há energia na batalha entre dois desejos, entre o que tenho que fazer e o que deveria fazer, isso consome uma grande quantidade de energia. Mas se não houver contradição alguma, então temos grande abundância de energia. Observemos nossa própria vida, observemo-la realmente: é uma contradição; queremos ser pacíficos e odiamos a alguém; desejamos amar e somos ambiciosos. Essa contradição engendra conflito, luta, e essa luta dissipa energia. Se não houver contradição absolutamente, temos a suprema energia para nos transformar. Alguém se pergunta: como é possível

não ter essa contradição entre o "observador" e "o observado", entre o "experimentador" e o "experiente", entre o amor e o ódio? Como é possível viver sem estas dualidades? É possível quando existe unicamente o fato e nada mais, o fato de que odiamos, de que somos violentos, e não o oposto como idéia. Quando temos medo desenvolvemos o oposto, ou seja, o valor, que é resistência, contradição, esforço e tensão. Mas quando compreendemos completamente o que é o medo e não escapamos ao oposto; quando lhe emprestamos toda nossa atenção ao medo, então vemos que não só cessa psicologicamente, mas também temos a energia necessária para lhe fazer frente. Os tradicionalistas dizem: "Você deve ter essa energia e, portanto, não seja sexual, não seja mundano, concentre-se, ponha sua mente em Deus, abandone o mundo, evite a tentação" tudo isso para que tenhamos esta energia. Mas a gente continua sendo um ser humano com apetites, ardendo interiormente, com urgências sexuais, biológicas, desejando fazer algo, controlando-se, esforçando-se e todo o resto; portanto, dissipando energia. Mas se você viver com o fato e nada mais se está zangado, compreenda-o e não se preocupe com "como não estar zangado", examine o fato, viva-o, esteja com ele, lhe empreste completa atenção, verá que tem essa energia em abundância. É essa energia a que mantém a mente clara, o coração aberto, de maneira que haja abundância de amor, não só idéia ou sentimentos.

Interlocutor: O que você entende por êxtase? Pode descrevê-lo? Você disse que o êxtase não é prazer, que o amor não é prazer?

Krishnamurti: O que é êxtase? Quando você olha uma nuvem, a luz nessa nuvem, há beleza. A beleza é paixão. Para ver a beleza de uma nuvem ou a beleza da luz sobre uma árvore, tem que haver paixão, tem que haver intensidade. Nesta intensidade, nesta paixão, não há sentimento de agrado ou desagrado. O êxtase não é pessoal; não é dele nem meu, igual o amor não é dele nem meu. Quando há agradar ele sim é dele ou meu. Quando existe essa mente meditativa, ela tem seu próprio êxtase, que não pode ser descrito, que não pode ser expresso em palavras.

Interlocutor: Diz você que não existe o bom e o mau, que todas as reações são boas é isso o que você diz?

Krishnamurti: Não, senhor, não disse isso. Eu disse: observe sua reação, não a chame boa ou má. Quando a chama boa ou má, você engendra contradição. Olhou alguma vez a sua esposa sinto ter que insistir nisto, sem a imagem que tem dela, essa imagem que você construiu através de trinta anos ou os que forem? Você tem uma imagem dela, e ela tem uma imagem de você; essas imagens estão em relação; você e ela não o estão. Essas imagens surgem quando não estamos atentos em nossa relação, é a falta de atenção a que engendra imagens. Você pode olhar a sua esposa sem condenar, avaliar, sem dizer que ela está no correto, ou no incorreto, a não ser meramente observá-la

sem introduzir nisso seus prejuízos? Verá então que existe uma ação de tudo diferente que emana dessa observação.

Paris, 24 de abril de 1969

QUARTA PARTE

9. A VIOLÊNCIA

O que é a violência? A imposição na raiz da violência psicológica. Necessidade de observar. A falta de atenção

Krishnamurti: O propósito destas discussões é observar criativamente, é nos observar a nós mesmos criativamente enquanto falamos. Todos devemos cooperar no tratamento de qualquer tema que desejemos discutir e deve haver certa franqueza não rudeza ou o nos referir asperamente à ignorância (ou inteligência) de outro, mas sim cada um deve participar da discussão de um tema determinado com toda sua capacidade. Na mesma exposição do que sentimos ou inquirimos deve haver um sentimento de perceber algo novo. Isso é criação, não a repetição do velho, a não ser a expressão do novo no descobrimento de nós mesmos enquanto nos expressamos em palavras. Assim é como acredito que estas discussões serão proveitosas.

Interlocutor (1): Podemos investigar mais profundamente esta questão da energia e como é desperdiçada?

Interlocutor (2): Você esteve falando da violência, a violência da guerra, a violência na forma de tratar às pessoas, a violência na forma de pensar e de olhar a outras pessoas. Mas, o que tem que a violência na auto conservação? Se eu fosse atacado por um lobo, defenderia-me apaixonadamente com todas minhas forças. É possível ser violento em uma parte de nós, e não em outra? Krishnamurti: houve uma sugestão em relação à violência, quando deformamos a nós mesmos para nos ajustar a um padrão particular da sociedade, ou da moralidade; mas também existe o problema da auto conservação. Onde está a linha divisória entre a própria conservação que algumas vezes requer violência, e outras formas de violência? Desejam discutir isso?

Público: Sim.

Krishnamurti: Se me permite, sugiro que discutamos as várias formas de violência psicológica, e então veremos qual é o sítio da própria conservação quando somos atacados. Pergunto-me o que pensarão vocês sobre a violência. O que é a violência para vocês?

Interlocutor (1): É uma forma de defesa.

Interlocutor (2): É uma perturbação de minha comodidade.

Krishnamurti: O que significa para você a violência, o sentimento, a palavra, a natureza da violência?

Interlocutor (1): É agressão.

Interlocutor (2): Se a gente está frustrado se torna violento.

Interlocutor (3): Se um homem for incapaz de obter algo, então fica violento.

Interlocutor (4): Ódio, no sentido de subjugar.

Krishnamurti: O que significa a violência para vocês?

Interlocutor (1): Uma manifestação de perigo, quando o "eu" intervém.

Interlocutor (2): Medo;

Interlocutor (3): Sem dúvida com a violência ferimos alguém ou a algo, seja mental ou fisicamente.

Krishnamurti: Conhece você a violência porque conhece a não violência? Saberia o que é a violência sem o oposto? Porque conhece estados de não violência, reconhece, portanto, a violência? Como conhece a violência? Porque a gente é agressivo, competidor, e vê os efeitos de tudo isso, que é violência, a gente constrói um estado de não violência. Se não houvesse o oposto, saberia o que é a violência?

Interlocutor: Eu não a identificaria, mas sentiria algo.

Krishnamurti: É que existe esse sentimento ou surgiu porque você conhece a violência?

Interlocutor: Acredito que a violência nos causa dor e é um sentimento insalubre de que queremos nos desembaraçar. Por esse motivo desejamos chegar a ser não violentos.

Krishnamurti: Não sei nada a respeito da violência, nem sobre a não violência. Não parto de nenhum conceito ou fórmula. Não sei realmente o que significa a violência. Quero descobrir.

Interlocutor: A experiência de ter sido ferido e atacado faz que alguém deseje proteger-se.

Krishnamurti: Sim, compreendo isso: foi sugerido antes. Ainda estou tratando de averiguar o que é violência. Quero investigá-lo, explorá-lo, desarraigá-lo, trocá-lo, compreende-me? Interlocutor: A violência é ausência de amor.

Krishnamurti: Sabe o que é amor?

Interlocutor: Acredito que todas essas coisas se originam em nós.

Krishnamurti: Sim, é exatamente isso.

Interlocutor: A violência surge de nós.

Krishnamurti: Isso é correto. Desejo averiguar se vier de fora ou de dentro.

Interlocutor: É uma forma de amparo.

Krishnamurti: Vamos pouco a pouco, por favor; é um problema muito sério e o mundo inteiro está envolto nele.

Interlocutor: A violência dissipa parte de minha energia.

Krishnamurti: Todo mundo falou de violência e de não violência. A gente diz: “devemos viver violentamente”, ou vendo o efeito disso, diz: “devemos viver pacificamente”. Escutamos tantas coisas, de livros, de pregadores, educadores e outros; mas quero descobrir se for possível desentranhar a natureza da violência e que lugar tem na vida se é que tem algum. O que é que nos faz violentos, agressivos, competidores? E está envolta a violência na conformidade a um modelo por nobre que este seja? É a violência parte da disciplina imposta pela gente mesmo ou pela sociedade? É a violência um conflito dentro e fora de nós mesmos? Quero descobrir a origem, o começo da violência, pois do contrário, o que faço é simplesmente trespassar um montão de palavras. É natural ser violento no sentido psicológico? (Consideraremos depois os estados físico psicológicos). Internamente é a violência, agressão, ira, ódio, conflito, repressão, conformidade? E está apoiada a conformidade nessa luta constante por descobrir, obter, chegar a ser, alcançar, auto realizar-se, ser nobre, etc? Tudo isso está dentro do campo psicológico. Se não pudermos penetrar nisso muito profundamente, então não seremos capazes de compreender como é possível produzir um estado diferente em nossa vida diária, o qual requer certa quantidade de auto conservação. Correto? Assim comecemos daí.

O que consideraria você que é a violência, não verbalmente, a não ser de fato, internamente?

Interlocutor (1): É violar outra coisa. É impor-se sobre algo.

Interlocutor (2) O que há do rechaço?

Krishnamurti: Consideremos a primeiro imposição, violar “o que é”. Sou ciumento e imponho sobre isso a idéia de não ser ciumento: “não devo ser ciumento”. A imposição, o violar “o que é”, constitui violência. Começaremos pouco a pouco, e possivelmente nessa única frase possamos cobrir a coisa completa. “O que é” está sempre em movimento, não é estático. Violo-o ao lhe impor algo que acredito “deveria ser”.

Interlocutor: Quer dizer que quando sinto ira penso que a ira não deve existir, e em vez de estar encolerizado me reprimo? É isso violência? Ou é violência quando a rápido?

Krishnamurti: Vejamos algo nisto: estou encolerizado e para me desafogar o ataco, e isso põe em marcha uma cadeia de reações, de maneira que você me devolve a agressão. A mesma expressão dessa ira é violência. E se impuser sobre o fato de que estou encolerizado algo mais, ou seja, “não estar encolerizado”, não é isso violência também? Interlocutor: Estaria de acordo com essa definição geral, mas para isso a imposição tem que ocorrer em forma brutal. Isso é o que a faz violenta. Se um se impuser gradualmente, então não séria violento.

Krishnamurti.: Compreendo, senhor. Se você se impuser com gentileza, com tato, então isso não é violência. Violo o fato de que ódio, suprimindo-o e gradualmente. Isso, diz o senhor, não seria violência. Mas não importa que o faça violenta ou brandamente, o fato é que impõe outra coisa sobre “o que é”. Estamos mais ou menos de acordo com isso?

Interlocutor: Não.

Krishnamurti: Examinemo-lo. Digamos que tenho a ambição de ser o maior poeta do mundo (ou o que seja) e estou frustrado porque não posso sê-lo. Esta frustração, esta mesma ambição, é uma forma de violência contra o fato de que não o sou. Sinto-me frustrado porque você é melhor que eu. Não engendra isso violência?

Interlocutor: Toda ação contra uma pessoa ou contra uma coisa é violência.

Krishnamurti: Observe, por favor, a dificuldade envolta nisto. Existe o fato e a violação desse fato por outra ação. Digamos, por exemplo, que eu não gosto dos russos, ou os alemães, ou os americanos, e imponho minha opinião pessoal ou minha avaliação poética; isso constitui uma forma de violência. Quando me imponho sobre você, isso é violência. Quando me comparo com você (que é mais famoso, mais inteligente), estou exercendo violência sobre mim mesmo, não é assim? Sou violento. Na escola “B” é comparado com “A”, quem é melhor nos exames e os passa brilhantemente. O professor diz a “B”: “tem que ser como ele”; portanto, quando compara a “B” com “A”, há violência e destrói a “B”. Veja o que está envolto neste fato, que quando imponho sobre “o que é” aquilo que “deveria ser” (o ideal, o perfeito, a imagem, etc.), há violência.

Interlocutor (1): Sinto dentro de mim que se houver alguma resistência, algo que poderia destruir, então surge a violência, mas igualmente sinto que se não resistir também poderia estar me violentando.

Interlocutor (2) Não se trata em tudo isto do ego, do “eu”, que é a raiz de toda violência?

Interlocutor (3): Suponhamos que aceito o que você diz a respeito disto. Suponhamos que você odeia a alguém e gostaria de eliminar esse ódio. Há duas maneiras de abordar o problema: o enfoque violento e o não violento. Se impuser sobre seu próprio ser para eliminar esse ódio, será violento com você mesmo. Se, pelo contrário, toma o tempo, toma o trabalho de conhecer seus sentimentos e o objeto de seu ódio, vencerá gradualmente esse ódio. Então haverá resolvido o problema sem violência.

Krishnamurti: Acredito que isso está bastante claro, senhor, não é assim? Não estamos agora tratando de resolver como nos arrumar com a violência, se em forma violenta ou não violenta, a não ser o que é o que provoca esta violência em nós. O que é a violência, psicologicamente, em nós?

Interlocutor: Não há, na imposição, a ruptura de algo? Então você se sente incômodo e começa a ficar mais violento.

Krishnamurti: O romper com as próprias idéias e com nossa maneira de viver, etc, ocasiona desconforto. Esse desconforto traz violência.

Interlocutor (1): A violência pode surgir de dentro ou de fora. Geralmente culpo o exterior por essa violência.

Interlocutor (2): Não é a fragmentação a raiz da violência?

Krishnamurti: Por favor, há tantas maneiras de demonstrar o que é a violência ou quais são suas causas! Não podemos ver um fato singelo e começar aí, pouco a pouco? Não podemos ver que qualquer forma de imposição do pai sobre o filho, ou do filho sobre o pai, do professor sobre o discípulo, da sociedade, do sacerdote, são todas formas de violência? Não poderíamos estar de acordo nisso e começar aí?

Interlocutor: Isso vem de fora.

Krishnamurti: Fazemos isso não só no externo, mas também internamente. Digo-me, "estou colérico", e imponho sobre isso a idéia de que não devo está-lo. Dizemos que isso é violência. No mundo exterior, quando um ditador reprime ao povo, isso é violência. Quando reprimo o que sinto porque tenho medo, porque não é nobre, porque não é puro, etc, isso é violência também. Portanto, o não aceitar o fato do que é", engendra essa imposição. Se aceitar o fato de que sou ciumento e não resisto, não há imposição; então saberei o que fazer a respeito. Nisso não há violência.

Interlocutor: Você diz que a educação é violência.

Krishnamurti: Digo-o. Não existe uma maneira de educar sem violência?

Interlocutor: Não de acordo com a tradição.

Krishnamurti: O problema é este: por natureza sou um ser humano violento em meus pensamentos, em minha forma de viver; sou agressivo, competidor, brutal, etc sou isso. E me pergunto: "como vou viver em forma diferente?" porque a violência engendra tremendos antagonismos e destruição no mundo. Quero compreendê-lo e me liberar disso, viver em forma diferente. Então me pergunto: "o que é esta violência em mim? É frustração porque desejo ser famoso e sei que não posso sê-lo e, portanto, odeio às pessoas que são famosas?" Sou ciumento e não desejo ser ciumento, e esse ódio estado de ciúmes com toda sua ansiedade, temor e moléstias e por tal motivo o reprimo. Faço tudo isto e me dou conta de que constitui uma forma de violência. Agora quero averiguar se isso é inevitável, ou se há uma maneira de compreendê-lo, olhando-o e lhe fazendo frente de maneira que possa um viver em forma distinta. Portanto, tenho que descobrir o que é a violência.

Interlocutor: É uma reação.

Krishnamurti: Você é muito rápido. Ajuda-me isso a compreender a natureza de minha violência? Quero investigá-la, preciso descobrir o que é. Vejo que enquanto haja dualidade, ou seja, violência e não violência, haverá conflito e, certamente, mais violência. Enquanto imponha sobre o fato de que sou estúpido a idéia de que devo ser inteligente, aí estará o princípio da violência. Quando me comparo com você, que é muito mais que eu, isso é também violência. A comparação, a repressão, o controle, tudo isso indica uma forma de violência. Estou feito assim. Comparo, reprimo, sou ambicioso. Dando-me conta disso, pergunto-me: “como vou viver sem violência?” Preciso encontrar uma maneira de viver sem toda esta luta.

Interlocutor: Não é o ego, o “eu”, que está contra o fato?

Krishnamurti: Já discutiremos isso. Vejamos o fato, vejamos primeiro o que ocorre. Toda minha vida, desde que estava na escola até agora, foi uma forma de violência. A sociedade em que vivo é uma forma de violência A sociedade me diz: adapte-se, aceite, faça isto, não faça aquilo, e eu obedeço. Isso é uma forma de violência. E quando me Rebelo contra a sociedade, isso também é uma forma de violência (rebelião no sentido de não aceitar os valores estabelecidos pela sociedade). Rebelo-me contra isso e então acredito em meus próprios valores, que se tornam no padrão; e esse padrão é imposto sobre outros e sobre mim mesmo, o qual se converte em outra forma de violência. Vivo essa classe de vida. Isto é: sou violento. O que devo fazer agora?

Interlocutor: A gente deveria perguntar-se primeiro por que não quer continuar sendo violento.

Krishnamurti: Porque vejo o que a violência causou no mundo tal como é: guerras no exterior, conflito interno, conflito na relação. Objetivamente e dentro de mim vejo que essa batalha continua, e me digo: “tem que haver, sem dúvida, uma maneira diferente de viver”.

Interlocutor: por que lhe desgosta esse estado de coisas?

Krishnamurti: É muito destrutivo.

Interlocutor: Então isso quer dizer que você mesmo já lhe deu o mais alto valor ao amor.

Krishnamurti: Não lhe dei valor a nada, estou só observando.

Interlocutor: Se não lhe agrada é porque então o avaliou.

Krishnamurti: Não estou avaliando, observo. Observo que a guerra é destrutiva.

Interlocutor: O que tem que mau nisso?

Krishnamurti: Não digo que seja correto ou incorreto.

Interlocutor: por que quer então trocá-lo?

Krishnamurti: Desejo trocá-lo porque meu filho morre em uma guerra, e me pergunto: “existe alguma forma de viver em que não nos matemos uns aos outros?”

Interlocutor: De maneira que o que você quer fazer é experimentar com uma maneira diferente de viver, e então compara a nova maneira de viver com o que ocorre agora.

Krishnamurti: Não, senhor. Não comparo. Já expressei tudo isto. Vejo que meu filho é morto em uma guerra e me digo: “não existe uma maneira diferente de viver?” Quero descobrir se existir uma maneira de viver em que não haja violência.

Interlocutor: Mas caso...

Krishnamurti: Não façamos hipóteses, senhor. Mataram a meu filho e quero encontrar um modo de viver em que os filhos de outros não corram a mesma sorte.

Interlocutor: De maneira que você o que deseja é uma ou outra de duas possibilidades.

Krishnamurti: Há dúzias de possibilidades.

Interlocutor: Sua urgência por descobrir outra maneira de vida é tão grande que deseja adotar uma distinta, não importa a que seja. Quer experimentar com ela e compará-la.

Krishnamurti: Não, senhor, temo que você insiste em algo que não apresentei com claridade.

Ou aceitamos este modo de vida com violência e todo o resto, ou dizemos que a inteligência humana pode encontrar um modo diferente de viver no qual não exista violência. Isso é tudo. E dizemos que essa violência prevalecerá enquanto haja comparação, repressão, conformidade e auto-disciplina como o modo de vida de acordo a um padrão estabelecido. Nisso há conflito e, portanto, violência.

Interlocutor: por que surge a confusão? Não é esta criada em torno do “eu”?

Krishnamurti: Já discutiremos isso, senhor.

Interlocutor: A coisa que está no fundo da violência, a raiz, a essência dela nos afeta. Pelo fato de que existimos, influímos no resto da existência. Estou aqui. Ao respirar o ar afeto o que existe dentro dele. De maneira que sustento que a essência da violência é o fato de produzir efeito em algo, o qual é inerente à existência. Quando o efeito é a discórdia, a desarmonia, chamamos a isso violência. Mas se harmonizarmos, encontramos que esse é, então, o outro lado da violência que ainda segue afetando. Em um caso o efeito é contra algo, que é violência, e em outro caso o efeito é a favor de algo.

Krishnamurti: Posso perguntar algo, senhor? Está você interessado na violência? Está você envolto na violência? Está você preocupado por esta violência, tanto pela sua como pela do mundo, até o ponto de sentir que "não pode viver desta maneira"?

Interlocutor: Quando nos ricocheteamos contra a violência, criamos um problema porque a rebelião é violência.

Krishnamurti: Compreendo, senhor, mas como podemos prosseguir com este tema?

Interlocutor: Não estou de acordo com a sociedade. A rebelião contra as idéias dinheiro, eficiência, etc, é minha forma de violência.

Krishnamurti: Sim, compreendo. Portanto, essa rebelião contra a cultura presente, a educação, etc, é violência.

Interlocutor: Assim é como vejo minha violência.

Krishnamurti: Sim, e o que fará então com isso? Isso é o que estamos tratando de discutir.

Interlocutor: Isso é o que quero saber.

Krishnamurti: Eu também desejo saber a respeito disto, assim vamos rodear-nos ao tema.

Interlocutor: Se tiver um problema com uma pessoa, posso compreendê-lo muito mais claramente. Se ódio a alguém sei; reajo contra isso. Mas isso não é possível com a sociedade.

Krishnamurti: Consideremos isto, por favor. Rebelo-me contra a atual estrutura moral da sociedade. Dou-me conta de que a mera rebelião contra esta moralidade, sem descobrir o que é a verdadeira moralidade, é violência. O que é a verdadeira moralidade? A menos que o descubra e o viva, o me rebelar simplesmente contra a estrutura da moralidade social tem muito pouco sentido.

Interlocutor: Senhor, não é possível conhecer a violência sem vivê-la.

Krishnamurti: OH! Diz você que devo viver violentamente antes que possa compreender o outro?

Interlocutor: Você disse que para compreender a verdadeira moralidade terá que vivê-la. Temos que viver violentamente para ver o que é o amor.

Krishnamurti: Quando diz que devo viver dessa maneira, você está de antemão me impondo uma idéia do que pensa que é o amor.

Interlocutor: Isso equivale a repetir suas palavras.

Krishnamurti: Senhor, existe a moralidade social contra a qual me Rebelo porque vejo quão absurdo é. O que é a verdadeira moralidade, na qual não há violência?

Interlocutor: Não está a verdadeira moralidade controlando a violência? Sem dúvida que há violência em todos; certa gente os chamados seres superiores, controlam-na. Está sempre na natureza. Trata-se de uma tormenta elétrica ou de um animal selvagem que mata a outro, ou de uma árvore que morre, a violência está em toda parte.

Krishnamurti: Pode haver uma forma mais elevada de violência, mais sutil, mais tênue, e também existem as formas mais brutais. A vida inteira é violência, no pequeno e no grande. Se queremos averiguar se for possível sair de toda esta estrutura da violência, é necessário investigá-lo. Isso é o que estamos tratando de fazer.

Interlocutor: Senhor, o que você quer dizer com "investigando-o"?

Krishnamurti: "investigando-o" quero dizer, primeiro examinar, explorar "o que é". Para explorar devo estar livre de toda conclusão, de todo prejuízo. Então, com essa liberdade observo o problema da violência. Isso é "investigá-lo".

Interlocutor: Ocorrerá algo então?

Krishnamurti: Não, não ocorre nada.

Interlocutor: Descubro que minha reação contra a guerra é que "não quero brigar". Mas encontro que o que faço é tratar de me manter afastado, viver em outro país, ou me afastar da gente que não me agrada. Limito-me a me afastar da sociedade norte-americana.

Krishnamurti: Ela diz: "não sou uma manifestante nem sou das que protestam, mas não vivo no país onde há tudo isso. Mantenho-me afastada da gente que eu não gosto". Tudo isto é uma forma de violência. Por favor, emprestemos um pouco de atenção a isto. Dediquemos nossas mentes a compreender esta questão. O que tem que fazer um homem que vê o padrão geral de comportamento político, religioso e econômico no qual a violência está envolta em maior ou menor grau, quando se sente pego na armadilha que ele mesmo criou?

Interlocutor: permita-me sugerir que não existe a violência, mas sim o pensamento a cria.

Krishnamurti: OH! Mato a alguém e penso nisso e, portanto, isso é violência. Não, senhor, estamos acaso jogando com palavras? Não poderíamos penetrar nisto um pouco mais? Vimos que sempre que me imponho mesmo psicologicamente, uma idéia ou conclusão, isso engendra violência. (Consideremos isso por agora). Sou cruel, verbalmente e em meus sentimentos. Imponho-me sobre este fato, dizendo: "não devo", e me dou conta de que isso é uma forma de violência. Como vou encarar-me com esse sentimento de crueldade sem impor algo mais sobre ele? Posso compreendê-lo sem reprimi-lo, sem fugir dele, sem nenhuma outra forma de escapamento ou de substituição? Aqui há um fato; sou cruel. Isso é para mim um problema e nenhuma quantidade de explicações que digam "devo ou não devo" resolverão.

Aqui há um problema que me afeta e preciso solucioná-lo, porque vejo que pode haver uma maneira diferente de viver. Então me digo: “como posso estar livre desta crueldade, sem conflito?” Porque tão logo introduzo o conflito para me desfazer da crueldade, já engendrei a violência. De maneira que primeiro devo ver claramente o que o conflito implica. Se existir algum conflito em relação à crueldade da qual quero me liberar, nesse mesmo conflito se engendra a violência. Como vou estar livre da crueldade sem conflito?

Interlocutor: Aceitando-a. Krishnamurti: Pergunto-me o que queremos dizer aceitando nossa crueldade. Está aí! Não a aceito nem a nego. O que tem que bom em dizer “a aceito”? É um fato que tenho a pele morena; é assim. Por que devo aceitá-lo ou rechaçá-lo? O fato é que sou cruel.

Interlocutor: Vejo que sou cruel e o aceito, compreendo-o; mas também tenho medo de atuar cruelmente e de seguir fazendo-o.

Krishnamurti: Sim. Pinjente: “sou cruel”. Nem o aceito nem o rechaço. É um fato; e é outro feito que quando existe conflito no livrar-se da crueldade, então há violência. De maneira que tenho que me haver isso com duas coisas: a violência e a crueldade, e o me desfazer disso sem esforço. O que tenho que fazer? Toda minha vida é esforço e luta.

Interlocutor: A questão não é a violência, a não ser a criação de uma imagem.

Krishnamurti: Essa imagem lhe impõe algo, ou nós impomos essa imagem sobre “o que é” correto?

Interlocutor: Isso surge da ignorância a respeito de nosso verdadeiro ser.

Krishnamurti: Não me dou conta exata do que você quer dizer com “verdadeiro ser”.

Interlocutor: Quero dizer que você não está separado do mundo, que você é o mundo e, portanto, a gente é responsável pela violência que tem lugar no externo.

Krishnamurti: Sim. Diz que o verdadeiro ser está em reconhecer que você é o mundo e o mundo é você, e que a crueldade e a violência não são algo diferente, a não ser parte de um. É isso o que quer dizer, senhor?

Interlocutor: Não. Parte da ignorância.

Krishnamurti: De maneira que diz você que existe o verdadeiro ser e que existe a ignorância? Existem dois estados, o verdadeiro ser e o verdadeiro ser recoberto pela ignorância. Por que? Essa é uma velha teoria da Índia. Como sabe que existe um verdadeiro ser oculto depois da ilusão e a ignorância?

Interlocutor: Se nos dermos conta de que os problemas que temos existem em términos de opostos, todos os problemas se desvanecerão.

Krishnamurti: Tudo o que temos que fazer é não pensar em términos de opostos. Fazemos isso, ou é uma mera idéia?

Interlocutor: Senhor, não é a dualidade inerente ao pensamento?

Krishnamurti: Chegamos a um ponto e nos afastamos dele. Sei que sou cruel, por várias razões psicológicas. Isso é um fato. Como me liberarei disso sem esforço?

Interlocutor: O que quer dizer “sem esforço”?

Krishnamurti: Expliquei o que entendo por esforço. Se o reprimo envolveu esforço no sentido de que existe contradição: a crueldade e o desejo de não ser cruel. Há conflito entre “o que é” e “o que deveria ser”.

Interlocutor: Se realmente o observar, não posso ser cruel. Krishnamurti: Quero descobrir, não aceitar asseverações. Quero descobrir se for de tudo possível estar livre de crueldade. É possível liberar-se dela sem reprimi-la, sem fugir, sem tratar de forçála? O que você tem que fazer?

Interlocutor: A única coisa que se tem que fazer é pô-la em descoberto.

Krishnamurti: Para isso devo deixá-la sair, deixar que se manifeste não no sentido de que me torne mais cruel. Por que não a sotaque exteriorizar-se? Acima de tudo a temo. Não sei se deixando-a manifestar-se não me voltaria mais cruel. E se a exteriorizo, sou capaz de compreendê-la? Posso observá-la cuidadosamente, quer dizer, atentamente? Posso fazê-lo só se minha energia, meu interesse e minha urgência coincidem neste momento de exteriorizá-la. Neste momento tenho que ter a urgência de compreendê-la, devo ter uma mente sem distorção alguma. Necessito uma tremenda energia para olhar. E essas três coisas têm que ocorrer instantaneamente no momento da manifestação. O qual significa que sou o suficientemente sensível e livre para ter esta energia vital, essa intensidade e essa atenção. Como posso ter essa atenção intensa? Como a alcanço?

Interlocutor: Se chegarmos ao ponto de desejar compreendê-lo com desespero, então temos essa atenção.

Krishnamurti: Compreendo. Só estou dizendo: “é possível estar atento?” Espere, vejo as implicações, o que está envolto nisso. Não lhe dê significados, nem presente um novo trocadilho. Aqui estou. Não sei o que a atenção significa. Provavelmente nunca emprestei atenção a nada, porque a maior parte de minha vida sou inatento. Súbitamente vem você e me diz: “olhe, esteja atento à crueldade”; e eu digo: “farei-o” mas, o que quer dizer isso? Como tem que produzir-se esse estado de atenção? Existe um método? Se houver um método, e posso praticar para estar atento, isso tomará tempo, e enquanto isso seguirei sendo inatento, e assim ocasionarei mais destruição. De maneira que tudo isso deve ocorrer instantaneamente!

Sou cruel. Não o reprimirei, nem escaparei. Isso não quer dizer que tomei a determinação de não escapar, nem que resolvi não reprimi-lo. Mas vejo e compreendo inteligentemente que a repressão, o controle, o escapamento, não resolvem o problema; em conseqüência os descarto. Agora bem, tenho esta

inteligência que surgiu ao compreender a futilidade da repressão, do escapamento, do tratar de me impor. Com esta inteligência estou investigando e observando a crueldade. Dou-me conta de que para observá-la deve haver uma grande dose de atenção e que para ter essa atenção devo ser muito cuidadoso com meu inatención. De maneira que meu interesse é me dar conta da inatención. O que quer dizer isso? Se trato de praticar a atenção, torna-se mecânica, estúpida e sem sentido; mas se me volto atento, ou me dou conta de minha falta de atenção, então começo a descobrir como surge a atenção. Por que não estou atento aos sentimentos de outros, a meu modo de falar, de comer, ao que a gente diz e faz? Ao compreender o estado negativo, chegarei ao positivo, o qual é atenção. Estou, pois, examinando, tratando de compreender como surge essa inatención.

Esta é uma questão muito séria porque o mundo inteiro está ardendo. Se for parte desse mundo e esse mundo sou eu, devo pôr fim ao incêndio. De maneira que estamos estados separados neste problema, porque é a falta de atenção o que ocasionou todo este caos no mundo. Vemos o fato curioso de que a inatención é negação: falta de atenção, falta de "estar aí", no momento. Como é possível dar-se conta da inatención de modo tão completo que esta se converta em atenção? Como tenho que me dar conta de minha crueldade completamente, instantaneamente, com grande energia, de uma maneira em que não haja fricção, nem contradição, e que seja completa, total? Como posso obter isso? Dissemos que é possível unicamente quando há atenção completa; e essa atenção completa não existe porque nossa vida se esgota esbanjando energia na inatención.

Saanen, Suíça, 3 de agosto de 1969

10. A MUDANÇA RADICAL

Qual é o instrumento que observa?

Krishnamurti: O homem não trocou muito profundamente. Estamos falando da revolução radical no homem, não da imposição de outro padrão de conduta sobre o velho padrão. Estamos interessados só na mudança fundamental do que está ocorrendo realmente dentro de nós. Havemos dito que o mundo e nós não somos duas coisas diferentes, mas sim o mundo é nós, e nós somos o mundo. Realizar uma grande mudança na mesma raiz de nosso ser, uma revolução, uma mutação uma transformação não importa a palavra que usemos, isso é o que nos ocupa durante estas discussões.

Perguntávamos ontem: Podemos nos observar nós mesmos claramente, sem distorção alguma sendo a distorção o desejo de avaliar, julgar, realizar, e desfazer-se do que é"? Tudo isso impede a clara percepção, impede que olhemos exata e intimamente "o que é". Pois bem, acredito que nesta manhã devemos investir algum tempo falando, tratando juntos a respeito da natureza da observação, da maneira de olhar, de escutar, de ver. Tentaremos descobrir se for possível ver não só com uma parte de nosso ser, a parte visual,

intelectual ou emocional. É de tudo possível observar muito de perto, sem distorção alguma? Possivelmente seria proveitoso investigar isso. O que é ver? Podemos nos olhar, olhar o fato básico de nós mesmos que é cobiça, inveja, ansiedade, temor, hipocrisia engano, ambição, podemos observar isso nada mais, sem distorção alguma?

Podemos dedicar algum tempo esta manhã tratando de aprender o que é olhar? O aprender é um movimento constante, uma constante renovação. Não é "ter aprendido" para logo olhar de ali. Escutando o que se está dizendo e nos observando um pouco, aprendemos algo, experimentamos algo; e olhamos partindo desse aprender e experimentar. Olhamos com a lembrança do que aprendemos e do que experimentamos; com esse recordo na mente observamos. Portanto, isso não é observar, não é aprender. O aprender implica uma mente que aprende de novo cada vez. De maneira que o aprender é sempre novo. Tendo isso presente não estamos interessados no cultivo da memória, mas sim em observar o que realmente ocorre. Trataremos de estar muito alertas, muito atentos, de maneira que o que vimos e o que aprendemos não se converta em uma lembrança com o que olhamos, o qual é já uma distorção. Olhemos cada vez como se fosse a primeira vez. Olhar, observar "o que é" com lembranças, quer dizer que a memória dita, modelo ou dirige nossa observação, a que, portanto, já está deformada. Podemos continuar daí?

Desejamos averiguar o que significa observar. O cientista pode olhar algo através de um microscópio e observar muito de perto; há um objeto externo e o olhe sem prejuízos, embora com algum conhecimento necessário para observar. Mas aqui estamos observando a estrutura total, o movimento total da vida, o ser total que sou "eu mesmo". Não devemos olhá-lo em forma intelectual, emocional e com alguma conclusão sobre o correto ou o incorreto, ou de se "isto não deve ser", ou "isto deveria ser". Em vista disso, antes que possamos olhar profundamente, temos que nos dar conta deste processo contínuo de avaliar, julgar, chegar a conclusões, o qual impedirá a observação.

Agora estamos interessados não no olhar, a não ser naquilo que está olhando. Está o instrumento que olhe, manchado, deformado, torcido, recarregado? Neste momento o que nos importa não é o olhar a não ser a observação do instrumento que olhe, que é a gente mesmo. Se tiver uma conclusão, como por exemplo, o nacionalismo, e Miro com esse condicionamento profundo, essa coisa tribal, excludente chamada nacionalismo, é óbvio que Miro com muito prejuízo; portanto, não posso ver com claridade. Ou se tiver medo de olhar, então isso é evidentemente um olhar deformado. Ou se ambicionar a iluminação, ou uma posição mais alta, ou o que seja isso também impede a claridade de percepção. Temos que ser conscientes de tudo isso, nos dar conta do instrumento que olhe e descobrir se estiver limpo.

Interlocutor: Se um olhe e encontra que o instrumento não está limpo, o que faz um então?

Krishnamurti: Tenha a amabilidade de escutar isto cuidadosamente. Falamos que observar “o que é”, ou seja a básica atividade egoísta, egocêntrica, aquilo que resiste, que está frustrado e que se encoleriza; observar tudo isso. Depois falamos de observar o instrumento que observa e descobrir se esse instrumento está limpo. Deslocamo-nos que fato ao instrumento que vai olhar. Estamos investigando se esse instrumento está limpo e encontramos que não o está. O que temos que fazer então? há-se agonizada a inteligência; antes estávamos interessados unicamente em observar o fato, “o que é”; estávamos observando-o e nos afastamos dessa observação e dissemos: “devemos observar o instrumento que olhe e ver se estiver limpo”. Nesse mesmo questionar há uma inteligência, vão seguindo tudo isto? Há, pois, uma ansiedade da inteligência, uma ansiedade da mente, do cérebro.

Interlocutor: Não implica isto que existe um nível de consciência onde não há divisão, nem condicionamento?

Krishnamurti: Não sei o que implica. Simplesmente me estou movendo pouco a pouco. Não se trata de um movimento fragmentário. Não está fracionado. Quando olhava anteriormente não tinha inteligência. Dizia: “devo trocá-lo”; “não devo trocá-lo”; “isto não deve ser”; “isto é bom”; “isto é mau”; “isto deveria ser” tudo isso. Com essas conclusões observava e nada acontecia. Dou-me conta agora de que o instrumento deve estar extraordinariamente limpo para olhar. De modo que há um único movimento constante da inteligência, e não um estado fragmentário. Desejo continuar com isto.

Interlocutor: É energia esta mesma inteligência? Se depender de algo, fracassará.

Krishnamurti: De momento não se preocupe; deixe a um lado a questão da energia.

Interlocutor: Você o conseguiu já, enquanto que para nós parece refinamento sobre refinamento, mas o impulso é o mesmo.

Krishnamurti: Sim. É isso o que ocorre refinamento? Ou é que a mente, o cérebro, todo o ser, tornou-se muito embotado devido a vários fatores, tais como pressões, atividades, etc? E dizemos que é necessário despertar completamente todo o ser.

Interlocutor: Essa é a mutreta.

Krishnamurti: Espere, a isso vou referir-me, vê-lo-á. A inteligência não evolui. A inteligência não é resultado do tempo. A inteligência é esta qualidade de atenção sensível e alerta ante “o que é”. Minha mente está embotada e digo: “devo me observar”; e esta mente embotada trata de observar-se a si mesmo. Mas é óbvio que não vê nada. Ou resiste, ou rechaça, ou se submete; é uma mente muito respeitável, uma pequena mente burguesa a que está olhando.

Interlocutor: Você começou falando de sistemas ideológicos de moralidade e agora vai mais longe e sugere que devemos nos observar a nós mesmos, que todos os outros sistemas são inúteis. Não é isso também uma ideologia?

Krishnamurti: Não, senhor. Digo, pelo contrário, que se olhe com qualquer ideologia, incluindo a minha, então está você perdido, não olhe em forma alguma. Temos tantas ideologias, respeitáveis e não respeitáveis, e todo o resto; é com essas ideologias no cérebro, no coração, que olhamos. Essas ideologias embotaram o cérebro, a mente e todo nosso ser. Então, a mente embotada olhe. E é óbvio que não importa o que essa mente olhe; tanto se meditar ou se for à lua, seguirá sendo uma mente embotada. De maneira que enquanto essa mente embotada observa, alguém vem e diz: "olhe, amigo, você está embotado e tudo o que olhe estará como você, porque se sua mente está embotada é inevitável que o que veja também o esteja". É um grande descobrimento o de que uma mente embotada que observa algo extraordinariamente vital o volta também embotado ao observá-lo.

Interlocutor: Mas a mesma coisa continua estendendo-se.

Krishnamurti: Se não for inconveniente, espere, vá devagar. Avançe passo a passo comigo.

Interlocutor: Se uma mente embotada reconhece que está embotada, é porque não está tão embotada.

Krishnamurti: Mas não reconheçe! Seria excelente se a mente embotada reconhecesse que está embotada, mas não o faz. Trata de polir-se mais e mais, tornando-se erudita, científica, e tudo isso, ou se dá conta de que está embotada, diz: "Esta mente embotada não pode ver claramente". Então a seguinte pergunta é: Como pode essa mente embotada, nublada, voltar-se extraordinariamente inteligente, de maneira que o instrumento através do qual um olhe esteja bem limpo?

Interlocutor: Quer você dizer que quando a mente expõe a questão nessa forma, pôs fim ao embotamento? Pode um fazer o correto por razões equivocadas?

Krishnamurti: Não. Desejaria que descartasse suas conclusões e captasse o que estou expressando.

Interlocutor: Não, senhor. Você fique em meu lugar.

Krishnamurti: O que você diz é que trata de alcançar algo que fará que a mente embotada se torne mais aguda e clara. Eu não digo isso. O que estou dizendo é: observe o embotamento.

Interlocutor: Sem o movimento contínuo?

Krishnamurti: Como se observa a mente embotada sem o movimento contínuo da distorção? Minha mente embotada olha, portanto, não há nada que ver. Pergunto-me: "Como é possível tornar clara a mente?" surgiu esta pergunta por

que comparei à mente torpe com outra mente hábil dizendo: “devo ser como ela”? Entende você? Essa mesma comparação é a continuação da mente embotada.

Interlocutor: Pode a mente embotada comparar-se a se mesma com outra inteligente?

Krishnamurti: Não se compara sempre com alguma mente brilhante? Isso é o que chamamos evolução, não é assim?

Interlocutor: A mente embotada não compara, mas sim pergunta: “por que devo comparar?” Ou podemos pôr o de maneira diferente: acreditam que se podemos ser um pouco mais inteligentes conseguiremos algo mais.

Krishnamurti: Sim, é a mesma coisa. De modo que tenho descoberto algo. A mente embotada diz: “Estou embotada por causa da comparação; sou torpe porque esse homem é preparado”. Não se dá conta de que é torpe em se mesma. Existem dois estados diferentes. Se me der conta de que sou torpe porque você é brilhante, isso é uma coisa. Se me der conta de que sou torpe sem comparação, é uma coisa muito diferente. Qual é seu caso? Compara-se você com outro e, portanto, diz: “sou torpe”? Ou se dá conta de que é torpe sem comparação? Pode ser isso? Fique com isso um momento, por favor.

Interlocutor: É isto possível, senhor?

Krishnamurti: Por favor, lhe conceda dois minutos a esta questão. Dou-me conta de que tenho fome porque você me diz isso, ou é que sinto fome? Se me disser que tenho fome, pode que tenha um pouco, mas isso não é fome em realidade. Mas se tiver fome, tenho fome. De maneira que tenho que ver claro se meu embotamento for o resultado da comparação. Então posso prosseguir daí.

Interlocutor: O que o convenceu até o ponto de poder deixá-lo e estar interessado unicamente em se for torpe ou não?

Krishnamurti: Porque vejo a verdade de que a comparação embota a mente. Quando comparamos a um menino com outro na escola, destruímo-lo ao fazer a comparação. Se lhe dissermos ao irmão menor que tem que ser tão inteligente como o irmão maior, destruímos ao menor, não é assim? Desse modo não estamos interessados no irmão menor, a não ser na inteligência do irmão maior.

Interlocutor: Pode uma mente embotada observar e descobrir que está embotada?

Krishnamurti: vamos averiguar o, assim comecemos de novo, por favor, Não poderíamos nos rodear a esta única coisa esta manhã?

Interlocutor: Enquanto haja esse impulso, que valor tem se for torpe em mim mesmo ou por comparação?

Krishnamurti: vamos investigar. Siga comigo por uns poucos minutos, por favor, sem aceitar nem rechaçar, a não ser observando-se você mesmo. Dissemos ao começo do diálogo desta manhã que a revolução tem que realizar-se na mesma raiz de nosso ser, e que pode ter efeito unicamente quando sabemos observar o que somos. A observação depende da acuidade, claridade e sensibilidade da mente que olha. Mas a maioria de nós estamos embotados e dizemos que não vemos nada quando olhamos; o que vemos é ira, ciúmes, etc., mas sem resultado algum. Assim estamos interessados na mente embotada, e não no que ela olha. Esta mente embotada diz: "devo ser inteligente para poder olhar". De maneira que tem um padrão do que é a inteligência e está tratando de ajustar-se a ele. Alguém lhe expressa: "a comparação sempre trará embotamento". Então ela diz: "devo ter tremendo cuidado com isso, não compararei. Unicamente pela comparação soube o que é o embotamento. Se não comparar, como vou, ou seja, que estou embotada?" De modo que me digo: Não o chamarei embotamento. Não farei uso algum desta palavra. Tão somente observarei "o que é" e não o chamarei "embotamento", porque tão logo o chamo assim, ao lhe dar esse nome, embotei-o. Mas se não lhe dou nome e só observo, eliminei a comparação, descartei a palavra "embotado", e fica unicamente "o que é" É isso difícil? Você observe por si mesmo, por favor. Observe o que ocorreu agora! Olhe onde está agora a mente.

Interlocutor: Vejo que minha mente é muito lenta.

Krishnamurti: Tenha a amabilidade de escutar simplesmente. Irei pouco a pouco, passo a passo. Como me dou conta de que minha mente é torpe? É porque você me há isso dito? Porque tenho lido livros que parecem extraordinariamente talentosos, intrincados e sutis? Ou é que vi a pessoas brilhantes e ao me comparar com elas me pontuo de torpe? Tenho que averiguá-lo. Portanto, não comparo; recuso me comparar com algum outro. Sei então se for torpe? A palavra me impede de observar? Ou é que a palavra substitui "o que realmente é"? Está seguindo isto? Não usarei, pois, uma palavra, não o chamarei torpe, não o pontuarei de lento, não lhe porei nome algum, mas sim averiguarei "o que é". De maneira que descartei a comparação, que é a coisa mais sutil. Minha mente se tornou extraordinariamente inteligente porque não compara, não usa uma palavra com a qual ver "o que é", porque se deu conta de que a descrição não é o descrito. Portanto o que é realmente o fato do que é"?

Podemos prosseguir daí? Observo o fato, a mente está observando seu próprio movimento. Agora bem o condeno, julgo e avalio, e digo: "isto deveria ser", "isto não deveria ser"? Tem a mente alguma fórmula, algum ideal alguma resolução, alguma conclusão que indevidamente deformará "o que é"? Tenho que investigar isso. Se tiver alguma conclusão, não posso olhar. Se for um moralista, se for uma pessoa respeitável, ou um cristão, um vedantista, ou um "iluminado", ou isto ou aquilo, tudo isso me impede de olhar. Portanto, tenho

que estar livre de tudo isso. Estou observando se tiver alguma aula de conclusão. Portanto, a mente se tornou extraordinariamente clara, e diz: “Há temor?” Observo-o e digo: “Há temor, há um desejo de segurança existe a urgência de prazer”, etc. Vejo que não é possível olhar se existe alguma conclusão, se tiver lugar algum movimento de prazer. De maneira que observo e encontro que sou muito apegado à tradição, e me dou conta de que uma mente em tais condições não pode olhar. Tenho um interesse intenso por olhar, e esse profundo interesse me revela o perigo de qualquer conclusão. Por conseguinte, a percepção mesma do perigo é a eliminação desse perigo. Então minha mente não está confusa, não tem conclusão alguma, não pensa em términos de palavras, de descrições, e não compara. Uma mente assim pode observar e o que observa é ela mesma. Ocorreu, pois, uma revolução.

Interlocutor: Não acredito que esta revolução tenha ocorrido. Hoje me arrumei isso para observar a mente na forma que você assinala; a mente se agoniza, mas amanhã terei esquecido como olhar.

Krishnamurti: Não pode esquecê-lo, senhor. Esquece você uma serpente? Esquece você um precipício? Esquece o frasco rotulado “veneno”? Não pode esquecê-lo. O cavalheiro perguntou: “Como posso limpar o instrumento que observa?” Dissemos que limpar o instrumento implica dar- se conta de como ele está embotado, nublado, escurecido. Havemos descrito aquilo que o nubla e também havemos dito que a descrição não é a verdadeira coisa descrita. Portanto, não deve você deixar-se apanhar pelas palavras. Mantenha-se com a coisa descrita, que é o instrumento que se embota.

Interlocutor: Indubitavelmente se observa você mesmo tal como o há descrito, você espera algo.

Krishnamurti: Não estou esperando uma transformação, a iluminação, ou uma mutação; não espero nada porque não sei o que vai ocorrer. Só sei claramente uma coisa: que o instrumento que olhe não está limpo, está nublado, está rachado. Isso é tudo o que sei e nada mais. Meu único interesse está em descobrir como esse instrumento pode fazer-se íntegro e saudável.

Interlocutor: por que está você observando?

Krishnamurti: O mundo está ardendo, e eu sou esse mundo. Estou terrivelmente perturbado, terrivelmente contundido, e de algum modo tem que haver certa ordem em tudo isto. Isso é o que me faz observar. Mas se dissermos: “o mundo está bem, por que nos incomodamos com ele e não o deixamos tranqüilo, já que temos boa saúde e algum dinheiro, com uma esposa, filhos e uma casa?...” então, certamente, o mundo não está ardendo. Mas está ardendo, apesar de tudo, nós gostemos ou não. De maneira que isso é o que me faz olhar, e não algum conceito intelectual, nem alguma excitação emocional, a não ser o fato real de que o mundo está ardendo com as guerras, o ódio, a decepção, as imagens, os deuses falsos, etc. E esta mesma percepção do que ocorre no exterior me faz estar alerta internamente. E digo

que o estado interno é o estado exterior, pois ambos os som um solo feito indivisível.

Interlocutor: voltamos para mesmo sítio onde começamos. O fato é que a mente embotada não vê que mediante a comparação pensa que deve ser diferente.

Krishnamurti: Não, tudo isso está equivocado. Não desejo ser diferente! Só vejo que o instrumento está embotado. Não sei o que fazer com ele. Portanto, vou investigar isto, o qual não quer dizer que desejo transformar o instrumento. Não desejo fazê-lo.

Interlocutor: Constitui o uso de qualquer palavra um obstáculo para ver?

Krishnamurti: A palavra não é a coisa; portanto, se estamos olhando a coisa, a menos que ponhamos a um lado a palavra, esta se torna extraordinariamente importante.

Interlocutor: Penso que não estou de acordo com você. Quando um olhe vê que o instrumento tem duas partes, uma das quais é percepção e a outra é expressão. É impossível as separar. É um problema de lingüística, não de embotamento. A dificuldade radica na linguagem, no desacertado da expressão.

Krishnamurti: Você diz que na observação há percepção e expressão e que as duas não estão separadas. Portanto, quando a gente percebe tem que haver também claridade de expressão, a compreensão lingüística, sem que nunca se separem a expressão e a percepção, já que sempre têm que ir juntas. De maneira que você diz que é muito importante usar a palavra correta.

Interlocutor: Digo “expressão”, não digo “intenção”.

Krishnamurti: Compreendo expressão. Disso surge outro fator: percepção, expressão e ação. Se a ação não for expressão e percepção sendo a expressão por meio das palavras então há uma fragmentação. Não é então ação a percepção? O mesmo perceber é o atuar. Ocorre como quando percebo um precipício e há ação imediata; essa ação é a expressão da percepção. De maneira que a percepção e a ação nunca podem estar separadas; portanto é impossível unir o ideal e a ação. Se vir a tolice de um ideal, a mera percepção dessa tolice é a ação da inteligência. Por conseguinte, o observar o embotamento, o percebê-lo, implica limpar a mente de seu embotamento, o qual é ação.

Saanen, Suíça, 6 de agosto de 1969

11. A ARTE DE VER

Dar-se conta sem intervalo de tempo. O tigre à caça do tigre

Krishnamurti: Parece-me que é importante compreender a natureza e a beleza da observação, do ver. Enquanto a mente esteja distorcida em alguma forma

por impulsos e sentimentos neuróticos, por medo, sofrimento, falta de saúde, ambição, esnobismo e a perseguição do poder, não será possível que escute, observe, veja. A arte de ver, escutar, observar, não é coisa que possa cultivar-se, nem é uma questão de evolução ou desenvolvimento gradual. Quando você se dá conta do perigo, há ação imediata, a resposta instintiva e foto instantânea do corpo e da memória. A gente foi condicionado da infância para enfrentar-se ao perigo de maneira que a mente responda instantaneamente porque, do contrário, haveria destruição física. Perguntamo-nos se for possível atuar no mesmo instante do ver, no qual não existe condicionamento algum. Pode uma mente responder livre e instantaneamente a qualquer forma de distorção e, portanto, atuar? Em outras palavras, a percepção, a ação e a expressão são todas uma, não estão divididas, fragmentadas. O ver é em si a ação, e esta é a expressão desse ver. Quando você se dá conta do temor, deve observá-lo tão intimamente que a observação em si implique livrar do mesmo, o qual é ação. Poderíamos examinar isso esta manhã? Acredito que é muito importante: possivelmente poderíamos penetrar no desconhecido. Mas uma mente que está condicionada por seus próprios temores, ambições, cobiça, desespero, etc., não pode penetrar em algo que requer um ser extraordinariamente saudável, cordato, equilibrado e harmonioso.

De maneira que nossa pergunta é se a mente querendo significar todo o ser, pode dar-se conta de alguma forma particular de perversão, de alguma forma particular de luta, de violência e, se vendo-a, pode lhe pôr fim instantaneamente, e não de modo gradual. Isto implica não permitir que o tempo intervenha entre a percepção e a ação. Quando a gente vê o perigo, não há intervalo de tempo: surge a ação foto instantânea.

Estamos acostumados à idéia de que gradualmente nos voltaremos sábios, iluminados, através do observar e praticar dia após dia. A isso estamos habituados, e esse é o padrão de nossa cultura e nosso condicionamento. Agora dizemos que este processo gradual da mente para liberar-se a si mesmo do medo e da violência, o que faz é estimular o medo e seguir fortalecendo a violência.

É possível pôr fim à violência, não só externamente, mas também bem fundo nas próprias raízes de nosso ser, e pôr fim ao sentido de agressão, à perseguição do poder? Podemos pôr fim completamente no mesmo ato de vê-lo sem deixar que surja o fator tempo? Podemos discutir isso esta manhã? Usualmente permitimos que o tempo surja como o intervalo entre o ver e o atuar, o espaço entre “o que é” e “o que deveria ser”. Existe o desejo de nos desfazer do que é para alcançar algo ou nos converter em algo diferente. Devemos compreender esse intervalo de tempo muito claramente. Pensamos nesses términos porque da infância somos criados e educados para pensar que eventualmente, gradualmente, seremos algo. A gente pode ver que no mundo exterior, no campo tecnológico, o tempo está necessário. Não posso chegar a ser um carpinteiro de primeira classe, ou um físico ou matemático

sem dedicar muitos anos a isso. A gente pode ter a claridade, eu não gosto de usar a palavra “intuição”, para compreender um problema matemático quando a gente é muito jovem. E se dá conta de que a fim de cultivar a memória requerida para aprender uma nova técnica ou um novo idioma, o tempo é absolutamente necessário. Não é possível que fale alemão amanhã; necessito muitos meses. Não sei nada sobre eletrônica e possivelmente necessite vários anos para aprendê-la. Portanto, não confundamos o elemento tempo que é necessário para aprender uma técnica com o perigo de permitir que o tempo interfira com a percepção e a ação.

Interlocutor: Poderíamos falar a respeito dos meninos, de seu crescimento?

Krishnamurti: Um menino tem que crescer. Tem que aprender tantas coisas! Quando dizemos “você tem que crescer”, essa resulta uma palavra, mas bem humilhante.

Interlocutor: Senhor, dentro de nós tem lugar uma mudança psicológica parcial.

Krishnamurti: Certamente! A gente esteve zangado, ou a gente está zangado e diz: “não devo estar zangado”, e a gente trabalha sobre isso gradualmente e produz um estado parcial no qual alguém está um pouco menos zangado, menos irritável e mais controlado.

Interlocutor: Não quero dizer isso.

Krishnamurti: Então, o que é o que você quer dizer, senhora?

Interlocutor: Refiro a algo que alguém tem e que abandonou. Pode que volte a haver confusão, mas não é o mesmo.

Krishnamurti: Sim, mas não se trata sempre da mesma confusão, que só foi modificada um pouco? Há uma continuidade modificada. A gente pode deixar de depender de alguém, passando pela dor da dependência e a pena da solidão enquanto diz: “não seguirei dependendo”. E possivelmente seja capaz de renunciar a essa dependência. Então a gente diz que ocorreu certa mudança. A seguinte dependência não será exatamente igual a anterior. E volta a repetir o mesmo e a abandoná-lo outra vez, etc. Agora perguntamos se for possível ver a natureza total da dependência e ficar instantaneamente livre dela não gradualmente, na mesma forma em que alguém atua imediatamente frente ao perigo. Esta é uma questão seriamente importante em que devemos penetrar não só de maneira verbal, mas também profundamente, internamente. Observe o que isso implica. Toda a Ásia acredita na reencarnação: isto é, a gente volta a nascer na próxima vida dependendo de como tenha vivido nesta. Se tiver vivido em forma brutal, agressiva, destrutiva, pagará por isso na próxima vida. Não se converterá necessariamente em um animal, mas voltará a viver uma vida mais dolorosa, mais destrutiva, porque anteriormente não viveu uma vida exemplar. Aqueles que acreditam nesta idéia da reencarnação acreditam unicamente na palavra, e não no significado profundo dessa palavra. O que alguém faz agora tem enorme importância amanhã porque amanhã, que

é a próxima vida, vamos pagar por isso. De maneira que a idéia de ir gradualmente adquirindo formas distintas é em essência a mesma no Oriente que no Ocidente. Existe sempre o elemento tempo, “o que é” e “o que deveria ser”. Alcançar o que deveria ser requer tempo, e o tempo é esforço, concentração, atenção. Como a gente não obteve a atenção ou a concentração, há um esforço constante por praticar a atenção, o qual requer tempo.

Tem que haver uma maneira totalmente distinta de confrontar este problema. A gente tem que compreender a percepção, incluindo tanto o ver como a ação, pois não estão separadas, não estão divididas. Temos que inquirir igualmente no problema da ação, do fazer. O que é ação, o fazer?

Interlocutor: Como pode atuar um homem cego, que carece de percepção?

Krishnamurti: tratou você de ficar uma atadura nos olhos por uma semana? Nós o temos feito como entretenimento. Você sabe, desenvolvemos outras sensibilidades; os sentidos se aguçam antes de você chegar à parede, à cadeira ou ao escritório, já sabe que a coisa está aí. Referimonos a estar cegos para nós mesmos, internamente. Estamos extremamente alerta às coisas externas, mas internamente estamos cegos.

O que é ação? Está a ação sempre apoiada em uma idéia, em um princípio, uma crença, uma conclusão, uma esperança, uma desesperança? Se a gente tiver uma idéia, um ideal, está atuando conforme a esse ideal; existe um intervalo entre o ideal e o ato. Esse intervalo é tempo. “Serei esse ideal”; ao me identificar com esse ideal, ele atuará eventualmente e não haverá separação entre a ação e o ideal. O que ocorre quando existe este ideal e a ação que tenta aproximar-se do ideal? O que ocorre nesse intervalo?

Interlocutor: Uma comparação incessante.

Krishnamurti: Sim, comparação e todo o resto. Que ação tem lugar se você observar?

Interlocutor: Ignoramos o presente.

Krishnamurti: Logo, que mais?

Interlocutor: Contradição.

Krishnamurti É uma contradição que conduz à hipocrisia. Estou irritado e o ideal diz: “não esteja irritado”. Estou reprimindo, controlando, me submetendo, me aproximando do ideal e, portanto, estou sempre em conflito e fingindo. O idealista é uma pessoa que finge. Nesta divisão, também há conflito, e surgem outros fatores.

Interlocutor: por que não nos permite recordar nossas vidas anteriores? Isso facilitaria nossa evolução.

Krishnamurti: Faria-o?

Interlocutor: Poderíamos evitar enganos.

Krishnamurti: O que entende você por vida anterior? A vida de ontem, de faz vinte e quatro horas?

Interlocutor: A última encarnação.

Krishnamurti: a de faz cem anos? Como faria isso a vida mais fácil?

Interlocutor: Compreenderíamos melhor.

Krishnamurti: Por favor, siga isto passo a passo; teríamos conosco a lembrança do que fizemos ou do que não fizemos, pelo que sofremos faz cem anos, que é exatamente quão mesmo ontem. Ontem fizemos coisas que recordamos com gosto ou que lamentamos porque nos causaram pena, desespero ou tristeza. Recordamos todo isso. E temos a lembrança de faz mil anos, que é essencialmente quão mesmo ontem. Por que chamar a isso reencarnação, e não a encarnação de ontem, que nasceu hoje? Você vê, nós não gostamos disso porque pensamos que somos seres extraordinários, ou que temos tempo para nos desenvolver para chegar a ser, para reencarnar. Nunca observamos o que reencarna, que é nossa memória. Não há nada sagrado ou santo nisso. Sua memória de ontem renasce no que está fazendo hoje; o ontem controla o que está fazendo hoje. E mil anos de memórias operam através do ontem e através do hoje. De maneira que há uma constante encarnação do passado. Não criam que esta é uma maneira hábil de sair do tema mediante uma explicação. Quando a gente vê a importância da memória e sua absoluta futilidade, nunca falará de reencarnação.

Estamos inquirindo o que é a ação. É a ação alguma vez livre, espontânea, imediata? Ou é a ação sempre prisioneira do tempo, que é pensamento, que é memória?

Interlocutor: Estava observando um gato enquanto caçava um camundongo. O gato não pensa: "é um camundongo"; o apanha imediatamente, instintivamente. Parece-me que nós também devemos atuar espontaneamente.

Krishnamurti: Nem "devemos" nem "deveríamos". Por favor, senhor, acredito que nunca terá que dizer "devemos" ou "deveríamos" se a gente compreender essencialmente o elemento tempo. Perguntamo-nos em forma não verbal, nem intelectual, a não ser internamente, profundamente, o que é a ação. Está a ação sempre sujeita ao tempo? A ação que emana de uma lembrança, do medo, do desespero, está sempre atada ao passado. Existe alguma ação que seja completamente livre e, portanto, livre do tempo?

Interlocutor: Você diz que quando vemos uma serpente atuamos imediatamente. Mas as serpentes crescem com a ação. A vida não é tão singela, pois não há unicamente uma serpente, a não ser duas serpentes, e o assunto chega a ser como um problema matemático. Então intervém o tempo.

Krishnamurti: Diz você que vivemos em um mundo de tigres e não nos encontramos com um tigre, a não ser com uma dúzia de tigres em forma humana, que são brutais, violentos, avaros, ambiciosos, cada um perseguindo sua própria e pessoal satisfação. E a fim de viver e atuar nesse mundo, a gente necessita tempo para matar um tigre atrás de outro. O tigre sou eu mesmo está em mim, há uma dúzia de tigres em mim. E você diz que para livrar-se desses tigres, um a um, necessita tempo. Isso é precisamente o que estamos investigando juntos. Aceitamos que se requer tempo para matar gradualmente uma atrás de outra, essas serpentes que estão dentro de mim. O "eu" é o "você", você com seus tigres, com suas serpentes, tudo isso é também o "eu". E nos perguntamos: por que matar esses animais que há em mim, um após o outro? Há um milhar de "eus" dentro de mim, mil serpentes, e quando as tiver matado todas, já estarei morto.

Faça o favor de escutar isto, não responda, investigue: há alguma maneira de desfazer-se de todas as serpentes de uma vez, e não gradualmente? Eu posso ver o perigo de todos os animais, de todas as contradições que há em mim e me liberar delas instantaneamente? Se não puder fazê-lo, então não há esperança para mim. Posso fingir toda classe de coisas, mas se não puder eliminar instantaneamente tudo isso que há em mim, sou um escravo para sempre, não importa que renasça em uma próxima vida ou em dez mil vidas mais. Assim, pois, tenho que descobrir uma maneira de atuar, de olhar, que ponha fim no instante de percepção, ao dragão, ao macaco particular que há em mim.

Interlocutor: Faça-o!

Krishnamurti: Não, senhora, por favor, esta é realmente uma questão extraordinária que não podemos despachar dizendo "faça isto" ou "não faça aquilo". Isto requer uma indagação tremenda; não me diga que você o obteve, ou que alguém deve fazer isto ou aquilo, pois isso não me interessa; quero descobrir.

Interlocutor: Se só pudesse vê-lo!

Krishnamurti: Por favor, não diga "se..."

Interlocutor: Se perceber algo devo expressá-lo em palavras ou só deixá-lo que permaneça dentro de mim?

Krishnamurti: por que traduz você em suas próprias palavras aquilo que foi expresso em uma linguagem muito simples? Por que não pode ver o que se está fazendo? Temos muitos animais dentro de nós, muitos perigos. Posso me liberar de todos eles mediante uma só percepção, vendo imediatamente? Talvez você o tenha feito, senhora, não estou questionando se o tem feito ou não, isso seria atrevimento de minha parte. Mas estou perguntando: é isso possível?

Interlocutor: A ação consta de duas partes. A parte interna, a de decisão, ocorre imediatamente. A ação para o mundo externo requer tempo. Tem uma ponte entre estes dois aspectos da ação requer tempo. É uma questão de linguagem, de comunicação.

Krishnamurti: Compreendo, senhor. Há a ação externa que requer tempo, e há a ação interna que é percepção e ação. Como pode você ter uma ponte entre esta ação interna, com sua percepção, decisão e ação imediata, e a outra ação que requer tempo? É clara a pergunta?

Se me permite assinalar, não acredito que isso requeira uma ponte. Não há nada que loja uma ponte entre as duas ações ou que as conecte. Vou-lhe demonstrar o que quero dizer. Dou-me conta muito claramente de que o ir daqui até lá toma tempo, de que para aprender um idioma se necessita tempo, de que faz falta tempo para realizar algo fisicamente. Mas, é necessário o tempo no interno? Se posso compreender a natureza do tempo, então me encararei corretamente com o elemento tempo no mundo exterior, e não o deixarei misturar-se com o estado interno. De maneira que não começo com o externo porque me dou conta de que o externo requer tempo. Mas me pergunto se na percepção, decisão e ação internas existe o tempo absolutamente. Portanto, pergunto: é necessária do todo a decisão? Ainda sendo a decisão uma parte foto instantânea de tempo, um segundo, um ponto. O "eu dito" significa que há um elemento de tempo; a decisão está apoiada na vontade e o desejo, e tudo isso implica tempo. Pergunto-me, portanto: por que tem a decisão que entrar nisto de maneira alguma? Ou essa decisão é parte de meu condicionamento que diz "deve ter tempo".

Portanto, há percepção e ação sem que intervenha a decisão? Isto é, dou-me conta do temor, um temor produzido pelo pensamento, por memórias do passado, por experiências que são a encarnação do temor de ontem no hoje. Compreendi toda a natureza, a estrutura e a essência do temor. E o vê-lo sem que medeie a decisão, é ação que libera do medo. É isto possível? Não diga que sim, que o tem feito, ou que alguma outra pessoa o tem feito, esse não é o ponto. Pode esse medo terminar instantaneamente no momento de surgir? Existem os temores superficiais, que são os temores do mundo. O mundo está cheio de tigres, e esses tigres, que são parte de mim, vão destruir-me; por conseguinte há guerra entre mim uma parte do tigre, e outros tigres.

Existe também o medo interno estar psicologicamente inseguro, psicologicamente indeciso, tudo engendrado pelo pensamento. O pensamento engendra o prazer, o pensamento engendra o temor; vejo tudo isso. Vejo o perigo do medo como vejo o perigo de uma serpente, de um precipício, de uma profunda correnteza. Vejo o perigo completamente. E o mesmo feito de vê-lo é a terminação do medo, sem sequer um intervalo de fração de segundo para tomar uma decisão.

Interlocutor: Às vezes a gente pode reconhecer um temor e apesar disso ainda tem esse temor.

Krishnamurti: Terá que investigar isto muito cuidadosamente. Acima de tudo, não desejo me desfazer do temor. O que desejo é expressá-lo, compreendê-lo, deixá-lo fluir, que venha, que explore dentro de mim, etc. Não sei nada sobre o temor. Sei que estou atemorizado. Agora me interessa averiguar em que nível, a que profundidade tenho medo, se conscientemente ou na mesma raiz, nos níveis profundos de eu ser nas cavernas, nas regiões inexploradas de minha mente. Quero averiguá-lo. Quero que tudo isso se manifeste e fique ao descoberto. Portanto como vou fazer? Tenho que fazê-lo, e não gradualmente compreende? Isso tem que sair completamente de meu ser.

Interlocutor: Se houver mil tigres e me sinto no chão, não posso vê-los, mas se me traslado a um sítio mais alto, posso brigar com eles.

Krishnamurti: Não diga “se”. “Se pudesse voar veria a beleza da terra”. Não posso voar, estou aqui. Temo-me que essas formulações teóricas não têm valor algum e aparentemente não nos damos conta disso. Tenho fome, e você me está alimentando com teorias. Temos aqui um problema; observe-o, por favor, porque todos estamos atemorizados; todo mundo tem algum temor, de uma ou de outra classe. Existem temores profundos e ocultos e estou bem familiarizado com os temores superficiais, os temores do mundo; os temores que surgem ao perder um emprego ou por isso ou aquilo, temor de perder a minha esposa, a meu filho. Conheço tudo isso muito bem. Possivelmente existam capas mais profundas de temores. Como posso eu, como pode esta mente trazer para a superfície todo isso instantaneamente? O que diz você?

Interlocutor: Diz você que devemos afugentar ao animal de uma vez e para sempre, ou temos que persegui-lo cada vez que seja necessário?

Krishnamurti: O interlocutor diz que estou sugerindo que é possível afugentar ao animal completamente e para sempre, e não persegui-lo um dia e deixá-lo que retorne ao dia seguinte. Isso é o que estamos dizendo. Não desejo perseguir o animal repetidas vezes. Isso é o que todas as escolas, todos os Santos e todas as religiões e psicólogos dizem: afugente-o pouco a pouco. Isso não tem sentido para mim. Quero averiguar como afugentar ao animal de tal modo que não retorne jamais. E quando retornar saberei o que fazer; não permitirei que entre na casa. Compreende?

Interlocutor: Temos que lhe dar ao animal seu verdadeiro nome: é o pensamento. E quando retornar saberemos o que fazer com ele.

Krishnamurti: Não sei o que fazer, veremos. Todos vocês estão tão ansiosos!

Interlocutor: trata-se de nossa vida, temos que estar ansiosos!

Krishnamurti: Quero dizer ansiosos por responder. Certamente, temos que estar ansiosos. Este é um tema tão difícil; vocês não podem limitar-se a inserir palavras e palavras. Isto requer cuidado.

Interlocutor: por que não praticamos em realidade a percepção agora mesmo?

Krishnamurti: Isso é o que sugiro.

Interlocutor: O que acontece quando miro você? Primeiro percebo sua presença. Por favor, me olhe; o primeiro que ocorre é a percepção visual de minha presença, correto? Então o que passa? O pensamento intervém nessa representação visual.

Krishnamurti: Isso é exatamente a mesma coisa que dizia a senhora. O pensamento é o animal. Limite-se a esse animal, por favor. Não diga que o animal é o pensamento, ou o ego, o eu, o medo, a cobiça, a inveja, para logo voltar a dar outra descrição dele. Dizemos que esse animal é tudo isso. E vemos que o animal não pode ser afugentado gradualmente porque sempre retornará em diferentes formas. Se estiver bastante alerta, digo: que parvo é tudo isto, este constante afugentar ao animal e cada vez que retorna ter que afugentá-lo de novo. Quero descobrir se for possível afugentá-lo completamente de maneira que não retorne mais. Interlocutor: Vejo diferentes funcione em mim, com diferentes intensidades. Se uma função perseguir a outra, por exemplo, se a emoção perseguir a idéia, nada acontece. A gente tem que observar com todas as funções.

Krishnamurti: Você está expressando a mesma coisa em diferentes palavras.

Interlocutor: Você começou a dar uma explicação que foi interrompida. Começou a dizer que não queria desfazer do temor absolutamente.

Krishnamurti: Disse-lhes, acima de tudo, que não quero me desfazer do animal. Não desejo afugentá-lo. Antes de tomar o látego ou a luva de veludo, desejo saber quem está tratando de afugentá-lo. Pode que seja um tigre maior o que trata de fazê-lo. Portanto, digo-me mesmo: não quero afugentar nada. Veja a importância disso!

Interlocutor: Pode ser que ao afugentá-lo seja seu eventual sentença de morte.

Krishnamurti: Não, não sei. Vá pouco a pouco, senhor, me deixe explicar. Digo que antes de perseguir o animal preciso averiguar quem é a entidade que o vai caçar. E digo que pode ser que seja um tigre maior. Se desejo me desfazer de todos os tigres, não é bom que permita que um tigre maior cace ao tigre pequeno. De maneira que digo: esperemos, não quero afugentar nada. Veja o que está lhe ocorrendo a minha mente. Não quero afugentar nada, mas desejo olhar. Desejo observar, pois quero estar seguro se um tigre maior está caçando a um tigre menor. Este jogo seguirá para sempre; isso é o que ocorre no mundo a tirania de um país em particular que caça a um menor.

Portanto, dou-me conta observem isto, por favor, de que não devo perseguir nada. Devo arrancar deste raiz principio de perseguir algo, de vencê-lo, de dominá-lo. Porque a decisão que me impele a dizer: “tenho que me desfazer do pequeno tigre”, pode converter-se no tigre grande. De maneira que tem que cessar completamente toda classe de decisão, toda a urgência por me

desfazer de algo, de afugentá-lo. Então posso observar; e me digo mesmo (verbalmente): “não afugentarei nada”. Portanto, estou livre da carga do tempo, que consiste em caçar um tigre com outro tigre. Nisso há um intervalo de tempo, de maneira que digo: “não farei nada, não perseguirei, não atuarei, não decidirei, primeiro devo observar”.

Estou olhando não me refiro ao ego, mas sim a que a mente, o cérebro, estão observando. Posso localizar os diversos tigres, à mãe tigresa com seus cachorrinhos e o seu consorte; posso observar tudo isso, mas tem que haver coisas mais profundas dentro de mim e quero as exteriorizar todas. Devo as manifestar mediante a ação, fazendo algo? Voltando-me mais e mais iracundo e então me acalmando, e uma semana depois voltar a me sentir iracundo e outra vez me acalmar? Ou é que há alguma maneira de observar a todos os tigres, ao pequeno, ao grande, ao recém-nascido, a todos eles? Posso observá-los a todos tão completamente que compreenda a totalidade do assunto? Se não for capaz de fazer isso, então minha vida continuará em sua velha rotina, em sua forma burguesa, complicada, estúpida e ardilosa. Isso é tudo. De maneira que se souberem como escutar, o sermão desta manhã terminou.

Recordam o conto do professor que falava com seus discípulos todas as manhãs? Um dia, quando subiu à tribuna, chegou um passarinho, posou-se no suporte da janela e começou a cantar. O professor o deixou cantar. Depois de ter estado cantando por algum tempo, voou. Então o professor disse a seus discípulos: “O sermão desta manhã terminou”.

Saanen, Suíça, 7 de agosto de 1969

12. PENETRAR NO DESCONHECIDO

A repressão. Ação que surge do silêncio. Viaje ao interior de si mesmo; falsas caminhadas e a imagem do “desconhecido” Krishnamurti: Perguntamo-nos como nos desfazer de toda a coleção de feras que temos em nosso interior. Estamos discutindo tudo isto porque vemos o menos eu o vejo, que um tem que penetrar no desconhecido. Depois de tudo, qualquer bom matemático ou físico tem que investigar o desconhecido, e possivelmente também o artista, se não se deixou arrastar muito por suas próprias emoções e imaginação. E nós, gente corrente com problemas cotidianos, também temos que viver com um sentido profundo de compreensão. Também nós temos que penetrar no desconhecido. Uma mente que está sempre perseguindo quão animais ela mesma inventou, os dragões, as serpentes, os macacos, com todos seus problemas e contradições assim somos, não tem possibilidade de penetrar no desconhecido. Como somos pessoas correntes que não fomos dotadas de intelectos brilhantes ou grandes visões, mas sim só vivemos as monótonas, feias e pequenas vidas de todos os dias, estamos interessados em como trocar tudo isso imediatamente. Isso é o que estamos considerando.

A gente troca com os novos inventos, novas pressões, novas teorias, novas situações políticas; tudo isso produz certa qualidade de mudança. Mas nós falamos de uma revolução radical, básica, em nosso ser, e de se essa revolução for efetuar-se em forma gradual, ou instantaneamente. Ontem examinamos tudo o que está envolto em levá-la a cabo gradualmente, todo o sentido de distância, e o tempo e esforço requeridos para salvar essa distância. Dissemos que o homem tratou que fazer isto durante milênios, mas que de algum jeito não pôde trocar radicalmente, com a exceção, possivelmente, de um ou dois. De modo que é necessário ver se cada um de nós e, portanto, o mundo já que nós somos o mundo e o mundo é nós, e não dois estados separados, pode eliminar instantaneamente todo o afã, a ira, o ódio e a inimizade que criamos, e a amargura que suportamos. Aparentemente a amargura é uma das coisas mais comuns que temos. Podemos erradicar toda essa amargura instantaneamente conhecendo suas causas, vendo toda sua estrutura?

Dissemos que isso é possível unicamente quando há observação. Quando a mente pode observar com grande intensidade, então essa mesma observação é a ação que põe fim à amargura. Também consideramos o assunto do que é ação: se é que existe alguma ação livre, espontânea e que não dependa da vontade. Ou se apóia a ação na memória, em nossos ideais, em nossas contradições, nossas feridas, nossa amargura, etc.? Está a ação aproximando-se sempre a um ideal, a um princípio, a um padrão? E dissemos que tal ação não é ação absolutamente, porque engendra contradição entre "o que deveria ser" e "o que é". Quando temos um ideal está a distância a salvar entre o que alguém é e o que alguém deveria ser. Esse "deveria ser" pode requerer anos ou, como muitos acreditam, encarnar uma e outra vez durante muitas vidas até alcançar essa utopia perfeita. Também dissemos que existe a encarnação do ontem no hoje; não importa que esse ontem abranja muitos milênios ou só vinte e quatro horas; ele continua operando quando a ação está apoiada nesta divisão entre o passado, o presente e o futuro, que é "o que deveria ser". Tudo isto, dissemos, cria contradição, conflito e miséria; não é ação. O perceber é ação; a percepção em si é ação, a qual tem lugar quando nos enfrentamos com um perigo. Então há ação foto instantânea. Acredito que ontem chegamos até esse ponto.

Também estão os momentos em que há uma grande crise, uma provocação, ou um grande sofrimento. Então a mente está extraordinariamente quieta por um instante porque recebeu uma sacudida. Não sei se o observaram. Quando você olha a montanha no entardecer ou cedo na manhã, com essa luz extraordinária sobre ela, as sombras, a imensidão, a majestuosidade, o sentimento de solidão profunda, quando a gente vê tudo isso, a mente não pode absorvê-lo totalmente, no momento está em completo silêncio. Mas logo se sobrepõe a essa sacudida e responde conforme a seu condicionamento, a seus próprios problemas pessoais, etc. De maneira que há um instante em que

a mente está por completo silenciosa, mas não pode sustentar esse sentimento de absoluta quietude. Essa quietude pode ser produzida por uma emoção intensa. A maioria de nós conhece essa sensação de absoluta quietude quando há uma grande sacudida. Esta pode produzir-se no externo por algum incidente, ou pode ser criada artificialmente no interno mediante uma série de perguntas impossíveis como as que se formulam em alguma escola Zen, ou por algum estado imaginário, alguma fórmula que força a mente a silenciar-se, o qual, evidentemente, é infantil e imaturo. Para uma mente que é capaz de perceber no sentido de que estivemos falando, essa percepção é ação. Para perceber, a mente tem que estar por completo silenciosa; de outro modo ela não pode ver. Se quero escutar o que você está dizendo, tenho que escutar silenciosamente. Qualquer pensamento errante, qualquer interpretação do que você está dizendo, qualquer sentido de resistência, impede o verdadeiro escutar.

Portanto, a mente que quer escutar, observar, ver ou estar atenta, tem que achar-se, por necessidade, extraordinariamente quieta. Não é possível que essa quietude se produza com motivo de uma comoção interna ou por encontrá-la mente absorta em uma idéia particular. Quando um menino está absorto em um brinquedo, está muito quieto, jogando. Mas é o brinquedo o que absorveu a mente do menino e tem feito que permaneça quieto. Quando se toma uma droga ou se faz algo artificial, existe este sentimento de ter sido absorvido por algo maior; uma pintura, uma imagem, uma utopia. A mente pode chegar a estar silenciosa só mediante a compreensão de todas as contradições, perversões, condicionamentos, temores, distorções. Perguntamo-nos se esses temores, desditas, confusões, podem ser erradicados todos instantaneamente, de maneira que a mente esteja serena para observar, para penetrar em si mesmo.

Pode fazê-lo realmente? Pode você olhar a si mesmo, em completa quietude? Quando a mente se acha ativa, então está deformando tudo o que vê, traduzindo, interpretando, dizendo: "isto eu gosto" ou "isto eu não gosto de". Torna-se tremendamente excitada, emocional, e não é possível que uma mente assim possa ver.

Perguntamo-nos, portanto: podem os seres humanos correntes como nós fazer isto? Posso olhar a mim mesmo, não importa o que eu seja, conhecendo o perigo de palavras como "temor" ou "amargura", e que a mesma palavra impede o ver realmente "o que é"? Posso observar, me dando conta das armadilhas da linguagem? Não permitindo tampouco que intervenha sentido algum de tempo nenhum sentido de "obter algo", de "destacar-se de algo" a não ser só observar silenciosamente, intensamente. Nesse estado de intensa atenção são vistos os atalhos ocultos, os recônditos lugares jamais descobertos da mente. Nisso não há análise de nenhuma classe, unicamente percepção. A análise implica tempo e também o analisador e o analisado. É o analisador diferente da coisa analisada? Se não o for, a análise carece de

sentido. A gente tem que dar-se conta de tudo, descartar tudo: tempo, análise, resistência, o tratar de chegar ao outro lado, o vencer, etc, porque por essa porta não há fim para o sofrimento.

Depois de escutar tudo isto, pode fazê-lo realmente? Esta é uma pergunta seriamente importante. Não há um "como". Não há ninguém que diga a você o que fazer e que lhe dê a energia necessária. Para observar requer grande energia: uma mente silenciosa é a energia total sem desperdício algum; de outro modo, não está silenciosa. E pode observar-se com esta energia total, de maneira tão completa que o ver seja o atuar, e, portanto, o fim do problema?

Interlocutor: Senhor, não é sua pergunta igualmente impossível?

Krishnamurti: É esta uma pergunta impossível? Se for uma pergunta impossível, então por que estão vocês sentados aqui? Simplesmente para ouvir a voz de um homem que fala, para escutar o rio que flui, para desfrutar de umas agradáveis férias entre estas colinas e montanhas e pradarias? Por que não podem fazê-lo? É tão difícil? É questão de ter um cérebro muito hábil? Ou é que vocês alguma vez se observaram realmente em suas vidas e por isso encontram isto tão impossível? A gente tem que fazer algo quando a casa está se queimando! Você não diz: "é impossível, não acredito, não posso fazer nada a respeito" e se sinta a observar como arde! Você faz algo em relação com o fato real, não um pouco relacionado com o que você pensa que deveria ser. O fato real é a casa que se está queimando; pode ser que você seja incapaz de apagar o fogo completamente antes de que chegue a bomba de incêndios, mas enquanto isso não existe tal "enquanto isso", você atua em relação com o incêndio.

De maneira que quando você diz que é uma pergunta impossível, tão difícil, tão impossível como "pôr um pato dentro de uma garrafa pequena", isso demonstra que não se dá conta de que a casa está ardendo. Por que não se dá conta de que a casa está ardendo? A casa significa o mundo, o mundo que é você, com seu descontente, com todas as coisas que estão ocorrendo dentro de você e no mundo exterior. Se a gente não for consciente disto, por que não o é? É porque a gente carece de talento, porque não tem lido inumeráveis livros, ou porque a gente não é sensível para perceber o que acontece dentro de nós mesmo, e não se dá conta do que realmente está passando? Se você disser: "sinto muito, não o estou", então, por que não o está? Você se dá conta quando tem fome, quando alguém o insulta. Está muito alerta se alguém o adular ou quando deseja satisfazer seus desejos sexuais. Então está muito alerta. Mas aqui você diz: "não o estou". Portanto, o que você tem que fazer? Confiar no estímulo e incentivo de alguém?

Interlocutor: Você diz que tem que haver uma mutação e que se pode chegar a isso mediante a observação de nossos próprios pensamentos e desejos, e que isto tem que ocorrer instantaneamente. Fiz isto uma vez sem que tenha

ocorrida mudança algum. Se fizermos o que você sugere, resultará em um estado permanente, ou terá que fazer-se regularmente todos os dias?

Krishnamurti: Pode a percepção, que é ação, ocorrer uma só vez e para sempre, ou tem que efetuar-se todos os dias? O que acreditam vocês?

Interlocutor: Acredito que pode ocorrer depois de escutar música.

Krishnamurti: portanto, a música se torna necessária como uma droga, só que a música é muito mais respeitável que uma droga. A questão é esta: você tem que observar todos os dias, cada momento, ou pode observar um dia tão completamente que a coisa termine de tudo? Posso dormir o resto do tempo uma vez que vi a coisa completamente? Compreende a pergunta? Temo- me que terá que observar todos os dias e não dormir. Temos que estar atentos, não só aos insultos, à adulação, à ira, ao desespero, mas também à totalidade das coisas que estão ocorrendo todo o tempo a nosso redor e dentro de nós. A gente não pode dizer: “agora estou completamente iluminado; nada poderá me tocar”.

Interlocutor: No momento, ou no minuto, ou no tempo que toma obter essa percepção e compreender o que ocorreu, não está você então reprimindo uma reação violenta que teve quando recebeu o insulto? Não é essa percepção simplesmente a repressão da reação que teria lugar? Em vez de reagir, a gente percebe, e a percepção pode ser simplesmente a repressão da reação.

Krishnamurti: Já investigamos isto bastante a fundo, não é assim? Tenho uma reação de desgosto; você não me agrada e observo essa reação. Se a observar com muita atenção ela se abre, revela meu condicionamento, a cultura em que fui criado. Se estiver ainda observando e não me dormi, se a mente está observando o que foi descoberto, muitas, muitas coisas são reveladas; não há problema de repressão absolutamente. Porque estou interessado em ver o que está ocorrendo, não em ir além de todas as reações. Estou interessado em descobrir se a mente pode olhar, perceber a verdadeira estrutura do eu, do ego, de mim mesmo. E como pode nisso existir forma alguma de repressão?

Interlocutor: Às vezes sinto um estado de quietude; pode surgir alguma ação dessa quietude?

Krishnamurti: Pergunta você: “Como pode esta quietude manter-se, sustentar-se, seguir funcionando?” É isso?

Interlocutor: Posso continuar com meu trabalho cotidiano?

Krishnamurti: Pode surgir do silêncio as atividades cotidianas? Todos vocês esperam que eu lhes dêem a resposta. Tenho horror de me converter em oráculo, e o fato de que esteja sentado em um soalho não me confere autoridade alguma. A pergunta é: Pode a mente que está muito quieta, atuar na vida diária? Se você separar a vida diária da quietude, de utopia, do ideal que é silêncio, então os dois nunca se encontrassem. Posso manter ambos divididos,

posso dizer: este é o mundo, minha vida cotidiana, e este é o silêncio que experimentei, que senti dentro de mim? Posso transladar esse silencio a minha vida diária? Não é possível fazê-lo. Mas se ambos não estão separados a mão direita é a mão esquerda, e há harmonia entre ambos, entre o silêncio e a vida diária, quando há unidade, então a gente nunca perguntará: “Posso atuar do silêncio?”

Interlocutor: Você fala de uma intensa percepção, de um olhar intenso, de um ver intenso. Não poderíamos dizer que o grau de intensidade que alguém tenha é o que primordialmente faz possível tudo isso?

Krishnamurti: A gente é vitalmente intenso e tem essa intensidade profunda, básica; é isso?

Interlocutor: A forma em que alguém chega a isso com paixão não motivada, não por isso, é o que parece ser um requisito primitivo.

Krishnamurti: Requisito que já temos. Sim?

Interlocutor: Sim ou não.

Krishnamurti: Senhor, por que damos por sabidas tantas coisas? Não é possível fazer uma viagem e explorar, sem saber nada? Uma viagem dentro da gente mesmo, sem saber o que é bom ou mau, o que é correto ou incorreto, o que deveria ser, o que tem que ser, a não ser simplesmente fazer a viagem sem carga alguma? Essa é uma das coisas mais difíceis, o viajar internamente sem sentimento algum de peso. E enquanto você viaja, descobre não parte dizendo do começo: “isto não deveria ser assim”, ou “isto deveria ser”. Aparentemente essa é uma das coisas mais difíceis de fazer, não sei por que. Olhem senhores, não há ninguém para ajudá-los, incluindo ao que os fala. Não há ninguém em quem ter fé, e espero que não tenham fé em ninguém. Não há autoridade que possa lhes dizer o que é ou o que deveria ser, lhes dizer que caminhem em uma direção e não em outra, que se cuidem dos perigos, todos assinalados já para vocês; a gente está caminhando sozinho. Você pode fazer isso? Você diz: “não posso fazê-lo porque tenho medo”. Tome então o medo e investigue-o até compreendê-lo totalmente. Esqueça da viagem, esqueça-se da autoridade examine toda esta costure chamada medo; medo porque não há ninguém em quem pode apoiar-se, ninguém que lhe diga o que deve fazer, medo porque poderia cometer um engano. Cometa o engano e ao observá-lo saltará instantaneamente fora dele.

Descubra conforme caminha. Nisso há mais criatividade que no ato de pintar, de escrever um livro, de subir ao cenário e fazer de si mesmo um macaco. Há maior se posso usar a palavra, excitação, um maior sentido de...

Interlocutor: Exaltação?

Krishnamurti: OH, não sugira a palavra.

Interlocutor: Se levarmos a cabo nossa vida diária sem introduzir ao observador, então nada perturba o silêncio.

Krishnamurti: Esse é todo o problema. Mas o observador está sempre jogando mutretas, está sempre projetando uma sombra, e desse modo criando mais problemas. Perguntamo-nos se você e eu podemos fazer uma viagem internamente sem saber nada e descobrindo conforme caminhamos, nossos apetites sexuais, nossos desejos e intenções. Essa é uma aventura tremenda, maior que a de ir à Lua.

Interlocutor: Este é o problema. Eles sabiam aonde foram, conheciam a direção a seguir quando decidiram ir à Lua. Internamente não existe direção alguma.

Krishnamurti: O cavalheiro diz que ir à Lua é algo objetivo, que sabemos aonde ir. Aqui, ao fazer uma viagem internamente, não sabemos aonde vamos. Portanto há insegurança e temor. Se você souber aonde vai nunca penetrará no desconhecido; portanto, nunca será a pessoa verdadeira que descobre o que é eterno.

Interlocutor: Pode haver percepção imediata, total, sem a ajuda de um professor?

Krishnamurti: Disso é do que estivemos falando.

Interlocutor: Não terminamos a outra pergunta. Isto é um problema porque sabemos aonde vamos; queremos continuar obstinados ao prazer, não desejamos realmente o desconhecido.

Krishnamurti: Sim, queremos continuar agarrados às abas do prazer. Desejamos nos aferrar às coisas que conhecemos. E com tudo isso desejamos realizar uma viagem. Escalou alguma vez uma montanha? Quanto mais carregado vai, mais difícil é. Até para subir a essas pequenas colinas é bastante difícil fazê-lo se você levar uma carga. E para escalar uma montanha, terá que estar mais livre. Não sei realmente qual é a dificuldade. Queremos levar conosco tudo o que conhecemos: os insultos, as resistências, a estupidez, os deleites, os regozijos, tudo o que experimentamos. Quando você diz: "vou fazer uma viagem levando tudo isso", está fazendo uma viagem a alguma outra parte, não ao interior daquilo que leva consigo. Portanto, sua viagem é imaginária, é irreal. Mas faça uma viagem ao interior das coisas que leva, conhecido-o não ao interior do desconhecido, ao interior do que já conhece: seus prazeres, deleite, desesperanças, sofrimentos. Faça uma viagem ao interior disso, porque isso é tudo o que tem. Você diz: "desejo fazer uma viagem ao interior do desconhecido levando tudo isso e acrescentar a isso o desconhecido, acrescentar outros deleites, outros prazeres". Ou pode que a viagem seja tão perigosa que você diga: "não quero fazê-lo".

Saanen, Suíça, 8 de agosto de 1969

Contraportada

Com O vôo da águia, Paidós inicia a publicação das mais recentes obra do J. Krishnamurti inéditas em idioma castelhano. Nascido faz 79 anos na Índia Krishnamurti começa desde muito tenra idade uma trajetória balizada de estranhos e complexos acontecimentos que desembocam em um vasto movimento esotérico-religioso de dimensão mundial, “toda uma operação Barnum ao dizer do Roger Maria- ereta artificialmente para convertê-lo em um novo Messias, o grande missionário do século XX”. Na cúpula de sua fama, adorado por multidões de seguidores, endeusado, glorificado, Krishnamurti se rebela, renuncia a tudo e faz pedacinhos uma estrutura cuidadosamente edificada para ele ao longo de 18 anos. Fica sozinho. Isso ocorre em agosto de

1929. Desde então são suas palavras: “... só tenho um propósito: fazer ao homem livre, lhe incitar para a liberdade, lhe ajudar a escapar de todas suas limitações”.

A partir dali Krishnamurti desenvolve um incansável trabalho através de todo o mundo; suas conversas e escritos, originalmente em idioma inglês, difundem-se e traduzem ao francês, italiano, espanhol, russo, alemão, português... Sua obra acordada a atenção de pensadores e escritores de renome universal: Bertrand Russell, Aldous Huxley, Bernard Shaw, Henry Miller... Diz este último: “Se Krishnamurti tiver uma missão, essa missão consiste em despojar aos homens de suas ilusões e alucinações, derrubar os falsos pilares de ideais, crenças e fetiches e todos os tipos de muletas, e devolver assim ao homem a plena majestade, a plena potência de sua humanidade (...) Nunca conheci pessoalmente ao Krishnamurti, embora não existe nenhum homem vivente a quem mas me sentiria honrado em conhecer”. (Os livros em minha vida). René Foueré, em seu prefácio ao Krishnamurti e a revolução do real declara: “Estas páginas pretendem chamar a atenção de muitas mentes a respeito de um ensino que nunca foi mais necessária, sobre um ensino que descobre o mal essencial do homem e de todas suas „civilizações” passadas e pressente; a fonte profunda e sutil de barbáries que resistem às reformas assim como às revoluções mais espetaculares e ruidosas”. O leitor poderá apreciar que o estilo do Krishnamurti é singelo, claro direto, carece completamente de complicações técnicas e pode ser entendido por todos sem dificuldade: “Alguém deve fazer algo quando a casa está se queimando! Você não diz, „é impossível eu não acredito, nada posso fazer a respeito” e fica aí sentado observando-a arder. Você faz algo em relação com a realidade, não em relação com o que você pensa que deveria ser. A realidade é a casa que se queima. Talvez você seja incapaz de apagar o fogo antes que cheguem os bombeiros, mas enquanto isso e não há „enquanto isso” absolutamente, você atua em relação ao fogo”. Ação, ação espontânea e direta frente ao feito que chama a atuar. Ação sem “enquanto isso”, sem lucubrações intelectuais que adiam interminavelmente. Ação sem tempo.

Não está demais, entretanto, advertir ao leitor que o enfoque do Krishnamurti pode resultar desconcertante às vezes para o modo habitual de encarar

psicologicamente a vida. Mas como este “modo” deu os frutos que levaram a civilização até sua alarmante alternativa presente se justifica conceder à palavra do Krishnamurti a profunda, séria e inteligente atenção que ela solicita. Possivelmente essa palavra, que chega “ao fundo das coisas”, esteja assinalando a direção correta.

A obra trata os seguintes tema: a liberdade, a fragmentação, a meditação, pode trocar o homem?, Por que não podemos viver em paz, a totalidade da vida, o temor, o transcendental, a violência, a mudança radical, a arte de ver, penetrar no desconhecido.